

REVISTA

DA SEMANA

N. 38 17-9-55 Cr\$ 5,00 em todo o Brasil

O SUBMARINO É O MAIOR DOS PEIXES
UMA REPORTAGEM A 30 METROS DE PROFUNDIDADE

EXCLUSIVO O DESFILE DA INDEPENDÊNCIA VISTO DE HELICOPTERO

TODOS OS ASPECTOS DA PARADA DO DIA 7 DE SETEMBRO, TIRADOS DO ESPAÇO



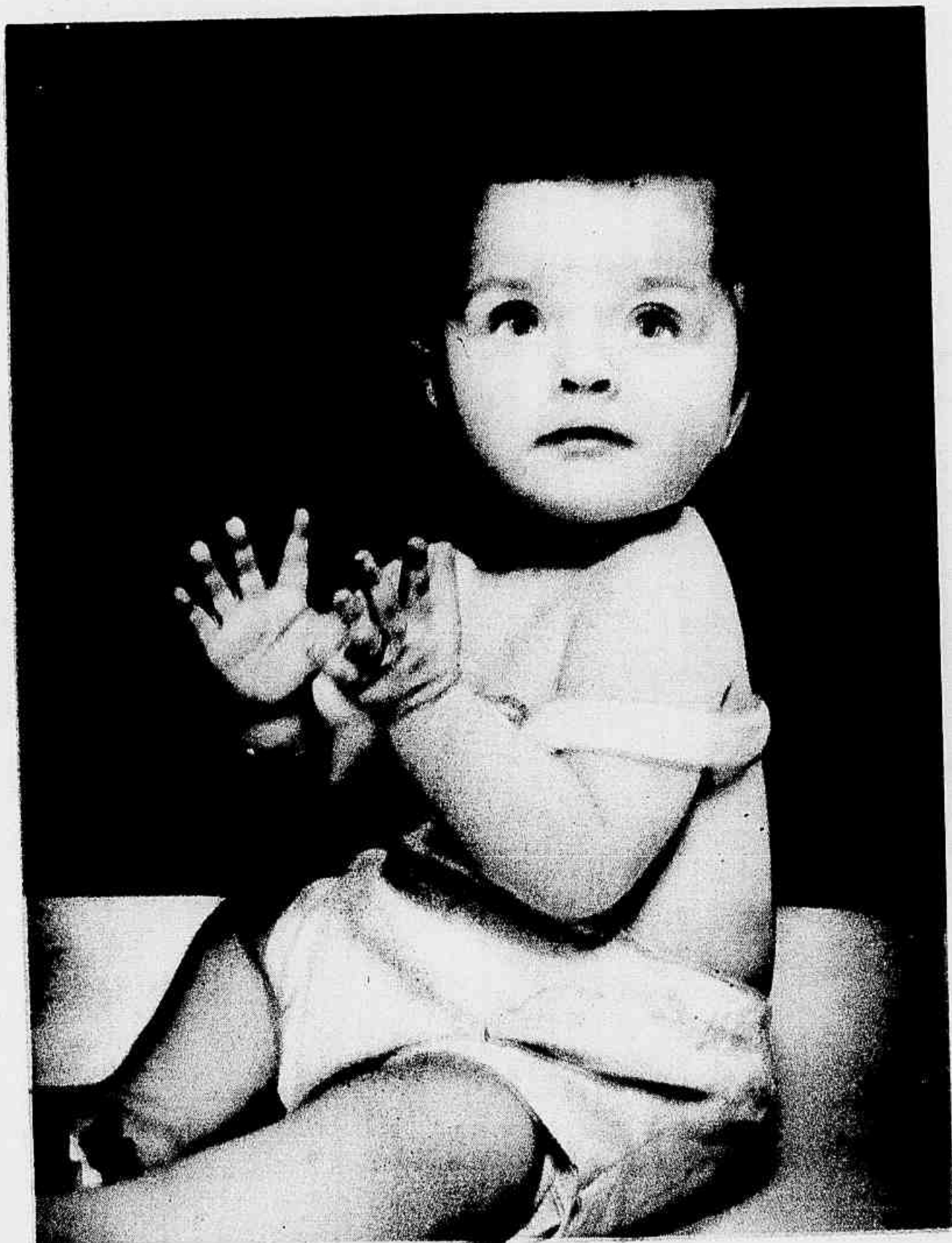
AFINAL DE CONTAS, EU TAMBÉM



E dos cuidados que vocês, adultos, me propiciarem (e às criancinhas em geral) dependerão as gerações de amanhã.

VOCÊS, QUE ME ESTÃO VENDO sorrir, ou levantar, num gesto cheio de elegância, a fímbria do vestido de aniversário, certamente não desconhecem as grandes dificuldades que me assolam de quando em quando, bem como os graves problemas que tive e tenho de enfrentar para sobreviver. Sim, porque nem tudo são rosas no meu caminho, que apenas começou. Há ameaça eternamente a rondar-me, por estranho que pareça. No meu caso particular, tais ameaças chamam-se, esquisitamente: coqueluche, sarampo, difteria, tifo, angina... uma porção de nomes exóticos e perigosos. Bem sei que os grandes, os adultos, os que usam óculos e têm vergonha de brincar, conhecem outras espécies de ameaças, de que têm notícias pelos jornais ou pelo rádio: a presença constante da guerra, as inundações, os desastres de automóveis... Assim esquecem freqüentemente meus pequenos enormes problemas.

SOU IMPORTANTE!

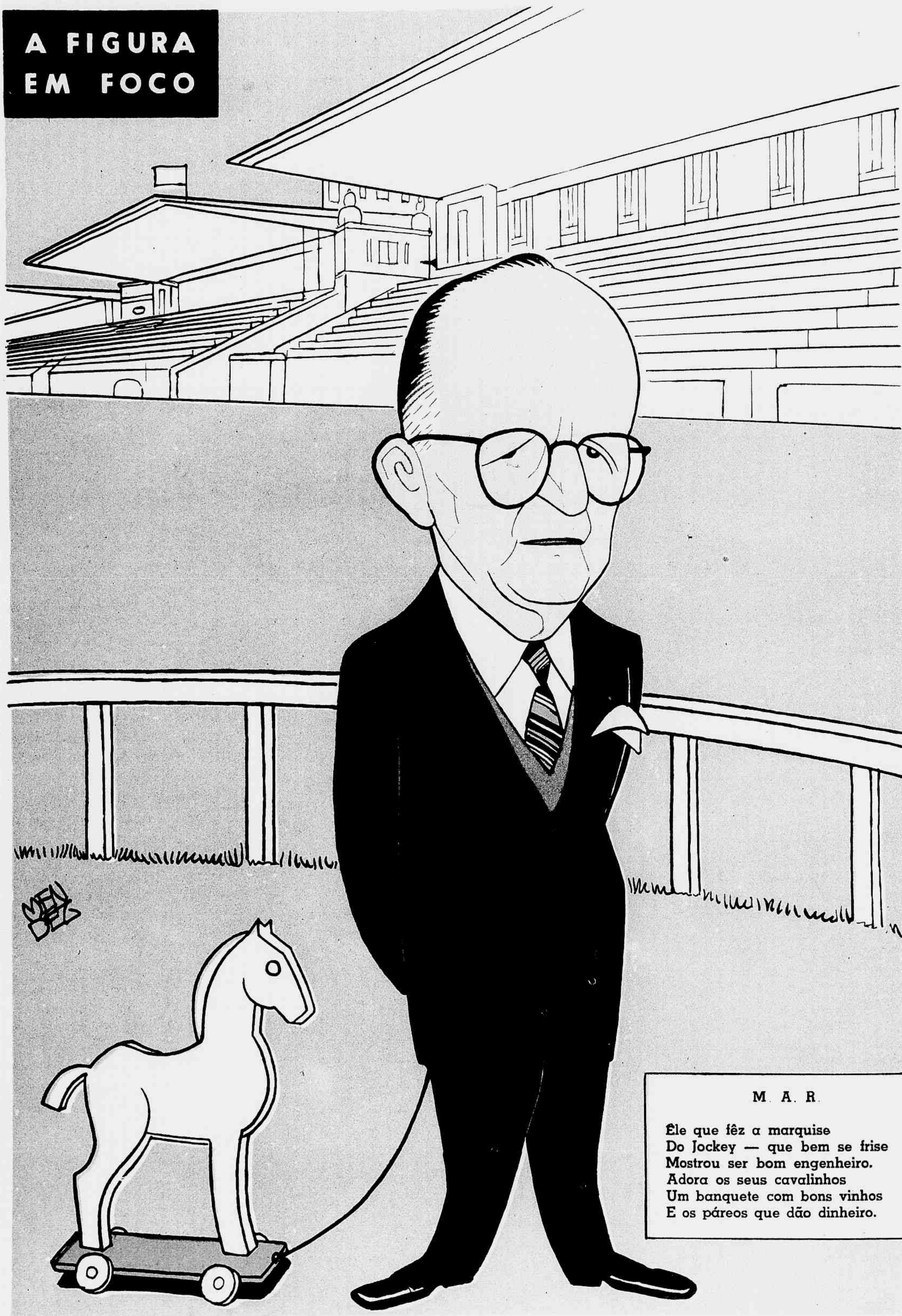


Recordem-se de nós, adultos, que estamos crescendo para substituí-los à frente da Pátria, nos bancos e nas oficinas, no exército e nas artes, nos escritórios e consultórios, em tôda a parte onde a resistência aos duros embates da vida é fator preponderante para a vitória final.

Não o fazem por mal, é verdade, pois também já foram pequeninos, e até de colo, e bem sabem o quanto lhes custava o serem esquecidos ou desprezados. Há tanta coisa que acontece cada dia... Qualquer cristão tem de ficar distraído. Mas afinal de contas, eu também sou importante, e vocês não vão querer ver-me doente, ou infeliz. Olhem bem para a minha cara: ninguém há de desejar que esse sorriso se mude numa expressão de precoce seriedade, ou (sabe lá), numa careta de choro sem manha! Claro que o candidato fulano é melhor que sicrano, por isso, assim assim. Mas olhem também para mim, cuidem de meus problemas, que eu saberei, quando crescer, dar-lhes a paga de tanto desvelo. E talvez até venha a ser também candidato, concorrendo com outros meninos que hoje, como eu, aqui estão, de fraldas e mamadeiras, aguardando impientemente o futuro.



A FIGURA EM FOCO



M. A. R.

Ele que fez a marquise
Do Jockey — que bem se frise
Mostrou ser bom engenheiro.
Adora os seus cavalinhos
Um banquete com bons vinhos
E os páreos que dão dinheiro.

REDATOR-CHEFE Celestino Silveira

ASSISTENTE José Roberto Teixeira Leite

PAGINAÇÃO Victor Tapajós

COLABORADORES — Adalgisa Nery, Demóstenes Varela, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Petrarca Maranhão, Milton Salles, Pedro Müller, Sérgio Silveira e Vinícius Lima.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Ramón Fortuna, Darel e Maria Tereza.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, N. Viana e Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

● REPORTAGENS

Eu Também Sou Importante	2/ 3
O Sete de Setembro	6/ 9
	48/51
Margarida Max	12/13
Monsieur «Dagamá»	18/19
O Submarino É O Maior Dos Peixes	24/29
Retrato da Desorganização	38/40
São Borja — Cidade dos Vargas ...	42/45
Hansel e Gretel No Cinema	54/55

● SEÇÕES

Figura em Foco (Mário de Azevedo)	4
Puxe Pelo Cérebro	10
Champanhota	11
Literária	15
Artes	20
TV Em Revista	21
Fortuna	22/23
Por Esse Mundo de Deus	30/31
Feminina	34/35
Música	36
Palavras Cruzadas	41
Astrológica	46
Cinema e Teatro	47
Revista Há 50 Anos	51
Último Flash	52

● LITERATURA

Celebridade (Adalgisa Nery)	5
O Condenado (José Louzeiro)	16/17
Adriana Lecouvreur (L. Lartigues) ..	32/33

● CAPA:

Debra Paget (Kodakrome da Fox)

Este número consta de 56 páginas



Desenho de MARIA TEREZA

CELEBRIDADE

QUEM procura acha. Ainda não achei mas, que vou encontrar a razão da sua celebridade incontestável, sobre isso não tenho a menor dúvida! Também não ficarei espantada ao ler, qualquer dia destes, que o seu peito cansado e arquejante recebeu as honrarias da condecoração do Cruzeiro do Sul! Até agora, consegui saber que ele se diz um amigo do Brasil, que os seus fãs batem palmas com esta declaração e o seu empresário na nossa terra tudo faz para encontrarmos motivos de aprovação em tão desmedido amor ao nosso país. Diversas vezes disse ele que adora a nossa paisagem, que é louco pela beleza e a elegância das mulheres brasileiras. O resto não disse nem lhe foi perguntado. Mas não precisa explicar porque é amigo do Brasil. Ele disse e está acabado. Quando desce no Galeão demonstrando na face macerada os vincos de uma saudade atroz pela nossa terra, todos se comovem e participam de sua paixão incontida com visível agradecimento à graça tão imerecida! Celebridade indiscutível só pode nos trazer glória na sua preferência e nos seus elogios. Almoça com autoridades, jornalistas, figuras da nossa alta indústria e personalidades fabulosas da nossa sociedade.

● Este de quem falo é o já aposentado ator cinematográfico Walter Pidgeon, figura simpática e mais nada. Lembro-me que o sábio Fleming, na sua primeira visita ao Brasil, já então mundialmente consagrado e venerado por todos os povos, resolveu fazer uma conferência no Ministério da Educação. Um pouco antes da hora determinada, subiu as largas escadas e não tendo ninguém para acompanhá-lo sentou-se num banco, num corredor do Ministério, esperando o momento de penetrar na sala de conferências. Sôzinho ficou até que o descobriam e levado foi, para a mesa principal, ao lado do ministro daquela época. Ao bater com os olhos na quantidade de páginas que o cientista iria ler, o ministro deu um jeito do conferencista pular várias laudas e reduzir ao mínimo as suas explanações científicas. Fleming não interessava e cansava a autoridade governamental.

Acho mesmo que para a nossa mentalidade, uma celebridade é mesmo o Walter Pidgeon e sendo assim deve o Itamarati providenciar com urgência a condecoração do Cruzeiro do Sul, preparar discursos, tomar champanhe e colocá-lo na lista dos grandes beneméritos da humanidade.

Não precisa apresentar grandes feitos, nem resultados de trabalhos imortais. Basta dizer que é amigo do Brasil e que as mulheres brasileiras são as mais belas e as mais elegantes do universo. Com isso terá o seu peito cansado, servindo de estojo para o Cruzeiro do Sul! Por acaso alguém vai negar ao Walter Pidgeon o título de celebridade?

ADALGISA NERY

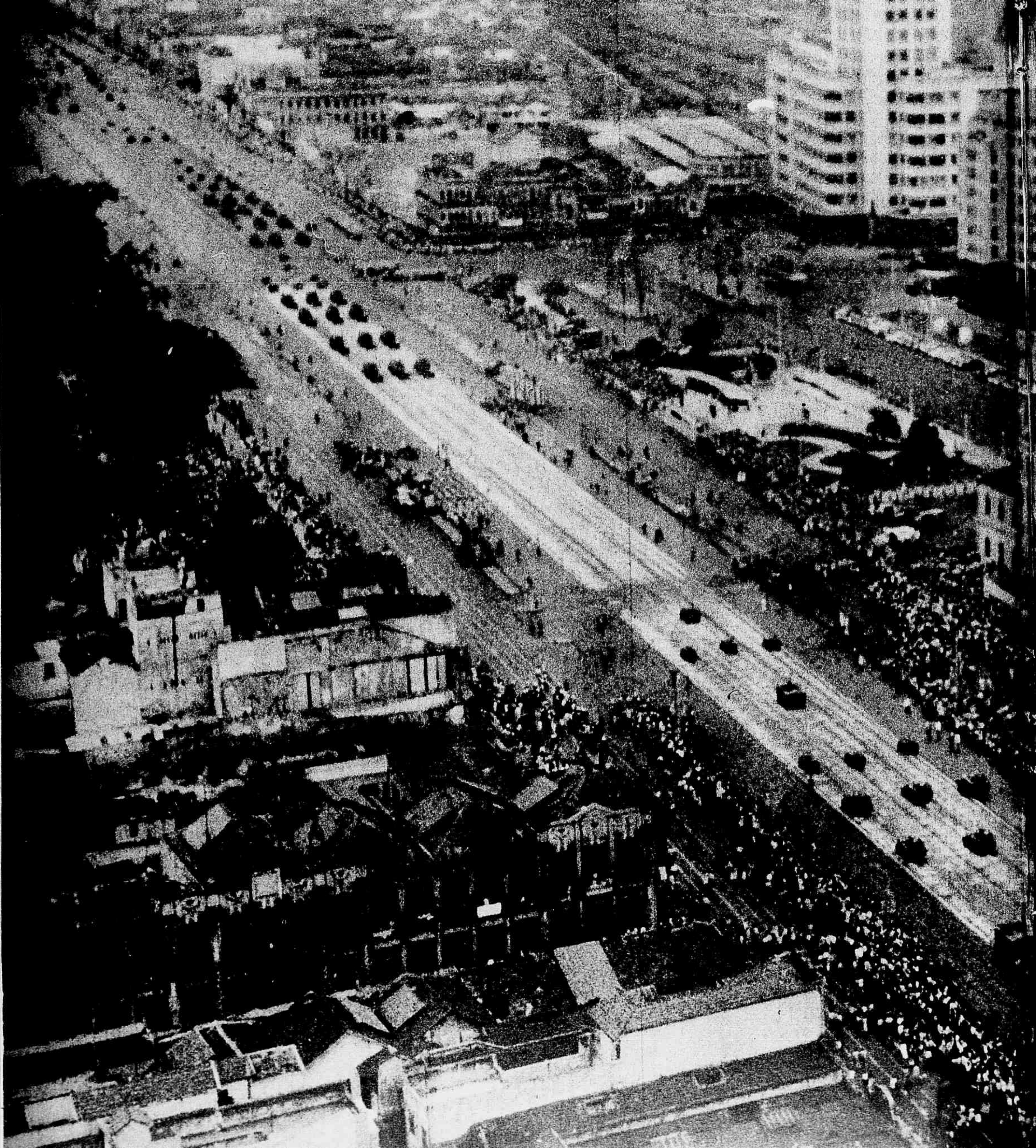
O "BEIJO DE EL DIABLO"

● A partir do próximo número, REVISTA DA SEMANA encetará a publicação da empolgante novela «O BEIJO DE EL DIABLO», de autoria da conhecida escritora policial norte-americana Barbara Cartland. Não deixem de acompanhar os emocionantes e movimentados episódios de «O Beijo de El Diabolo», que divulgaremos com exclusividade para todo o Brasil, com ilustrações de Ramon.

O DESFILE IMPONENTE

DO DIA DA PÁTRIA

FOTOGRAFADO DE HELICÓPTERO





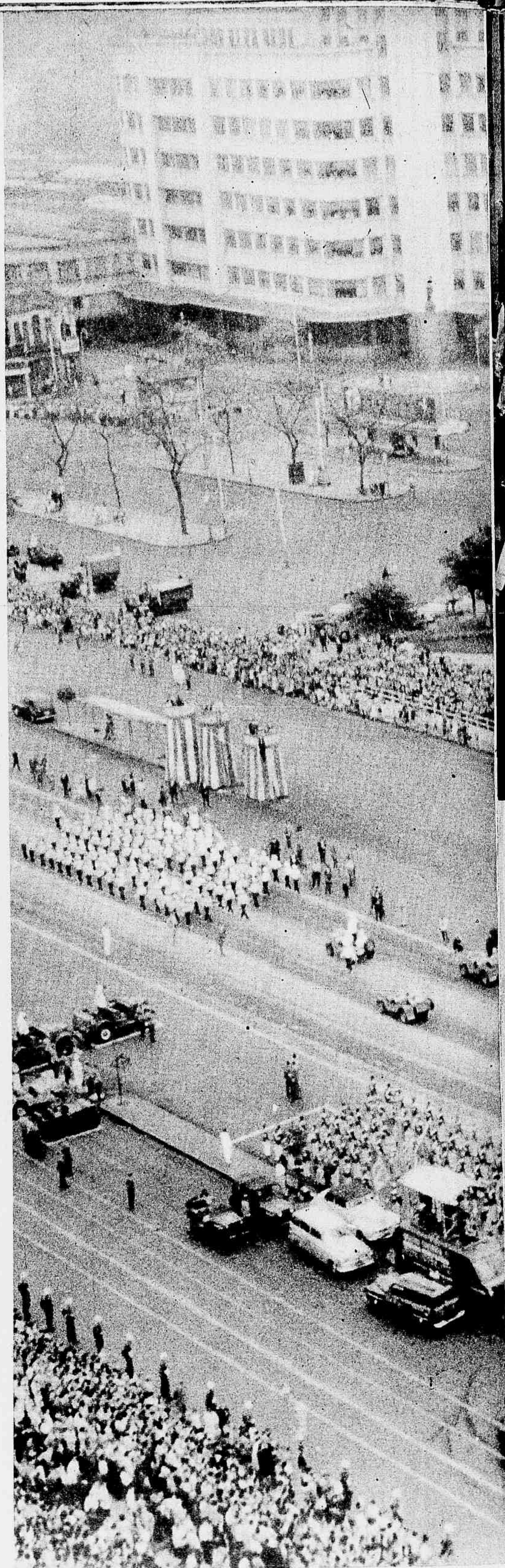
AO LONGO DA AVENIDA Pres. Vargas, sob as ovações populares, desfilam as viaturas militares, conduzindo poderosos canhões.

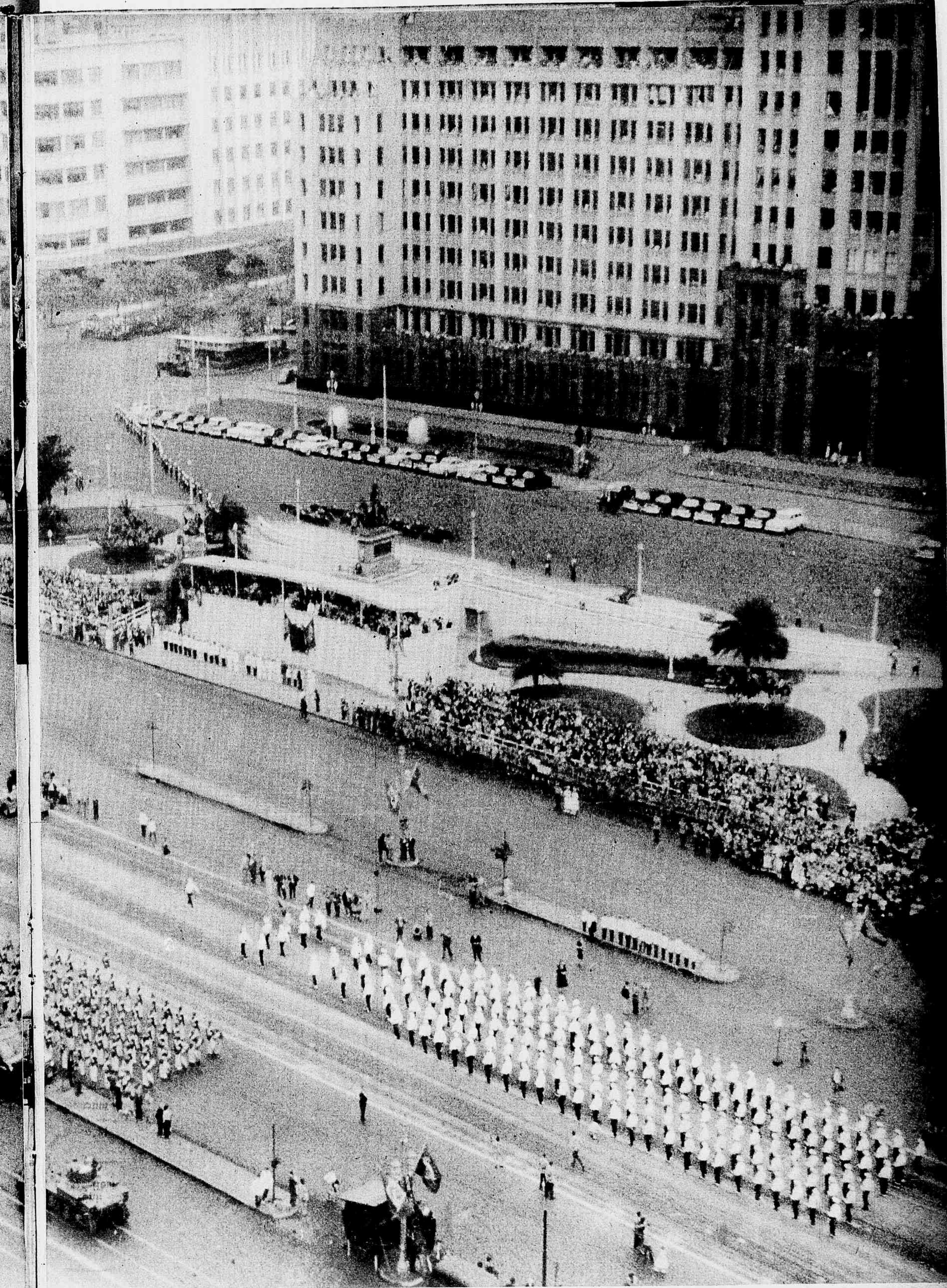
Aquêle helicóptero da F.A.B. que a pequena altura sobrevoou consecutivamente, em tôda a extensão, a parada de 7 de Setembro, transportava o nosso fotógrafo Alberto Ferreira, o único a obter flagrantes aéreos dessa exibição militar.

Fotos de
ALBERTO FERREIRA, NEWTON VIANA e SÉRGIO ANDRADE

COM O BRILHANTISMO dos anos anteriores, transcorreu êsse Sete de Setembro, Dia da Pátria. Na manhã profundamente favorável, isenta de calor e de sol intenso, realizou-se a grandiosa Parada Militar, na qual cerca de vinte e cinco mil homens, das três Armas de que se compõe o Exército Brasileiro, desfilaram de maneira impecável. Ante o palanque de honra, armado à frente do Panteon da Pátria, onde estão os ossos de Caxias, Patrono do Exército, e os Heróis Brasileiros tombados em várias guerras, para uma assistência ilustre, que compreendia o Presidente da República, altas autoridades militares, civis e eclesiásticas, membros do Corpo Diplomático e personalidades várias, o Soldado Brasileiro mais uma vez demonstrou sua excepcional forma, reafirmando novamente seu amor pela Pátria, capaz de apontar-lhe o último sacrifício. (Ver página 48 e seguintes.)

ANTE A ESTÁTUA equestre do Duque de Caxias, Patrono do Exército Brasileiro, os caças a jato da F.A.B. efetuam perigosas evoluções. A multidão assistiu empolgada ao grandioso desfile das fôrças de terra, mar e ar do Brasil. Os ritmos marciais tomaram conta da cidade.





Puxe pelo cérebro

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1) Diogo Cão foi um célebre:
 - astrônomo?
 - navegador?
 - alquimista?
- 2) O Rio Maddavia é um poema sinfônico de:
 - Smetana?
 - Bruckner?
 - Kodaly?
- 3) Pintou o «Triunfo da Morte»:
 - Pieter Bruegel?
 - Bruegel de Velours?
 - Bruegel d'Enfer?
- 4) O alfabeto russo possui:
 - 28 letras?
 - 32?
 - 25?
- 5) A Tasmânia foi assim batizada em homenagem:
 - a seu descobridor?
 - seu primeiro governador?
 - ao rei da Inglaterra?
- 6) Escreveu «Triste Fim de Policarpo Quaresma»:
 - Lima Barreto?
 - Monteiro Lobato?
 - Afrânio Peixoto?
- 7) Imaginou os Jogos Olímpicos:
 - Ling?
 - Couperin?
 - Baden Powell?
- 8) O chefe do movimento sionista foi:
 - Hertz?
 - Marx?
 - Heifetz?
- 9) A Sonata «O Trilo do Diabo» é de:
 - Martini?
 - Puccini?
 - Tartini?
- 10) «Mare Liberum» é um livro de:
 - Grotius?
 - Puffendorf?
 - Bartolus?
- 11) Van Gogh chamava-se ao todo:
 - Vincent Van Gogh?
 - Vincent Jeroen Van Gogh?
 - Vincent Willem Van Gogh?
- 12) O Estreito de Breves fica:
 - No Pará?
 - No Ceará?
 - No Piauí?
- 13) Balboa conquistou o:
 - Panamá?
 - Haiti?
 - Salvador?
- 14) Escreveu a «Teogonia»:
 - Hesíodo?
 - Alceu?
 - Homero?
- 15) Para ser senador, qual a idade mínima?
 - 21?
 - 35?
 - 25?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS:

1) Navegador; 2) Smetana; 3) Pieter Bruegel; 4) 32 letras; 5) A seu descobridor, Tasmânia; 6) Lima Barreto; 7) Couperin; 8) Hertz; 9) Tartini; 10) Grotius; 11) Vincent Willem; 12) No Pará; 13) Panamá; 14) Hesíodo; 15) 35 anos.

Adolescentes



Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais rapidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povoa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade,

o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em boas condições a moçinha deve ser preparada física e psicologicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto **Regulador Gesteira** é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dores durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do **Regulador Gesteira**.

A acção que o **Regulador Gesteira** exerce sobre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do **Regulador Gesteira** o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

LEIAM:

EU SEI TUDO

TODOS OS MESES NOS JORNALEIROS

PREÇO CR\$ 7,00

Não quasi
UM SÉCULO

Milhares de homens
em todo o Brasil
preferem este
colçado

AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fino



Calçado
SOUTO

Conforto
máximo
Garantia
absoluta

Os padres dominicanos estão fazendo um belo trabalho — numa noite de gala, lançada a peça "O Rio"

● Numa belíssima e concorrida noite de gala, a Sociedade carioca compareceu para assistir a "avant-première" da peça "O Rio", de autoria do jornalista Carlos Lacerda, em benefício da Associação Brasileira Beneficente de Reabilitação, campanha particular de caráter filantrópico.

Merecem o elogio desta página as "patronesses" desse acontecimento e, num dever de justiça, destacamos a atuação da Sra. Marisa Murray que, mesmo durante a representação, manteve-se em atividade, orientando e tomando providências.

Prestigiaram este acontecimento social e artístico o sr. e sra. Júlio Lima Neto, sr. e sra. Marcelo Garcia, sr. e sra. Celso Rocha Miranda, sr. e sra. Carlos Rohr, sr. e sra. Clito Bokel, sr. e sra. Paulo Paranaguá, sr. e sra. Osvaldo Azevedo, sr. e sra. Jorge Faria, sr. e sra. Mário Marchese, sr. e sra. Arnaldo Brenha, sr. e sra. Júlio Leite, sr. e sra. Sidnei Murray, sr. e sra. Roberto Marinho, sr. e sra. Carlos Lacerda, sr. e sra. João Miranda Jordão, sr. e sra. Aloísio Sales, sr. e sra. Francisco Mc Dowell, sr. e sra. Flávio Goulart de Andrade, sr. e sra. Maurício Lacerda Filho, deputados Castilho Cabral, Armando Falcão e senhoras, sr. e sra. Roberto Bulcão, sr. e sra. Dreyfus Catan, srs. Nelson Seabra, Lauro de Souza Carvalho, Percy Murray, Gastão Maciel, Plácido Rocha Miranda, jornalistas Al Netto, Ibrahim Sued, Maluh de Ouro Preto, Pomona Politis e Claude Vincent.

Um segundo grande acontecimento social, também de caráter filantrópico, foi a apresentação em "avant première", do filme "Melódia Interrompida". O "Metro" ficou completamente lotado por pessoas que foram concorrer para a Fundação da Universidade Internacional de Música da Juventude Musical Brasileira. Anotamos a presença do maestro Eleazar de Carvalho e senhora, sr. e sra. Aloísio Muniz Freire, sr. e sra. Roberto Boavista, sr. e sra. Eurico Amado, sr. e sra. Munhoz da Rocha, sr. e sra. Pepe Caraballo, sr. e sra. Osvaldo Rizzo, sra. Ministro Alencastro Guimarães, sr. e sra. Flávio Goulart de Andrade, sr. e sra. Alfredo Berenger.

Antes de se iniciar a projeção do filme, o maestro Eleazar de Carvalho homenageou os presentes, regendo a Orquestra Sinfônica Brasileira.

★

Como em todas as partes do mundo onde atuam, os padres Dominicanos no Brasil — apenas 37 — estão desenvolvendo formidável obra de educação que se torna ainda maior se atentarmos no reduzido número de grades. Sob a

proteção destes religiosos, inúmeras são as vocações culturais que se desenvolvem.

Neste momento, os Dominicanos estão empenhados na conclusão de um grande colégio que fundaram. Escolhendo entre os discípulos criaram os "Pequenos Cantores de São Domingos", grupo coral que obteve tal resultado que provocou a organização chamada "Sociedade de Amigos dos Pequenos Cantores de São Domingos". E aí entramos nós, os cronistas sociais, que fomos convidados para um "cocktail" e para colaborar nesta campanha, o que fazemos com satisfação.

Nosso primeiro trabalho é noticiar que a "Sociedade" neste momento patrocina um concerto do grupo coral, dia 19, às 21,30 horas, no Teatro do Copacabana, em favor do colégio. São patronesses desta reunião musical as sras. Carlos Luz, Aires Fonseca Costa, Austregésilo de Athayde, Alberto Proença de Faria, Antônio Ribeiro Martins, Antonieta Duclos, Clotilde de Melo Viana, Carlos Leckie Lôbo, Dora Camaret, Edmundo Lins Neto, Francisco Elisio Pinheiro Guimarães, Frederico Brandão, Fernando Jac-



No intervalo da peça "O RIO", vemos a senhorita Marta Rocha e o sr. Tony Seabra Moggi.

ques, Guilherme Pessoa de Queiroz, Guy Neves da Rocha, Hermano Antônio Braem, Hugo Meira Lima, Hugo Rodrigo Otávio, José Willemssens, Joaquim Guilherme da Silveira, José Augusto de Macedo Soares, Joaquim Queiroz Matoso, João Barbara, João Dutra, John Gardner Williams, Leonel Miranda, Lena Pinho, Lars Janer, Maria Luiz San Juan de Ouro Preto, Margarida Silva Ramos, Mário Collazo Pittaluga, Milton Fontenelle de Araújo, Manoel Fontes, Nelson Batista, Nestor Alvares, Osvaldo Cruz Filho, Otacilio Gualberto, Otávio Faria, Paulo Sampaio, Paulo Willemssens, Paulo Tacla, Roberto Marinho Filho, Ricardo Jafet, Teodoro Arthou, e as sras. Gilda Robichez, Marilu Montenegro, Maluh de Ouro Preto, Suzana Gonçalves e Sônia Gonçalves.

★

Tive a satisfação de receber a revista especializada (xadrez, palavras cruzadas, bridge e etc.) que me foi remetida pelo sr. Renato Portela, meu ex-companheiro de "Diário Carioca", um dos lançadores da "Decifra-me". Felicidades, Renato.

INTERNACIONAIS

★ Numa grande festa, na Espanha, Picasso, compareceu com um grande "sombreiro" e uma guitarra, ao passo que seu velho amigo, Jean Cocteau apresentou-se de "toreador". Todos os outros convidados estavam vestidamente seriamente. Eram os dois velhinhos de alma jovem.

★ Quando Gianni Agnelli partiu para o Brasil, sua esposa, Marella seguiu para a Itália, a fim de esperar o nascimento de seu filho. Esta a razão por que o sr. Agnelli está só em nosso país.

★ Atualmente, em Roma, a sra. Sforza Ruspolis é considerada a Senhora mais bonita daquela cidade.

★ Em San Tropez, Karim e Arim, filhos de Ali Khan tiveram os pés e as pernas queimadas, quando pegou fogo sua lancha. Os ferimentos são sem nenhuma gravidade. O príncipe indiano está muito contente com a notícia de que sua filha, Yasmin, poderá passar algumas semanas com ele.

★ Comenta-se na Riviera que Sadri Khan, filho mais moço do Aga Khan, se casará com a bonita Princesa Shanaz Pahlevi, de 15 anos, filha do Xá do Irã com a Imperatriz Fawzia, irmã do ex-Rei Farouk.



Num grupo de senhoras, na mesma ocasião, vemos a sra. Marisa Murray e a srta. Regina Goulart de Andrade



MARGARIDA MAX

CONFIDÊNCIAS DE "LA GARÇONNE"

EIS MARGARIDA MAX, cuja versatilidade na arte teatral permitiu-lhe abranger todos os ramos em que se subdivide.

FOI em Franca, São Paulo, que, no teatrinho amador de seu cunhado, Margarida Max, pela primeira vez arcou com as responsabilidades de uma representação. Tinha somente 14 anos, e substituiu uma das jovens atrizes, que doente, não poderia tomar parte em «As Duas Gatas». Tão bem se saiu, que passou a integrar, em caráter definitivo, o elenco da importante casa de espetáculos...

Como, porém, após alguns meses de experiência, já não lhe bastasse o amadorismo, decidiu-se a ingressar, contra a vontade de seu pai — o engenheiro construtor Carlos Tocatelli — e de toda a família, na Companhia de Alzira Leão, na qual tirou todo um longo curso de «Mambembe» pelo interior de São Paulo e Mato Grosso. Nesse último Estado, principalmente, foi obrigada a experiências absolutamente inéditas em sua vida, como, por exemplo, andar de carro de boi, ou cozinhar em latas vazias de banha, de vez que não havia um só hotel em toda a região. A própria Cuiabá era então de tal modo atrasada, que os espectadores eram obrigados a levar, para o «teatro», os próprios bancos e cadeiras, onde sentar. Ao retornarem do espetáculo, envoltos na mais densa escuridão, quanta vez não se assustavam, ao notar que o solo em que haviam pisado, e que tão nitidamente se deslocara, não era mais nem menos que o couro imperceptível de uma vaca, deitada à beira da estrada?!...

Margarida Max sorri, ao recordar seus tempos difíceis.

— A Companhia, em seguida, foi para o Teatro Colombo, no Braz, onde se representaram dramalhões do tipo da «Dama das Camélias». E com que êxito!

Em 1923, porém, Margarida viria para o Rio. Chegada à capital, engajou-se no elenco de Oduvaldo Viana, estreando na peça «A Vida é um Sonho», do citado teatrólogo. A estrêla da companhia era Abigail Maia, e os astros se chamavam Jorge Diniz, Plácido Ferreira, Procópio Ferreira...

— Com a companhia de Oduvaldo Viana fui até ao Prata, fazendo uma temporada de três meses no Teatro Odeon, de Buenos Aires. Foi

essa a primeira ocasião em que um elenco brasileiro fez comédia na Argentina.

Após uma temporada paulista, ao lado de Procópio, eis Margarida Max de novo no Rio de Janeiro. Desta vez, está sem dinheiro, e tem de hospedar num hotelzinho da rua Pedro I, pagando a importância de oito mil réis a diária. Por uma semana procurará inutilmente emprego. Gastou já quase todo o dinheiro de que dispunha, quando encontra providencialmente Oduvaldo Viana, que a encaminha ao empresário Neves. Esse, então a braços com um difícil problema (sua primeira atriz, às vésperas da estréia, indis põe-se com a companhia e se retira), contrata-a imediatamente: fará o papel central de «La Garçonne», uma nova revista de Marques Pôrto e Afonso de Carvalho. Faltavam 4 dias apenas para a estréia, e Margarida teve de decorar o já extenso papel, e mais quatro números acrescentados especialmente para suas características: «Um Garoto», «A Baianinha», «A Empregada de Firmino» e «Alegria dos Salões».

A representação foi um sucesso. E o tipo de cabelo usado por Margarida criou um estilo novo, o penteado «à la garçonne». Os jornais começavam a tratar da jovem atriz, que, já agora estrêla do elenco, representava peça sobre peça: «Me leva, meu bem», «Ouro à besa», «Comidas, meu santo»...

Passando ao Carlos Gomes, é apresentada na «Mascote», mal aceita pelos críticos. O empresário não se conforma, e resolve apresentar a peça, com um novo nome e sob roupagens luxuosas (trezentos contos foram gastos na montagem, quantia fabulosa para a época). Escusado é dizer que «O Turumbamba» foi um sucesso retumbante.

Entrementes, notando que a voz é fator preponderante para o êxito de uma atriz, Margarida Max começa a tomar lições de canto. E é como intérprete de operetas que há de se apresentar em breve, cantando «Kelani», no Teatro João Caetano, empresada por Viggiani, que acabara de organizar a Companhia Brasileira de Grandes Espetáculos Musicados. Foi ali que conheceu o tenor Marcel Klass, com quem se



O «NU ARTÍSTICO» já era feito, naquela época. Mas de maneira discreta, sem a violência e a crueza hoje em dia vistas.

COMEÇANDO COM "MAMBEMBE", TERMINOU CANTANDO ÓPERAS NO MUNICIPAL, APÓS FAZER TEATRO NO RIO E EM TODO O BRASIL. COM UM BREVE ESTÁGIO NOS DOMÍNIOS DA OPERETA ★ MARCEL KLOSS, ESPÓSO E PROFESSOR IDEAL ★ A RAINHA DO TEATRO DE 1927 RECORDA SUA VIDA DE VITÓRIAS (E DE ALGUNS OBSTÁCULOS TAMBÉM) À REPORTAGEM DA "REVISTA DA SEMANA"

Texto de ALEXANDRE DE ALENCASTRE



O CABELO «A LA GARÇONNE» popularizou-se, graças a seu desempenho na revista de Marques Pôrto e Afonso de Carvalho.



UM DIA, MARGARIDA surgiu vestida de homem. Foi um escândalo. Até a imprensa falou. Mas a moda estava lançada.

casou. Na mesma temporada fez «Vênus», de Stoltz, «Rapsódia Carioca», e «Mariuza», de Cláudio de Souza — ao que parece, a única obra, no gênero, deixada pelo escritor.

Em maio de 1937, afinal, no enorme palco do Teatro Municipal, Margarida Max fazia sua estréia na ópera interpretando a «Tosca», de Puccini, para uma platéia sabidamente exigente e acostumada aos maiores nomes do teatro lírico. Do êxito de sua apresentação como cantora lírica, basta dizer que a ária «Vissi d'arte» teve de ser bisada, ante a calorosa reação da platéia entusiasmada.

FATOS CURIOSOS E REMINISCÊNCIAS

É Margarida Max quem nos conta esse fato consigo, ocorrido:

— Um dia — eu me dispunha a ensaiar «Kerani», no João Caetano — a fim de ganhar um pouco de tempo, bem como para facilitar meus próprios movimentos, resolvi eu comparecer ao teatro do jeito como muitas vezes costumava me trajar em casa: em traje masculino, calças compridas e paletó. Foi um escândalo. Ao mesmo tempo, a moda estava lançada, e já no outro dia havia mulheres que cruzavam as ruas da cidade em austeros trajes masculinos. Benjamin Constatat até escreveu uma crônica o respeito:

— «A senhora Margarida Max, com o prestígio de seu desembaraço, apareceu, ontem, na cidade, vestida de homem. Eu senti não estar presente ao seu ato de heroísmo. Seu jaquetão e seu jeto mereciam espectadores. E assim nós começaremos a sofrer a concorrência desleal da mulher, até no terreno das roupas. Depois de nos terem conquistado tudo, desde os empregos até nós mesmos... conquista agora as nossas calças».

A ATUALIDADE

O público esquece com facilidade. E com rapidez. Seus ídolos brilham um momento, logo cintilam, e após se obscurecem. Margarida Max, que foi a maior estrela de sua época, e cuja versatilidade abrangeu da revista até à ópera, que chegou a ganhar o título de «Rainha

do teatro» em 1927, com nada menos de 27.693 votos, hoje mal é reconhecida, ao passar pelas ruas, ou numa reunião social. Sic transit gloria mundi. Sem ter queixas, propriamente, fez ao repórter, por ocasião da presente entrevista, certas críticas ao atual teatro de revista, que não deixam de ser interessantes:

— A meu ver, só o que progrediu foi o nu artístico. Nu artístico, há até em excesso. Quanto às «grandes montagens», os «guarda-roupas luxuosos», também nós, da geração passada, os possuíamos. Veja as fotografias de «O Turumbamba», por exemplo. Mesmo o nu artístico chegou a ser um dia por mim utilizado. Mas de maneira discreta e velada, com cambiantes de luzes suaves, e com quatro cortinas de gaze na frente, a fim de atenuar um pouco a realidade. A cena representava um jardim, onde uma atriz francesa, completamente nua, fazia de estátua sobre um pedestal, tendo ao lado um repuxo.

— E dentre as suas recordações, há alguma que mais de perto a afete?

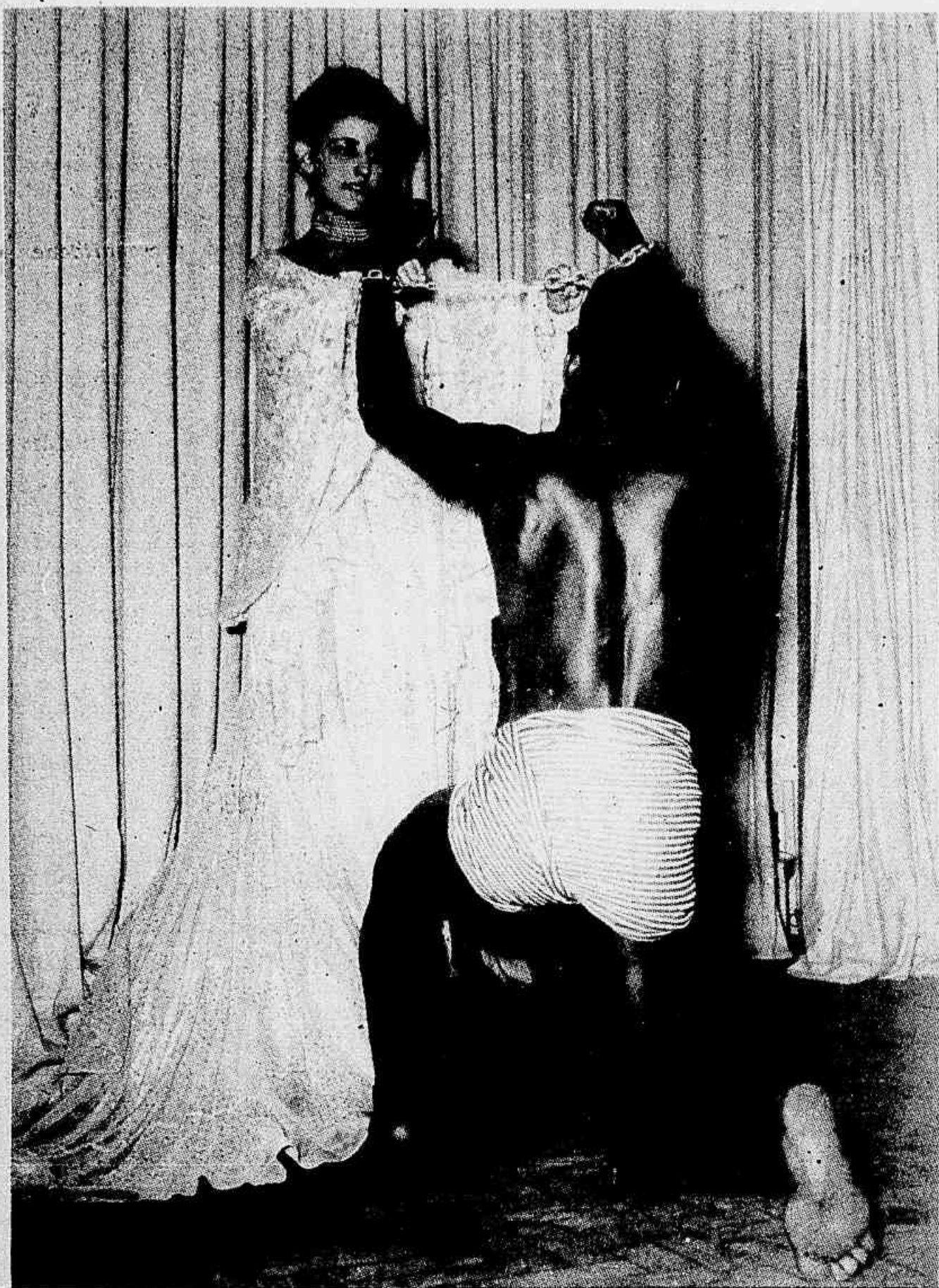
— Guardo avaramente um retrato a mim dedicado pelo célebre tenor Tito Schipa, em que bondosamente me qualifica de «genial atriz». Isso, porque na véspera tinha me visto interpretar, numa revista, nada menos de dezoito papéis diferentes...

Sobre a estréia de Margarida Max na ópera, assim se manifestaram alguns críticos:

«Seguindo uma orientação séria, estudiosa e perseverante, a conhecida atriz aproveitou sua voz, que até então não soubera absolutamente usar, tornando-se efetivamente uma boa cantora lírica». (Sílvio Moreaux).

«Logo no dueto com Mário, a nova Tosca demonstrou a sua voz clara e vibrante, bonita, com uma arte toda sua nas atitudes e nos gestos. O teatro lírico nacional está de parabéns: ganhou outra artista de real valor». (A Vanguarda).

«Sua voz delicada e cariciosa, de timbre claro na sua sonoridade suave, surpreendeu como uma novidade tanto mais grata, quanto a estrela de revista se mostrava uma cantora educada». (A Nota).



Comemoração do dia 13 de maio pelos alunos do Educandário.

EDUCANDÁRIO HELVECIO XAVIER LOPES

● Foi solenemente inaugurado no dia 8 de março do corrente ano, pelo Ministro do Trabalho, Sr. Napoleão Alencastro Guimarães, o educandário Helvécio Xavier Lopes, graças à inspirada iniciativa do Presidente do IAPETC, Dr. Helvécio Xavier Lopes. O moderno estabelecimento de ensino dispõe de curso de jardim de infância, creche, escola maternal, primário, admissão, ginásio, clássico, científico e, ainda, curso de corte e costura, arte cênica, contabilidade e educação física. A frequência atual do Educandário em aprêço é de 1.000 alunos, filhos de contribuintes do IAPETC. Cumpre-nos acrescentar que os cursos mantidos por aquele colégio são inteiramente gratuitos. O Educandário Helvécio Xavier Lopes está situado na Av. Teixeira de Castro, 407, na parte mais central do bloco residencial do IAPETC, em Bonsucesso, e tem como coordenador dos seus importantes cursos o sr. Mário Trigo de Loureiro. Faz parte do plano de assistência aos contribuintes do IAPETC nesta nova fase, as atribuições daquela prestigiosa entidade de classes, no que se refere ao problema educacional do país. A par deste notável empreendimento (criação e manutenção de uma escola) pretende o Dr. Helvécio Xavier Lopes estender o seu programa educacional por todo o Estado do Rio, já tendo-se articulado para tanto com o Gov. Miguel Couto Filho, no intuito de que seja possível a doação de um terreno no centro de Niterói, o que possibilitará a fundação de outro instituto de educação. Ao lado dos cursos mantidos pelo Educandário Helvécio Xavier Lopes espera-se que o Presidente do IAPETC resolva organizar também cursos de religião, o que virá enaltecer ainda mais a obra já realizada.



Aspecto de uma conferência sobre o Duque de Caxias

PREPARATIVOS PARA A ELEIÇÃO DA

RAINHA DAS ASSOCIAÇÕES PORTUGUÊSAS

INICIATIVA DA "REVISTA DA SEMANA" EM COMBINAÇÃO COM A "VOZ DE PORTUGAL" E A RÁDIO GLOBO ★ TAMBÉM ADEREM AS ASSOCIAÇÕES DE SÃO PAULO ★ ATÉ 31 DE DEZEMBRO, APRESENTAÇÃO DAS CANDIDATAS ★ PROCLAMAÇÃO DA RAINHA, EM JANEIRO ★ EMBARQUE DEPOIS DO CARNAVAL

● Semanalmente vem se realizando na sede do Liceu Literário Português reuniões dos promotores desse concurso, para acertar detalhes importantes. Entre outras decisões, foram tomadas as seguintes:

1ª) — Cada associação portuguesa, do Rio ou dos Estados, deverá eleger (por conta própria) a sua representante, candidata ao título de Rainha das Associações Portuguesas, até 31 de dezembro próximo. Sua apresentação oficial poderá ser feita no «reveillon» da passagem de ano.

2ª) — No dia 22 de janeiro de 1956, será feita a primeira prova eliminatória para a escolha da Rainha, com o desfile de todas as candidatas.

3ª) — No dia 29 do mesmo mês — uma semana após — as semi-finalistas serão apresentadas em outro desfile a realizar-se, provavelmente, no Clube Ginástico Português, para a proclamação da Rainha. Todas as finalistas serão automaticamente proclamadas Princesas.

4ª) — O embarque da Rainha das Associações Portuguesas, com a pessoa que a acompanhar, terá lugar depois do Carnaval de 1956, em março ou abril.

5ª) — A comissão julgadora será composta de figuras ilustres, brasileiras ou portuguesas, cujos nomes só em devido tempo publicaremos.

UM PRÊMIO DE CR\$ 20.000,00

A Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria, em reunião de diretoria, deliberou oferecer à Rainha um prêmio de Cr\$ 20.000,00 (vinte mil cruzeiros), para suas despesas.

GRANDE INTERESSE EM SÃO PAULO

Estêve em São Paulo, em dias da semana transata, o sr. Manuel Lopes Valente, um dos diretores da Casa da Vila da Feira e Terras de Santa Maria e um dos animadores deste concurso. Na capital paulistana e em Santos entrou em contacto com a diretoria de várias associações portuguesas que desde logo hipotecaram a sua adesão,

prometendo cuidar, sem demora, da escolha de suas representantes. Entre essas entidades, destacam-se o Centro Trasmontano, o Centro do Douro e a Casa Ilha da Madeira. Na mesma ocasião, ficou designado representante dos promotores do concurso, o sr. Antônio Pereira, delegado da «Voz de Portugal» na aquela capital.

MANDEM FOTOGRAFIAS

● A REVISTA DA SEMANA divulgará flagrantes fotográficos das candidatas em todo o país. Queiram as interessadas remetê-los para a Redação da REVISTA DA SEMANA — rua Maranguape 15, Rio de Janeiro. Todos os domingos, às 19.05, no programa «Revista de Portugal», da Rádio Globo, nosso companheiro Celestino Silveira divulga as novas instruções desse certame. E a «Voz de Portugal», semanalmente, orienta seus leitores e os interessados, pelas suas colunas, com farto noticiário.

UM ESTADISTA DA REPÚBLICA

● Numa demonstração de entusiasmo e amor filial, dedicação e cultura universalista, o sr. Afonso Arinos de Melo Franco vem de publicar uma bem planejada obra em três volumes (Livraria José Olímpio Editora) em que estuda a personalidade de seu eminente progenitor, o embaixador Afrânio de Melo Franco, numa edição rica de documentação, inclusive fotográfica, que se eleva a 1.700 páginas. Nessa obra de fôlego (com 60 ilustrações fora do texto) o sr. Afonso Arinos pôs todo o carinho, — dando o melhor de sua inteligência privilegiada nos revelando fatos ainda totalmente desconhecidos, passados nos bastidores da política, principalmente aqueles em que Afrânio de Melo Franco se vê como centro de atenções, quando da eclosão e vitória do movimento revolucionário de 1930 em Minas Gerais, com posterior irradiação até à capital da República. É o retrato fiel de uma fase importante da História política do Brasil. O estudo está dividido em três partes, em que a figura do pacificador de Letícia nos aparece em sua fase provincial primeiro, depois em sua fase nacional e finalmente em sua fase internacional. Nesta última, foi que melhor se afirmou o gênio diplomático de Afrânio de Melo Franco, quando, ao exercer as funções de Ministro do Exterior do Brasil, teve de se debruar com a complexa questão do Chaco Boreal entre a Bolívia e o Paraguai, em que o nosso país foi parte como mediador, vindo mais tarde Afrânio a se destacar ainda mais, quando conseguiu estabelecer a paz entre o Peru e a Colômbia, na chamada questão de Letícia.

Foi nessa ocasião que a estrela do grande chanceler brilhou mais intensamente, tendo sido seu nome até objeto de cogitações na Europa, a fim de lhe ser outorgado o Prêmio Nobel da Paz. (Esse detalhe, aliás, pouca gente conhece.)

Afonso Arinos, como escritor de excelentes méritos, dá-nos um paralelo que não resistimos à tentação de transcrever aqui, nesta pequena notícia registradora do aparecimento de sua monumental obra. Leiamos este precioso trecho: «Poucos homens seriam tão inconciliavelmente diversos, entre si, do que Washington Luís e Getúlio Vargas. Poderiam, até, ser citados como exemplos da infinta variedade da natureza humana.

«No paulista teimoso, confiante, leal, intratável, de um imediatismo direto, o que prevalecia era a ambição de domínio».

«No gaúcho, plástico, dúbio, lúcido, calculista e vagarosamente cauto, o que avultava, era a ambição do poder. Nem sempre domínio e poder são a mesma coisa. Podem estar juntos, mas podem existir separados. Luís XIV era poder e domínio. Richelieu muito mais poder que domínio. Hitler muito mais domínio que poder. Talvez a grande força de Getúlio Vargas seja essa sua capacidade política de sacrificar o domínio, quando se faz necessário, conservando, contudo, ainda que meio adormecidos, os instrumentos do poder».

E com a citação proveitosa desse excerto evidentemente antológico, consignamos aqui o nosso sincero aplauso à maneira como foi realizada e elaborada a homenagem que esta grande biografia representa, como fez Joaquim Nabuco, — sobre seu eminente Pai — homenagem que é a mais enternecedora afirmação de acendrado afeto e que vale, sem dúvida, pela melhor das estátuas, pelo mais consagrador dos bronzes.

NOTICIÁRIO

● Pela «Progresso Editora», vem de sair o livro «O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina» de Teodoro Sampaio, sobre o qual diz Luiz Viana Filho: «A obra escrita por Teodoro Sampaio, mais de meio século atrás, e agora publicada, apesar do tempo decorrido não perdeu o sabor e a oportunidade». Parabéns à editora da cidade do Salvador.

● Reinaldo Jardim, autor de «Participio Presente», poemas editados em 1944, vai lançar ainda este mês seu segundo livro de poesia, intitulado «Joaquim e outros meninos». Será uma edição popular de 10.000 exemplares, vendidos a 10 cruzeiros.

● Hélio Viana publicará breve, pelo governo de Pernambuco, a edição crítica do códice Livro que dá Razão do Estado do Brasil de 1612, do sargento-mor Diogo de Campos Moreno. Nas Edições Melhoramentos, sairá «História Diplomática do Brasil» e a 3ª edição, revista e anotada, da História da Independência do Brasil, do Visconde de Pôrto-Seguro (Varnhagen). Na Biblioteca

do Exército, «Dentro e Fora do Brasil», volume de viagens.

● De Vitor de Sá, vem de aparecer pela Editora «A Noite», «Um repórter na ABI», história da Casa do Jornalista.

● Tomou posse da cadeira n. 37, na Academia Brasileira, substituindo Getúlio Vargas, o sr. Assis Chateaubriand, que, ao ser saudado pelo sr. Aníbal Freire, apartou por diversas vezes o orador, julgando talvez estar no Senado e não na circunspecta Casa de Machado de Assis...

BIBLIOTECA (LIVROS RECEBIDOS):

«Depoimento» de Oton Costa. «Gaz. Jud.» edit. Rio, 1955.

«Rio Formoso» de Carlos Xavier Pais Barreto. Gr. Aurora.

«Noite de espera» de Gastão de Alencar. Ed. particular.

«Discurso aos surdos» — Lourival Fontes. José Olímpio.

«Passos de luz» — Ilza das Neves.

«O primeiro homicídio» — Nelson Coelho — Edigraf — S.P.

NA ACADEMIA

● Na oração com que o acadêmico Assis Chateaubriand tomou posse como sucessor de Getúlio Vargas na Academia, há diversas referências pouco lisonjeiras à personalidade do sr. Osvaldo Aranha, que, presente à «festa», teve de ouvir tudo, calado, sem nada poder esclarecer ou reclamar...

«Ortografia da língua portuguesa» — Clóvis Monteiro.

«Versos» — Raul S. Xavier — Inf. Com. Gr. Edit.

«Canção da expectativa» de José Chagas. S. Luis, Maranhão.

«Bajo el alero assuncção» — Justo Pastor Benítez.

«Uma interpretação da crise portuguesa» — Herbert Parentes Fortes.

«Meu rosário de trovas» — Peri O. Rocha

«Puberdade» — Clara Carta. Edit. Saraiva.

«Poesia nem sempre» — Mário Newton Filho. Campos, 1955.

«Mensagem ao Congresso Nacional» — João Café Filho. I. N.

«Boletim bibliográfico do M.T.I.C.»

«Sampaio» — Coriolano de Medeiros. Editora Teone. João Pessoa.

CALEIDOSCÓPIO

«SAMPAIO» de Coriolano de Medeiros. — Um interessante livro de crônicas, em torno de uma figura popular da Paraíba, Sampaio, em que o venerando escritor Coriolano de Medeiros, membro da Academia Paraibana, e autor de vários romances, contos e livros de História e biografia, narra fatos curiosos da vida de sua terra, verdadeira crônica de costumes regionais. O volume traz curto mas expressivo prefácio de Alvaro de Carvalho. Na introdução do livro, diz o autor. «Os ventos frios do outono da vida não me curaram ainda a mania de recordar fatos que o poder intangível do tempo vai esbatendo no esquecimento». E em capítulos resumidos e vivazes, o escritor retrata o tipo boêmio que escolheu para descrever: «ferino, paciente, oportuno; às vezes agressivo e temido de quantos eram passíveis de suas contumélias» no dizer do prefaciador. Enriqueceu, assim, sua bibliografia com mais um valioso trabalho, o autor tão apreciado de «Mamíferos», «O Tambá da minha infância», «O Barracão» e «Os cinco heróis da conquista».

«UM RAMO DE CANTIGAS», é o título da feliz coleção de trovas com que Ademar Tavares vem de brindar os apreciadores do gênero, reunindo mais de uma centena, dessas pequeninas jóias de pensamento, em que ele se revelou mestre incontestável.

«DISCURSO AOS SURDOS» é o título irônico escolhido pelo senador Lourival Fontes, para o pequeno volume em que reuniu dois dos seus mais ruidosos discursos no Senado, um sobre a situação externa e outro sobre o panorama de nossa política interna. Páginas que se lêem com vivo prazer intelectual.

«TERRA ROXA» de Nóbrega de Siqueira, é um livro de versos, cheio daquele amor à gleba, que só os poetas de sua sensibilidade sabem traduzir em imagens de veemente beleza, quer quando celebra as glórias de São Paulo, quer quando descreve a serenidade com que desliza seu amado rio em terras de Jau.

ENTREVISTA RELÂMPAGO



(Com Gilberto Amado, o grande escritor de «A Chave de Salomão», «Grão de Areia», «Sabor do Brasil» e outras famosas obras).

1ª pergunta: — Dos nossos escritores, quais lhe parecem os mais importantes?

Resposta: — Dos antigos: José de Alencar, Machado de Assis, Raul Pompéia, Rui Barbosa, Euclides da Cunha. Dos modernos: a modestia me manda calar, mas sou admirador de muitos dos meus confrades: como não admirar Gastão Cruls, Gilberto Freire, Otávio Tarquínio de Souza, Eugênio Gomes e tantos outros, que não posso citar para não ficar a lista muito grande?...

2ª: — Quais os poetas nacionais de sua preferência?

R.: — Dos mortos: sem comparação com nenhum outro, aquele que considero um dos maiores poetas que já existiram no mundo: Castro Alves. Dos vivos: Bandeira, pendão florido da minha Pátria; ciência e natureza, graça e força, cujos versos leio e releio sempre e que me acompanham nas minhas viagens; Carlos Drummond de Andrade, profundo descarnador do verbo, que faz poesia com o antipático e suprime tudo o que na palavra não seja aberto para o pensamento e vibração para as fibras mais íntimas da sensibilidade e do espírito. A obra de Carlos Drummond é um poço cheio de surpresas: Dante Milano, poeta e Onestaldo de Penafort de quem não esqueço. E não falei em Jorge de Lima, numeroso, que marcou uma época.

3ª: — Quais as suas leituras preferidas?

R.: — Já não tenho: leio tanto, leio tudo, leio até jornais...

4ª: — Qual dos nossos escritores gostaria fosse da Academia?

R.: — Isso é assunto que não me interessa.

5ª: — Atualmente, onde desejaria morar?

R.: — A vida toda, neste meu apartamento.

6ª: — Como gostaria de morrer?

R.: — Já disse uma vez, — de repente, sem sofrimento.

7ª: — Acredita nos discos voadores?

R.: — Eu só lá homem de dar opinião sobre essas coisas?...

8ª: — Qual a sua maior ambição literária? Tem novo livro a publicar?

R.: — Recompor o meu romance «Inocentes e culpados» e republicá-lo em 3 volumes, como eu o tinha composto e de cujo bôje extraí 2 partes, de maneira que apareceu com grandes buracos que atrapalharam os críticos.

E uma opinião que ainda não divulguei: NOSSA LITERATURA ESTÁ DEZ VEZES ACIMA DA NOSSA POLÍTICA E DE MUITA COISA MAIS.



Condenado

Conto de JOSE' LOUZEIRO

Desenho de J. RIBEIRO

FORTUNATO, que andava na maior das misérias e já havia comido, com a mulher e os dois filhos, o leitãozinho magricela do chiqueiro de pau-a-pique, as três galinhas que dormiam sobre a mesa da cozinha e o casal de pombo que arrulhava no santuário da Virgem, resolveu tomar uma decisão, equilibrar-se, viver como homem.

Era necessário conseguir dinheiro, ajeitar a pindova da casa, comprar roupa nova para a mulher e os filhos ouvirem missa na freguesia do padre Frederico. Mas, que fazer para conseguir dinheiro, se não havia trabalho? Entraria sorrateiramente na casa do vigário enquanto este dizia missa, roubaria, iria vender o produto do furto adiante? Seus pensamentos se embaraçavam, caíam nas águas profundas e sujas de um lago, imergiam. Apenas uma frase boiava, clara, visível: necessitava de dinheiro. Aí, então, Fortunato, que iniciara as suas divagações deitado numa rede de fibra de tucum, embalando-se levemente, tinha calafrios, os pêlos do corpo se eriçavam, os olhos de esbugalhavam e sentia como se a mão enorme do preto Tolentino, soldado de polícia da vila e servente do dr. Ribeiro lhe estivesse calcando a nuca.

Cansado pelas meditações, Fortunato alongava o sono até altas horas do dia seguinte. Quando, no outro dia punha os pés para fora da rede, já a sua Anicota, sem resmungos, havia enchido os potes e bilhas com água de poço, e cinco ou seis bijus de farinha seca estavam prontos numa grande cuia, esperando que fervesse sobre as tacurubas o papeiro com chá de capim-limão.

Tomada aquela «gororoba» o casal de filhos pulava dos bancos, corria p'ro terreiro, satisfeito, pinoteando, de barriga cheia. Fortunato colava a barba avermelhada, olhava de esguelha os pequenos, pesava-lhes a magreza, a amarelidão e inocência. Por que se casara não saberia explicar. Mesmo assim não perderia tempo com «porquês» dessa espécie. O que sabia é que tinha de conseguir dinheiro.

Com esse pensamento ele ganhou a rua, fez u'a mesura com o chapéu de carnaúba ao atravessar o largo da matriz, entrou na quitanda do Silva, pediu cinco tostões de cachaça, o que bebeu de um só trago.

Sobre a borda da grande barrica de vinho, no estabelecimento comercial, um sujeito de cara amarela conversava com o quitandeiro:

— Apois seu Sirva, a cumo é qui vancê tá pagando purum quilo de côco quebrado?

— Duas pratas, sem poeira, respondeu o quitandeiro.

— E' pouco, meu branco, arrematou o cara amarela.

Sem rodeios, ainda que o homem desconhecido não desse atenção às suas perguntas, Fortunato meteu-se na conversa, inteirou-se do as-

sunto, engoliu outra pinga, voltou para casa. Aí, tomando de um pedaço de carvão, começou a fazer sobre as tábuas da mesa uma quantidade considerável de pequenos traços perpendiculares. Cada tracinho significava um quilo de côco quebrado, sem poeira, segundo disse o «seu» Silva. Depois de concluído esse trabalho, Fortunato levantou-se, chamou Anicota que estava juntando gravetos no quintal, explicou-lhe o que tinha em mente, pediu que ela fizesse o cálculo de todos aqueles tracinhos, a razão de dois mil réis cada um.

A princípio Anicota não atinou com os ditos de Fortunato. Conferiu os riscos (80) e oitenta vezes consecutivas escreveu dois mil réis, um em baixo do outro, pois ela nunca aprendera a multiplicar. Depois de um trabalhão medonho a soma aproximou-se da realidade e, agora, estava exata: cento e sessenta mil réis. Satisfeito com o resultado, obtido, Fortunato expôs o seu plano e, sem mais delongas, tomou do machado e de pequena macêta, colocou-os num saco de estopa, saiu pelos fundos do sítio rumo às matas de São Miguel. Após muitas horas de exaustiva caminhada penetrou no babaçual, depôs a camisa na extremidade de uma estaca, iniciou o trabalho. Ao fim da tarde alguns quilos de côco estavam quebrados.

No dia imediato, nem bem começara a clarear, Fortunato levantou-se, despertou Anicota e os dois filhos menores. A razão dessa atitude era muito simples: se ele (Fortunato) numa tarde arranjara quatro quilos de côco, trabalhando em conjunto, com a mulher e os filhos conseguiria muito mais.

Num cofo de meio alqueire Anicota pôs um grande pedaço de carne seca, duas cuias com farinha d'água, uma rapadura e algumas bananas. Em seguida amarrou-o com embiras, colocou-o na cabeça, iniciou a andança. Fortunato na frente, batendo mato, Anicota e os dois filhos, atrás. Com o calor do sol agora alto, parecia que o caminho esticava. Finalmente já avistavam ao longe as folhas verdes de algumas palmeiras tremulando ao vento.

Mas, quando Fortunato já se insinuava na picada que o levaria ao palmeiral, eis que surge à sua frente a estampa indesejável e grotesca do negro Tolentino. Fortunato, como se não acreditasse no que via, esfregou os olhos com as mãos, estacou assustado, fez um aceno para que a mulher e os filhos parassem. O silêncio curto foi quebrado pela voz obtusa de Tolentino, que disse:

— Cum orde de quem, cabra safado, tu tá apaiando côco nos mato do sinhô vigaro?

Fortunato, ante a pergunta do negro fardado, cujo quepe sujo dava-lhe um aspecto terrível à caratonha grosseira, tentou uma desculpa, uma palavra, mas não pôde, atrapalhou-se, ficou gago. Em frações de segundo lembrou-se do dia em que fôra prêso pelo mesmo Tolentino

que agora o ameaçava. Sentiu, como na noite em que pensava deitado na rede de tucum, a mão do negro apertando-lhe o pescoço, asfixiando-o, arrastando-o pelas ruas. Na cadeia, como da vez anterior, outros representantes da lei desenferrujariam facões no couro de suas costas.

Mas, Fortunato foi imediatamente arrancado das suas apavoradas conjeturas, quando o soldado enfurecido com o silêncio do caboclo amedrontado, berrou-lhe:

— Fala, peste, quem te deu orde?

Aproximando-se do sertanejo miúdo, Tolentino segurou-o pelo cós das calças, mandou que Anicota e as duas crianças desandassem a caminha de casa. Fortunato encolheu-se nas garras do brutamontes Tolentino que, ajeitando-o a uma correia de couro cru, pôs-se a arrastá-lo para a vila.

.....

Gramado, já, o terceiro dia de xadrez sem saber o motivo exato de seu crime, Fortunato espumava de ódio. Era ladrão por haver juntado uns miseráveis côcos que apodreciam no chão? Era? Não havia dúvida, pois ali estava encurralado, aguardando julgamento. O padre Frederico, irmão do prefeito local e influente na política que enricara com o dinheiro da igreja, continuaria encomendando almas para o céu e para o inferno, vermelho, carnudo, sorridente, namorizando com a filha do coletor por trás do altar. Anicota com seus dois filhos rachavam de fome, sem que ninguém olhasse para eles. Estava direito isso?

Numa tarde que se arrastava com lentidão desarrazoada, enfiadonha, começou a entrar pingos de chuva pela grade do cubículo onde se encontrava Fortunato. Daí há pouco os beirais das casas se transformaram em bicas e as ruas próximas da prisão estavam encharcadas. Antes das 17 horas, porém, o aguaceiro havia amainado e u'a multidão foi-se formando em frente à residência do dr. Ribeiro, que era, também, o tribunal de justiça de Santa Cruz.

Tolentino, banzeiro, atravessou a rua, entrou no velho e sujo prédio da cadeia.

O juiz, obeso como um sapo, tendo tomado algumas doses de tiquira da melhor que havia na quitanda do Zé Estrêla, estava apto a decidir sobre a sorte da vítima, que daí a pouco lhe cairia às mãos.

O zum... zum... mais prolongado da turba denunciou a chegada do criminoso conduzido por Tolentino. Fortunato penetrou na sala onde estava o dr. Ribeiro e, a um sinal deste, acomodou-se num môcho estreito e alto.

Batendo com as mãos espalmadas no buxo o juiz passeava vagarosamente em torno de Fortunato, remoendo a primeira pergunta, que, afinal, foi desferida:

— Fortunato, sabes o tamanho do teu crime por haver roubado côco e derribado palmeiras nas matas de São Miguel?

Esse «haver derribado palmeiras» era tão absurdo, tão mentiroso, que o mísero caboclo sentiu como se cachorros lhe estivessem mordendo o coração. Quis falar mas não se atreveu. Aumentaria o crime. Ninguém lhe daria crédito. As inquirições do dr. Ribeiro continuaram, lentas, e, cada vez mais, injuriosas.

Por fim, obteve o réu permissão para falar. Mas, que é que ele deveria dizer? Por onde começar? Era analfabeto. O pouco que sabia aprendera soletrando almanaques, à sua própria custa. Como, então, poderia, de um momento para outro, entender-se com o dr. Ribeiro, homem que veio da cidade, usava óculos e tinha um baú cheio de livros? Impossível!

Porque não houvesse outro jeito, Fortunato gaguejou, olhos fitos no soalho, disse que estava morrendo de fome e, por isso, fôra juntar alguns cocos. A cada palavra do sertanejo acuado, a multidão postada em frente da casa, ria, divertia-se. O dr. Ribeiro, circunspecto, cômico de seus deveres, pedia silêncio e o interrogatório prosseguia. Após uma série de atrapalhadas jurídicas ele deseja saber em que lugar da vila Fortunato havia escondido o arame farpado que cercava uma grande área de São Braz, e que, de repente, desaparecera.

Fortunato estava com a camisa suada, os olhos dilatados, e uma dor terrível na cabeça, como se lhe estivessem verrumando o crânio, o atormentava. Agüentaria ele quinze anos de cadeia deitado no chão frio, comendo farinha d'água podre com camarão seco. E sua família? Que seria de Anicota com os dois pequenos? Era preciso falar, explicar-se, dissipar as dúvidas. Afinal de contas que sabia ele do arame farpado? Nada, absolutamente, nada.

O dr. Ribeiro, que durante o interrogatório havia secado quase uma garrafa de tiquira, agora estava vermelho como um tomate, loquaz e, mais do que nunca, irônico. Depois de uma série de proposições desnecessárias para o meio a respeito de criminologia, foi dada nova oportunidade ao réu.

Fortunato estremeu, ficou amarelo, começou a tiritar, bater o queixo. Mesmo assim, disse em voz baixa, gutural:

— «Seu» doutô eu não sou ladrão. Nunca roubei uma banana de um cabra. Se ando sempre rasgado é praquê não incontro trabaiô. Os côco que apaei nas mata de São Braz são, êsses qui vosmecês tá vendo aí no saco de estopa. Juro pur Deus grande, branco, qui nunca roubei!

O riso sarcástico do juiz esmagava as súplicas de Fortunato. Além disso, em que poderia aquêle caboclo infeliz contribuir para recompensa do trabalho que estava tendo?

Neste momento um crioulo novo, cria da casa do prefeito local, após abrir caminho no meio da multidão, penetrou na sala onde se estava processando o interrogatório, a fim de entregar uma carta ao dr. Ribeiro. O juiz, descabelado, tendo a gravata em uma das mãos, atendeu ao portador com palavras curtas.

Depois, com gestos de indiferença abriu o envelope, desdobrou a pequena fôlha de papel, leu:

«Santa Cruz, 2 de dezembro.

Caro Ribeiro:

Como já te disse, as terras de São Braz, pertencentes ao governo estadual foram arrendadas durante o prazo de oito anos para meu irmão, pe. Frederico. Entretanto, com a compra que fizemos recentemente do sítio do velho Inácio Sodré, na Ilha do Meio, tivemos necessidade de cercá-lo. S. excia. governador do Estado fi-

caria furo de raiva se soubesse disso. Mas como a coisa fica aqui entre nós não haverá perigo. Mesmo assim a oportunidade é boa para ficarmos (eu e meu irmão) ilesos de culpa. Basta apertares o Fortunato.

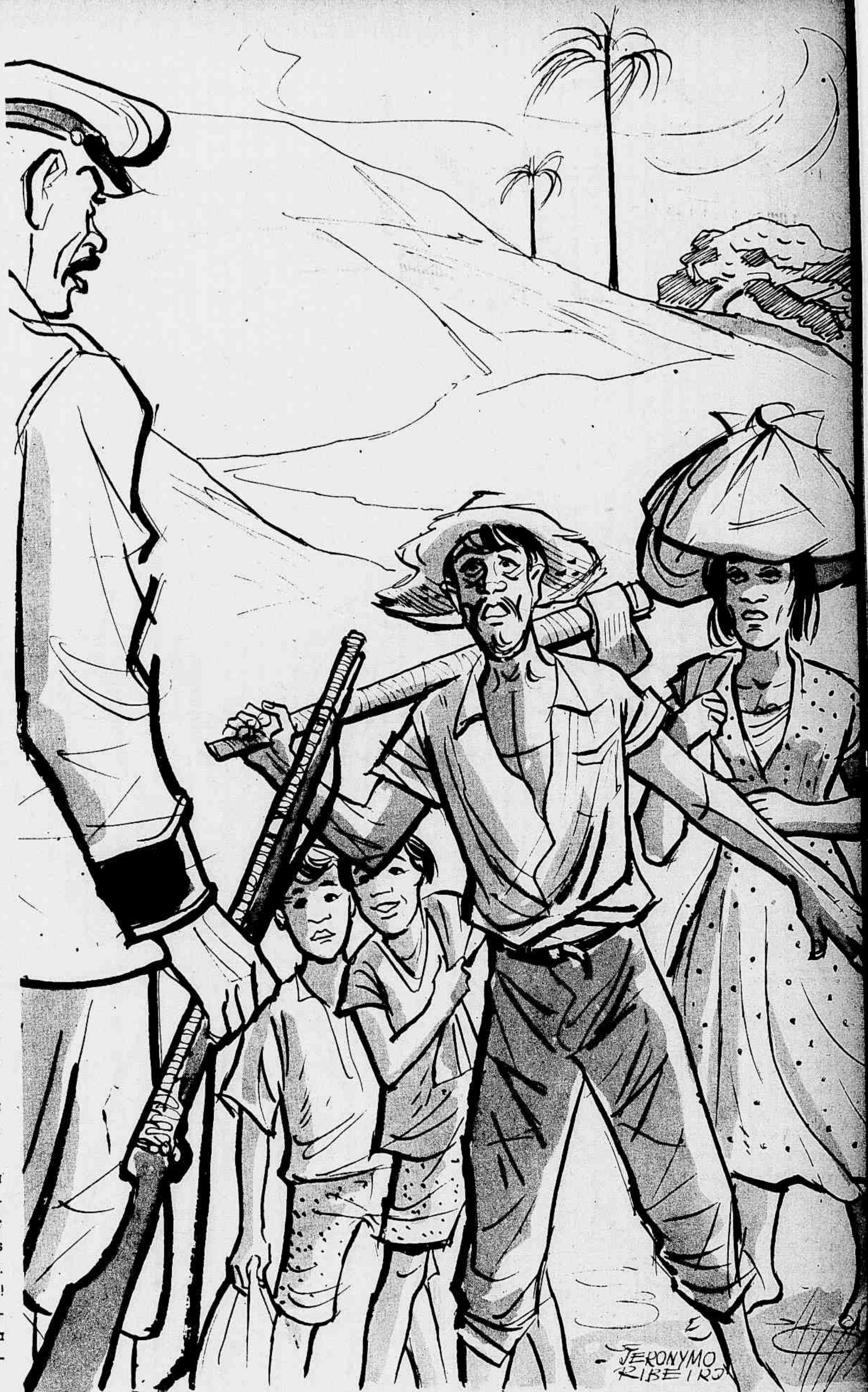
Mando-te esta ao invés de te falar pessoalmente porque hoje não tenho podido alastarme de casa: ando com uma dor de barriga que não me deixa descansar. Não entro em detalhes a teu respeito no caso, pois sabes perfeitamente que não terás prejuízos...

(a) Francisco Oliveira».

Finda a leitura, o representante da justiça naquela modesta cidade brasileira pigarreou, ajustou os óculos, dirigiu-se para a multidão aparvalhada, disse com ares de quem toma uma atitude incontestável:

— Fortunato, meus irmãos de Santa Cruz, é responsável pelo furto de arame verificado em São Braz, inclusive de outros crimes menores, que não convém sejam aqui denunciados. Entretanto o réu tentou uma desculpa e a ele eu dou razão... Mas, pelo que declara nesta carta o nosso amigo Francisco Oliveira, honesto prefeito de Santa Cruz, e proprietário das terras da Ilha do Meio, este tem mais razão, ainda. E, como a lei neste pedaço de Brasil é cega e infalível, Fortunato está condenado.

A assistência sedenta de novidades traduziu a sua alegria por meio de apupos e gestos desordenados. Dr. Ribeiro enfiou os polegares nos suspensórios das calças, ficou olhando Tolentino que atravessava a rua, conduzindo Fortunato pelo braço, empurrando-o.



"MONSIEUR DAGAMÁ"

O CIDADÃO PORTUGUÊS QUE MOSTRA O FUTEBOL BRASILEIRO AO MUNDO

JÁ PERCORREU 48 PAÍSES E TEM MAIS DE 3.000 HORAS DE VÔO ★ O JOGADOR SUL-AMERICANO MAIS POPULAR NA EUROPA AINDA É ADEMIR ★ TRABALHA PARA A REALIZAÇÃO DE UMA OLIMPIADA ENTRE ATLETAS PORTUGUESES E BRASILEIROS ★ DEIXARÁ O FUTEBOL PARA TORNAR-SE EMPRESÁRIO TEATRAL, JÁ TENDO ESCOLHIDO O TÍTULO DA REVISTA COM QUE ESTREARÁ

Reportagem de MILTON SALLES

Fotos de ALBERTO FERREIRA

PARA os desportistas brasileiros, ele é José da Gama; nome com que o batizaram, há 38 anos atrás, na freguesia de Cedofeita, no Pórtó. Mas para os europeus, esse homem sagaz e ativo é o Monsieur Dagamá, que num abrir e fechar d'olhos pode organizar as mais difíceis temporadas de clubes brasileiros no exterior. José da Gama é de estatura mediana, conversa fácil e colorida e tem um amigo em cada esquina. Seu par de olhos astutos está sempre brilhando atrás dos óculos claros. Principalmente quando fala do assunto que o apaixona: futebol.

— Comecei minha carreira de empresário (revela o luso-brasileiro Zé da Gama) há 4 anos atrás, levando o Madureira para um giro pelo norte do país. Depois levei o Vasco e o Olaria. Em face dos resultados obtidos, um ano depois estendi minhas atividades à Europa. O América foi o primeiro clube brasileiro que levei ao Velho Mundo. Em seguida, consegui temporadas para o Náutico de

Recife, o Cruzeiro de Pórtó Alegre e o próprio Olaria. Desde então, não tive mãos a medir para programar excursões de clubes nacionais ao estrangeiro.

Faz uma pausa para responder à saudação de um conhecido, retira uma porção de cadernetas e carteiras do bolso e declara:

— Nessa brincadeira, nesse vaivém constante, já percorri 48 países e tenho oito passaportes cheios. Devo ter seguramente mais de 3.000 horas de vôo e já perdi a conta dos diplomas que ganhei pela travessia do Equador. Agora, se Deus quiser, irei à Austrália, Filipinas, Japão, Hong-Kong, Iraque e Egito conseguir uma temporada para o São Cristóvão. Com essa viagem, completarei a volta ao mundo.

José da Gama veio para o Brasil aos seis anos de idade. Foi morar na Praça Onze e ali aprendeu a ler, na Escola Benjamin Constant. Viveu 18 anos no reduto do samba e reside há 14 anos em Madureira. Tem, portanto, 32 anos de Brasil.

— Nesses 32 anos aprendi a querer bem a esta maravilhosa terra. Gosto tanto disto aqui que, nas minhas excursões em companhia dos nossos clubes, levo sempre uma bandeira brasileira na mala, para ser hasteada nos dias de jogos. Infelizmente, sou obrigado a reconhecer que as cores do pavilhão nacional não são muito conhecidas lá fora. Quando estive com o São Cristóvão na África, por exemplo, na hora em que hasteamos a bandeira brasileira o pessoal de lá teceu os maiores elogios a ela, pensando que fôsse a bandeira do clube. É por isso que eu não me canso de repetir: o futebol é que está fazendo a melhor e mais barata propaganda do Brasil no exterior.

— Qual a melhor praça para conseguir bons contratos para o futebol brasileiro?

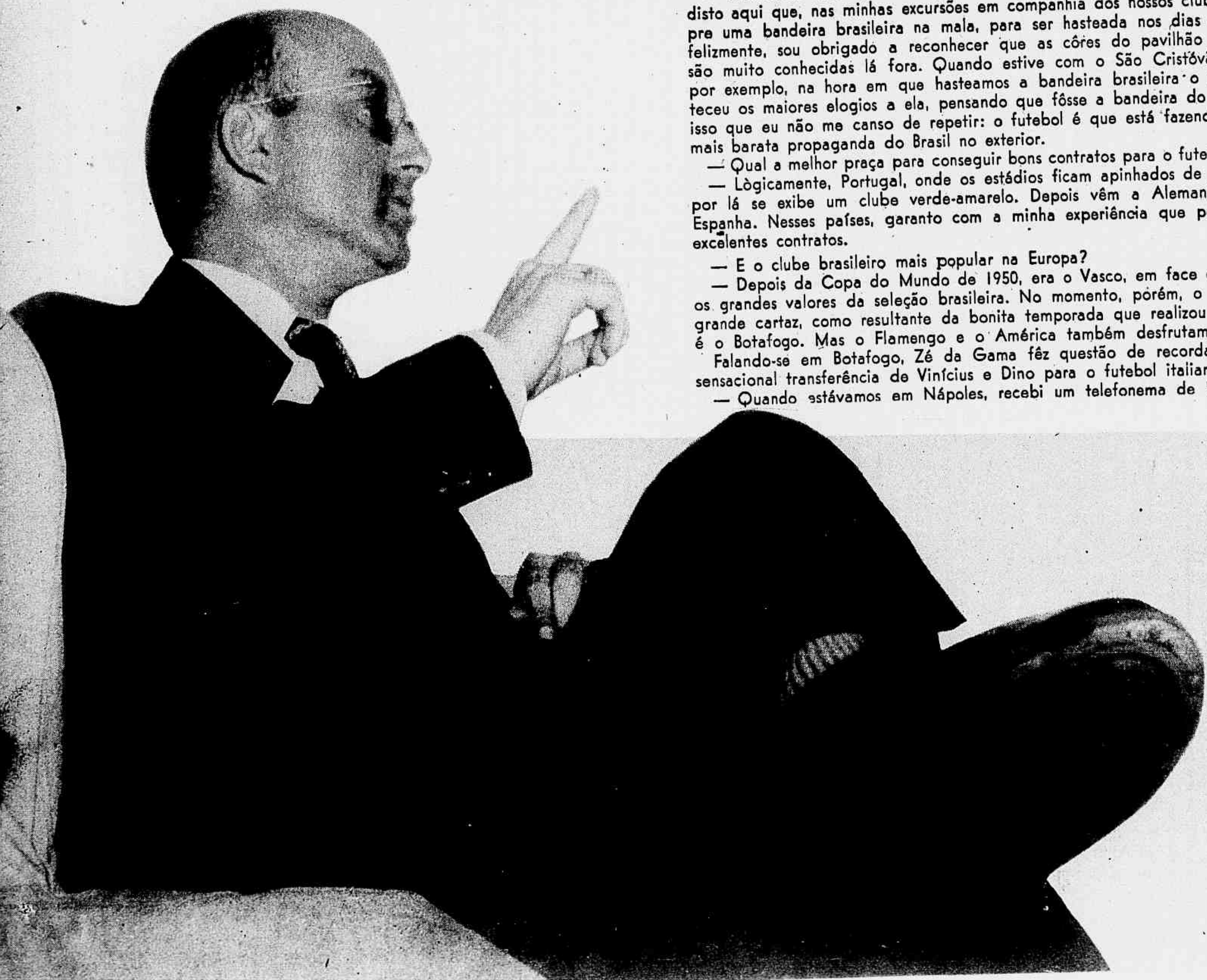
— Lógicamente, Portugal, onde os estádios ficam apinhados de gente quando por lá se exhibe um clube verde-amarelo. Depois vêm a Alemanha, Turquia e Espanha. Nesses países, garanto com a minha experiência que posso conseguir excelentes contratos.

— E o clube brasileiro mais popular na Europa?

— Depois da Copa do Mundo de 1950, era o Vasco, em face de contar com os grandes valores da seleção brasileira. No momento, porém, o que está com grande cartaz, como resultante da bonita temporada que realizou recentemente, é o Botafogo. Mas o Flamengo e o América também desfrutam de prestígio.

Falando-se em Botafogo, Zé da Gama fez questão de recordar detalhes da sensacional transferência de Vinícius e Dino para o futebol italiano:

— Quando estávamos em Nápoles, recebi um telefonema de Roma, sobre a



venda dos passes daqueles dois jogadores. De saída, ofereceram-me 60 milhões de liras. Respondi que era pouco, porque sabia que os homens do futebol italiano poderiam gastar muito mais. Ficaram, então, de telefonar-me mais tarde. Nesse ínterim, palestrei demoradamente com os dois craques, o técnico Zezé Moreira e o chefe da delegação botafoguense. Quando recebi novo telefonema já tinha a quantia que nos interessava na ponta da língua: 130 milhões de liras. Os homens do cálcio toparam o negócio e o Botafogo realizou a maior transação de sua vida. Sinto-me orgulhoso de ter conseguido realizar esse negócio, porque no Brasil nenhum clube daria 500 mil cruzeiros por qualquer um dos dois...

— Qual é o jogador brasileiro mais popular na Europa?

— Ademir, que é também o craque sul-americano de maior cartaz. Todo o mundo o conhece e o aponta como um dos maiores jogadores do mundo. Dos craques europeus, o mais popular é o húngaro Puskas.

Quisemos então saber se era verídica a notícia de que ele era considerado indesejável em Portugal.

— Quem? Eu? — fez Monsieur Dagamá. E riu muito.

Depois acrescentou:

— Isso não passa de intriga de oposição. Não sou indesejável, felizmente, em nenhum país do mundo. Principalmente em minha terra natal. Quer ver uma coisa? Queríamos. Ele, então, tirou o passaporte e mostrou:

— Veja só. Eis os carimbos das autoridades portuguesas. O fato prova que estive lá recentemente, em abril. Se eu fosse indesejável, teria passado ao largo...

Novo cumprimento a um amigo que passa e prossegue o empresário:

— E por falar em Portugal: no momento estou trabalhando com afinco pela realização das olimpíadas luso-brasileiras, que deverão ser disputadas anualmente, uma vez em cada país, pelos mais destacados atletas amadoristas. Já iniciei os entendimentos necessários, não só junto à Direção Geral de Esportes de Portugal, bem como com o sr. Joaquim Campos, diretor da «Voz de Portugal», que fará ampla cobertura da olimpíada. Além disso, dei conhecimento da idéia aos presidentes da Confederação Brasileira de Desportos e do Conselho Nacional de Desportos. Ambos acolheram-na com a maior simpatia. Na minha próxima viagem a São Paulo, conversarei sobre o assunto com o sr. Ferreira dos Santos, presidente do Comitê Olímpico Brasileiro. Estou empolgado com a olimpíada luso-brasileira e não deixarei de concretizá-la antes de morrer.

Como se sabe, José da Gama é torcedor do Vasco. Por isso, fizemos a pergunta:

— Por que não organizou a temporada do Vasco na Europa?

— Teria muito prazer nisso, mas os homens que dirigem o clube cruzmaltino haviam fechado negócio com o empresário Alfonso Doce, que é o meu mais sério concorrente e o que mais respeito. (Aliás, o Doce já me convidou diversas vezes para trabalhar com ele...) Apesar disso, deixei a delegação do Botafogo para aguardar o Vasco na Espanha e oferecer-lhe jogos na Turquia, Holanda e Dinamarca, com possibilidades de atuações na França e Suíça. Não aceitaram o meu oferecimento. Mas não acabarei meus dias de empresário sem levar o glorioso esquadrão de São Januário para uma grande excursão por toda a Europa.

Nova pausa e, depois, nova revelação:

— Infelizmente, já de outra vez quis levar o Vasco a Moscou mas não foi possível. Nessa ocasião, os russos ofereciam um milhão de cruzeiros por dois jogos, com todas as despesas pagas. Agora, estou trabalhando para levar o América à capital soviética. Acredito que o grêmio de Campos Sales obtenha o maior sucesso, principalmente devido à cor de suas camisas, que é vermelha....

— Que é que você acha da regularização da profissão de empresário, Zé da Gama?

— Excelente medida dos homens que dirigem o futebol brasileiro. A regulamentação só me trará benefícios. Poderei trabalhar livremente e terei possibilidades mais amplas.

Sabíamos que um dos sonhos de Monsieur Dagamá era empresar artistas brasileiros para temporadas no Velho Mundo. Quisemos ter a confirmação:

— É verdade, Zé?

— Sim, é verdade. Iniciei entendimentos com o Eurico Braga, do Cassino Estoril, um dos melhores de Portugal, para levar Dilu Melo, Ivon Cúri, Luís Gonzaga, Jorge Goulart, Alcides Gerardi ou Ângela Maria. Qualquer um desses obteria grande sucesso onde quer que atuassem no Velho Mundo. Principalmente se cantarem o baião, pois esse ritmo, depois do «swing», que ainda é uma coqueluche, goza de grande prestígio entre os europeus. Dêsse modo, na época em que não se puder jogar futebol na Europa, empresarei artistas brasileiros.

COMO SE TIVESSE O MUNDO NAS MÃOS. O empresário José da Gama movimenta equipes de futebol através do Atlântico como se movimentasse peças de xadrez.

A palestra está chegando ao fim. José da Gama ainda precisa ir à Panair, reservar passagens para Montevideu, onde iria com o objetivo de fechar negócio para uma excursão do Peñarol à Europa. Mas, antes de despedir-se, ele faz nova e sensacional revelação:

— O fim da minha carreira de empresário será no teatro, apresentando grandes revistas. Tenho percorrido as maiores cidades do mundo e em todas elas observo detidamente os grandes espetáculos musicados, os «shows» mais suntuosos e as revistas mais luxuosas. Creio, portanto, que iniciaria minha atividade nesse setor com o pé direito. A propósito, já conversei com o Domingos Segreto para fazer a estréia da Empresa de Espetáculos José da Gama no Teatro Carlos Gomes. (N. da R.: Está sendo noticiado que o referido teatro passaria a funcionar com espetáculos mistos — de cinema e teatro).

Despediu-se e acelerou o passo. Mas, de repente virou-se e gritou:

— Olhe, pode divulgar o título da minha primeira revista. Chamar-se-á «Girando o mundo» e nela apresentarei tudo o que de melhor vi na Europa, com lindas garôtas portuguesas, espanholas e francesas.



OS PLANOS PARA O FUTURO SÃO INÚMEROS. E ABRANGEM O MUNDO INTEIRO. NÃO É À-TOA QUE O MUNDO É UMA BOLA.

A qualquer hora

do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias — 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas — 19, 25, 31 e 49 metros

ARTES

JOSÉ ROBERTO

SOLIDÃO DE QUAGLIA



EXISTE, na pintura de João Quaglia e de modo geral, em tôda a sua produção, que da mesma dramática maneira se traduz, já agora, em desenhos, aquarelas e monotipias —, uma constante a nosso ver importantíssima para a sua caracterização. É a solidão que emana de cada obra com nitidez e força irreprimíveis. Observemos, por exemplo,

● Em certas obras, Quaglia inscreveu suas figuras em planos curiosíssimos, que lhe permitiram atirar, ao léu aparentemente, embora sob racional disposição, braços e pernas de personagens. Do conjunto assim obtido — membros que se distendem, num caos, cabeças que se alteiam ou se recurvam em arabescos delirantes — ressaltava tão intensa impressão de angústia, que chegamos inclusive a recear pelo estado psicológico de quem os concebeu. Os personagens das telas de Quaglia, nesses momentos, são como que afogados em côr e ritmo, debatendo-se desesperados dentro do quadro. Alterna-se, em tais momentos, a côr, em intervalos aproximadamente iguais de luz e sombra, num ritmo que recorda o musical. Coisa singular entre a grande maioria dos artistas baianos (como, por exemplo, se pôde averiguar quando da recente exposição, no Rio de Janeiro, das últimas obras de Mário Cravo) que sacrificam freqüentemente ao pitoresco local, com prejuízo da verdadeira emoção, que desconhece o regional, para dessedentar-se apenas no universal. Quaglia muito raramente consagra, em suas telas, os repetidos temas que o grande Estado brasileiro sóe inspirar aos seus pintores. Todos êsses efeitos fáceis — candomblés e capoeiras, pescarias e demais atividades similares — perpassam, sim, pelos trabalhos de Quaglia, mas não têm, dentro de sua obra, o relevo que assume na de outros. O mar, por exemplo, está presente em várias telas e monotípicas. Não o mar das praias civilizadas, repletos de homens e mulheres mais ou menos fúteis, que se bronzeariam e estupidificam ao sol; mas o dos pescadores, o mar que tudo dá e tudo tira — o único que Quaglia conhece bem de perto.

● Entre as telas por assim dizer marítimas, aquela que nos apresenta um boi contemplando o vasto espaço azul (de um azul irrealmente belo), mais que um quadro comum, representa, segundo nosso ponto de vista, uma definição de princípios. Que símbolos mais adequados, com efeito, para exprimir um artista a sua solidão, que colocar face a face êsse boi e êsse mar, que se contemplam mudamente, êles mesmos solidões indecassáveis? O boi e o mar. Símbolos, desde primitivos tempos, da força reprimida. O boi, cujos cornos pontegudos encimam uma cabeça de vítima, é o mais manso dos animais; o artista, cuja palavra ao mesmo tempo fere e ilumina,* é o mais solitário dos homens. O mar estende-se ao fundo até perder de vista. A anca do animal, no primeiro plano, descreve uma linha quebrada de profunda elegância e beleza. É uma obra significativa e majestosa em sua simplicidade aparente. O tema da mulher em meditação, os olhos baixos, o rosto engravado entre as mãos, é dos mais constantes na pintura de Quaglia. Pessoalmente, conheço, do mesmo, três versões, a mais recente tendo sido agora exposta pela primeira vez. Já por exem-

plo, o rosto infantil que talvez seja o ponto alto da mostra, é, ao que me parece, o primeiro jamais brotado da emoção do pintor. Efeito, talvez, da própria vida, que hoje encontra o artista casado e pai de filho?

Outro tema que tem sido uma constante, na pintura de Quaglia, é o do «clown». Há nesse artista (como em Roualt), uma ternura infinita por esses seres contraditórios, que de resto tanto se parecem com os pintores e os poetas; êle busca devassar-lhes a alma, tenta continuamente representá-los, em suas cores berrantes, em seus trajes bizarros.

Mundo de aleijados, palhaços e mulheres pezarosas: o mundo de Quaglia. Por ele passeia o artista sua própria melancolia. É alto e desengonçado, fala pouco e nervosamente. Abandonou no penúltimo ano a Escola de Belas Artes, que apenas servia para tolher-lhe os movimentos e a inspiração. Inadaptado ao Rio, partiu para a Bahia, aonde ainda hoje se encontra. Lá está mais à vontade, entre homens e mulheres simples. No fundo, contudo, não está contente. Enquanto isso, pinta. Pinta furiosamente. Em tudo derramando a força e a tristeza da sua solidão.

OS PRÊMIOS DO SALÃO MODERNO

Já são conhecidos os premiados do IV Salão de Arte Moderna:

★ Prêmio de Viagem ao Exterior (Pintura) — Ramiro Martins. ★ Prêmio de Viagem ao Exterior (Escultura) — Sonia Ebling. ★ Prêmio de Viagem pelo Brasil (Pintura) — Maria Leontina. ★ Prêmio de Viagem pelo Brasil (Desenho) — Carlos Schiar. ★ Prêmios de Aquisição: Lívio Abramo, Rossini Perez e Ivan Serpa. ★ Isenção de Juri: Fernando Romani, Arnaldo Pedroso d'Horta, Lígia Pape, Karl-Heins Hansen, Zélia Salgado, Raimundo Nogueira e Laura Chermont.

● A TV-Rio ainda não iniciou a sua programação regular. Tudo o que tem apresentado desde a inauguração, foi feito em caráter experimental. A equipe de técnicos é bastante categorizada, bem como toda a instalação da TV, que foi equipada com o material mais moderno. Por isso, os tevendos que conseguem apáñar nos seus receptores o Canal 13, notam a sua boa imagem e ótimo som, que só vez por outra falham.

Artistas de destaque do nosso rádio e teatro foram contratados pela nova emissora de televisão, e é de lamentar que até hoje não tenham sido convenientemente aproveitados, em programas de interesse.

Há semanas atrás, quando da proibição por parte de clubes de futebol a que as estações de TV transmitissem os jogos, Ari Barroso, na

CANAL 13

TV Tupi, durante longo tempo expôs aos espectadores as dificuldades com que lutam as duas emissoras: as despesas fabulosas que são feitas somente para que as estações possam ir ao ar e, como embora a publicidade seja bastante cara, o dinheiro arrecadado não dá para cobrir as despesas. Tudo isso foi dito como explicação dos motivos por que as TV Rio e Tupi não podem pagar as taxas exigidas pelos clubes, deixando portanto de transmitir os jogos.

Após ouvir estas explicações e sabendo que a TV-Tupi, depois de vários anos de vida dá ainda por mês, um considerável prejuízo, concluímos que todos os minutos na TV são preciosos, pois são pagos a peso de ouro, e por-

tanto devem ser aproveitados o melhor possível. Conhecendo essas dificuldades, louvamos os esforços das emissoras que, com todos os sacrifícios, procuram dar ao público diariamente algumas horas de distração.

Não se admite, pois, que a TV-Rio, gozando dos recursos técnicos e humanos de que dispõe, vá desperdiçá-los em programas algumas vezes sem interesse para os espectadores, embora reconheçamos que muitos dos artistas dão o melhor de seus esforços para o êxito da programação.

No período de apresentações regulares, com certeza essas dificuldades dos primeiros tempos serão vencidas e os tevendos por fim estarão recompensados pela ansiedade com que por tanto tempo aguardaram o aparecimento de mais uma emissora de TV no Rio.

Vamos melhorar?

JÁ TIVEMOS ensejo de comentar os "Shows variados" exibidos diariamente pela TV-Rio e que dão oportunidade a que o público conheça os artistas componentes do seu elenco. Falamos também da maneira como são apresentados os "Shows", nem sempre agradável. Na segunda-feira, 22, os artistas apareceram em uma "boite" que, salvo engano, denominava-se "Boite do Abdula".

Abdula, o dono da "boite", exibia os seus artistas imitando Jorge Murad e procurando fazer humorismo, sem conseguir distrair nem mesmo aos fregueses que lá se encontravam e muito menos aos tevendos.

O "show" seguia com a apresentação de artistas sem maior interesse, e alguns números de humorismo bastante baixo. É de lamentar que os dirigentes do programa lancem mão desse recurso para provocar o riso e ainda mais em se tratando de apresentações em televisão, um meio de distração que chega a todos os lares e que é assistido por crianças.

Continuamos afirmando que seria melhor apresentar os artistas por um locutor da emissora, sem procurar dar enredo ao "show". Com uma seleção rigorosa dos números a serem exibidos, este era um modo bem mais interessante de distrair aos telespectadores.

NOVIDADES DA SEMANA

Alvarenga e Ranchinho II voltam a apresentar-se na TV-Tupi, agora às segundas-feiras, no horário das 7,40. Na estréia cantaram principalmente números de crítica aos candidatos às próximas eleições.

Os fãs da dupla caipira e os apreciadores do gênero apresentado por Alvarenga e Ranchinho, terão oportunidade de matar saudades.

★

«Rio em foco» é um novo cartaz da TV-Rio, às sextas-feiras. Em cada programa é debatido um problema de momento, dos muitos que afligem a nossa cidade. Na estréia, compareceu ante às câmaras um representante do sr. prefeito que, com o animador do programa, conversou sobre as favelas.

Foi interessante para os tevendos conhecer como esse problema está relacionado a outro: transporte, vida cara, etc. Conclusões a que chegaram os sociólogos que têm estudado o assunto. Esse é um interessante programa; no entanto poderá ser melhor aproveitado pelo seu animador, com perguntas mais objetivas e que elucidem da melhor maneira o problema tratado no momento. Ao tendo interesse que o assunto seja exposto o mais detalhadamente possível.

Gregório Barrios estreou na TV-Rio, mais gordo, mais velho, mas, conservando ainda aquela simpatia que tanto agrada às fãs. Interpretou à sua maneira boleros e canções românticas, e apresentou algumas novidades.



Gregório Barrios

★

«Alegria» é o novo programa da TV-Tupi, às terças-feiras. Serve de pretexto para a apresentação dos cantores e comicos do elenco da emissora. Tudo é feito de maneira agradável, para distrair aos telespectadores.

★

As crianças têm no «Teatro Peteleco», na TV-Rio, um ótimo divertimento. Muita gente grande também assistirá com satisfação à exibição dos «marionettes».

São muitos os artistas que se apresentam, executando os mais variados números. Os bonecos têm muita vida e grande agilidade de movimentos. De parabéns, portanto, a TV-Rio, por essas ótimas apresentações.

GRAU DEZ:

★ Para as apresentações de «Café Society em 4ª Dimensão», na TV-Tupi. Teófilo de Vasconcelos e seus convidados debatem com bastante graça e vivacidade o tão atual assunto dos cronistas sociais.

★ Para Virgínia Lane em «Coelhinho Teco-Teco». As crianças têm nesse programa da TV-Tupi um ótimo divertimento. Virgínia, com muita vivacidade e graça, conta histórias para os garotos e envia beijos para os aniversariantes.

★ Para «Nós somos assim», às sextas-feiras, na TV-Rio. Os componentes das classes mais humildes do nosso povo comparecem ao programa e são submetidos a uma série de perguntas, sobre vários assuntos. Encerrada a enquete, o animador Péricles do Amaral, com muita sobriedade, tira conclusões dos assuntos tratados. O programa tem por fim mostrar ao público como muitos dos assuntos de maior destaque no momento, no país e no exterior, não chegam a interessar às nossas classes mais humildes.

FORTUNA (usando todo o nanquim) **APRESENTA**

EM PRETO

NOTA EM MEIO TOM

• Amigo leitor, continua em reparos a rotativa de côres da nossa Revista, motivo pelo qual nos vemos limitados, ainda esta semana, aos recursos do preto e branco. Ainda bem! Já imaginou se, em vez da máquina de côres, acontecesse qualquer coisa com a de imprimir em preto? Estas páginas teriam que sair em branco.

COMO É QUE
VOCÊ CONSEGUIU
FICAR ASSIM?

TOMANDO
BANHO DE
SOL, ORA!

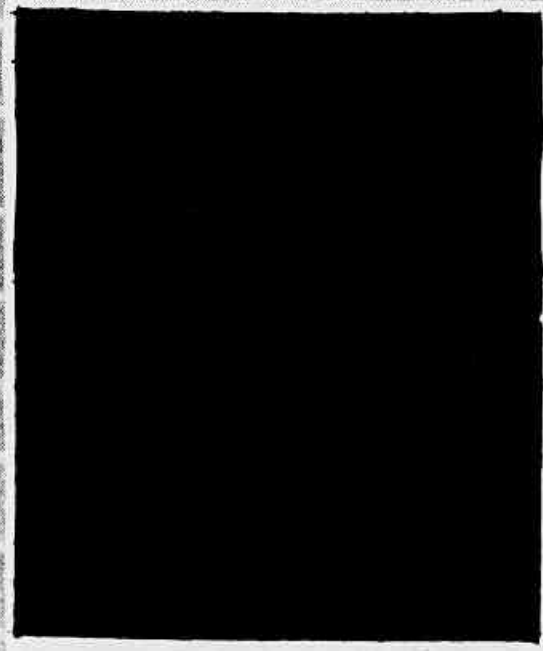
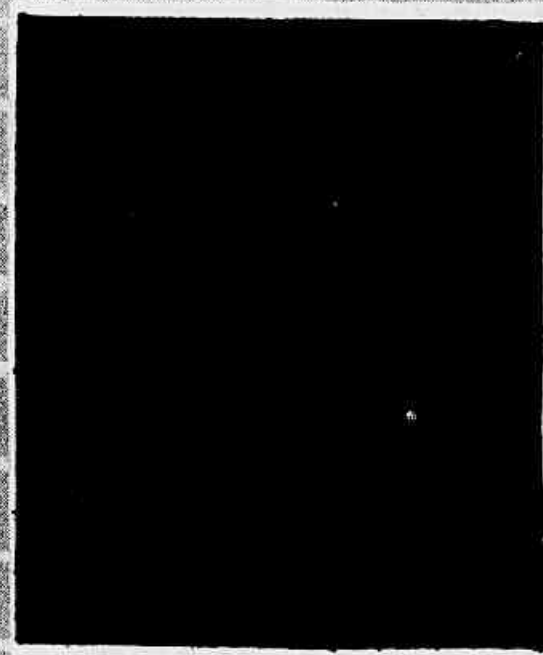
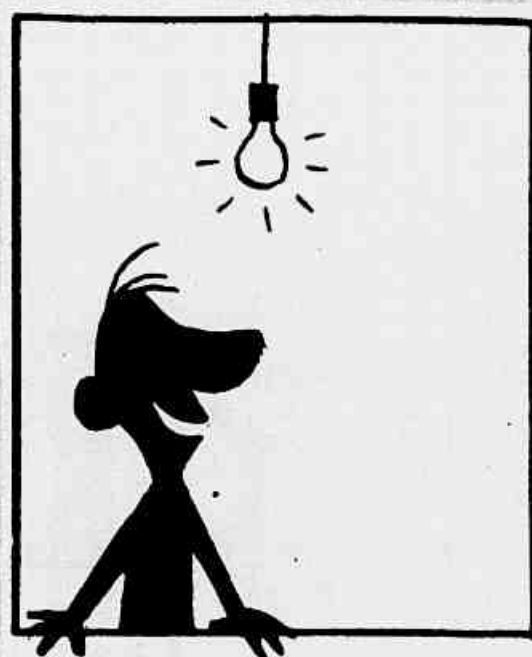
SIM, SEMPRE FUI SEU
ADVOGADO, MAS DESTA
VEZ LAMENTO NÃO
PODER SERVI-LO.

ESCLARECIMENTO
AOS LEITORES QUE
NÃO ENTENDERAM:

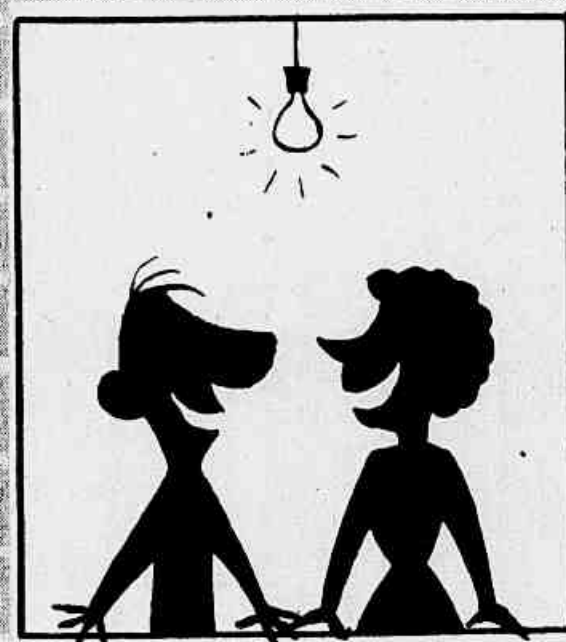
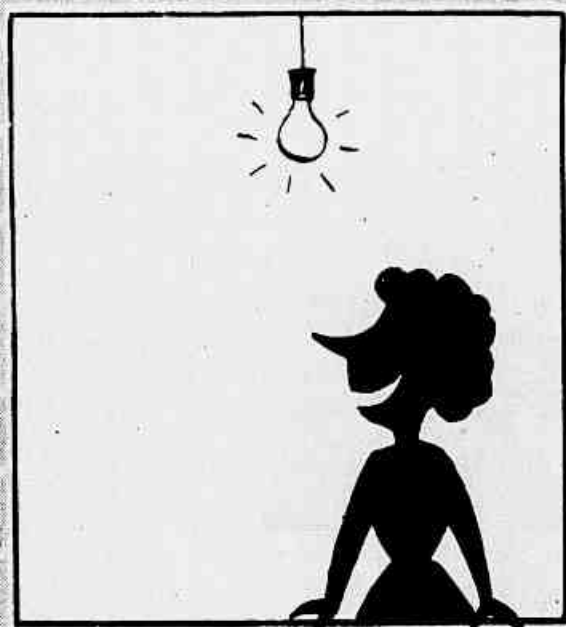
Esta é uma piada em
negativo.

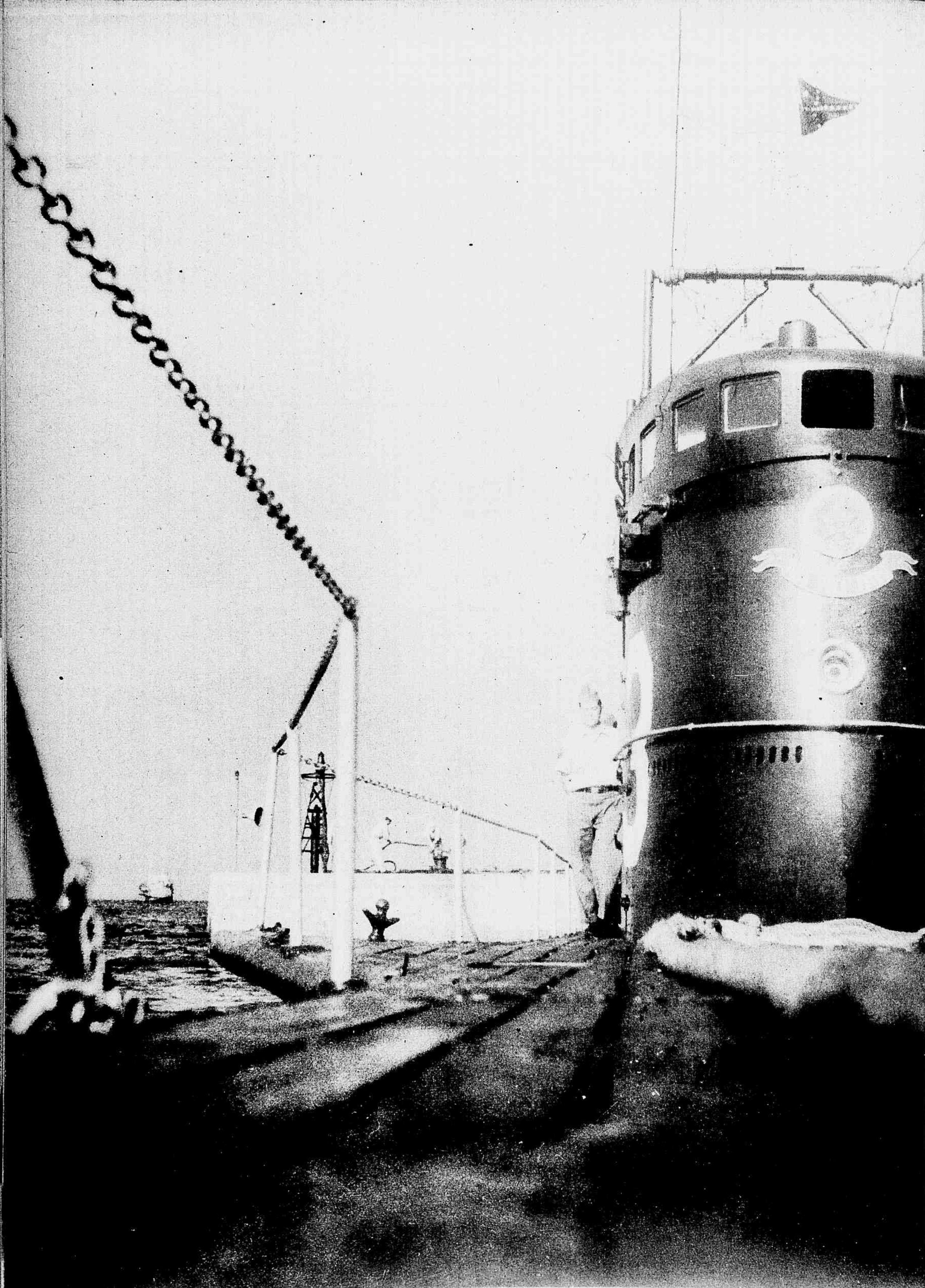
ESCLARECIMENTO
AOS LEITORES QUE
NÃO ENTENDERAM:

Ele é que está prêso.



E BRANCO





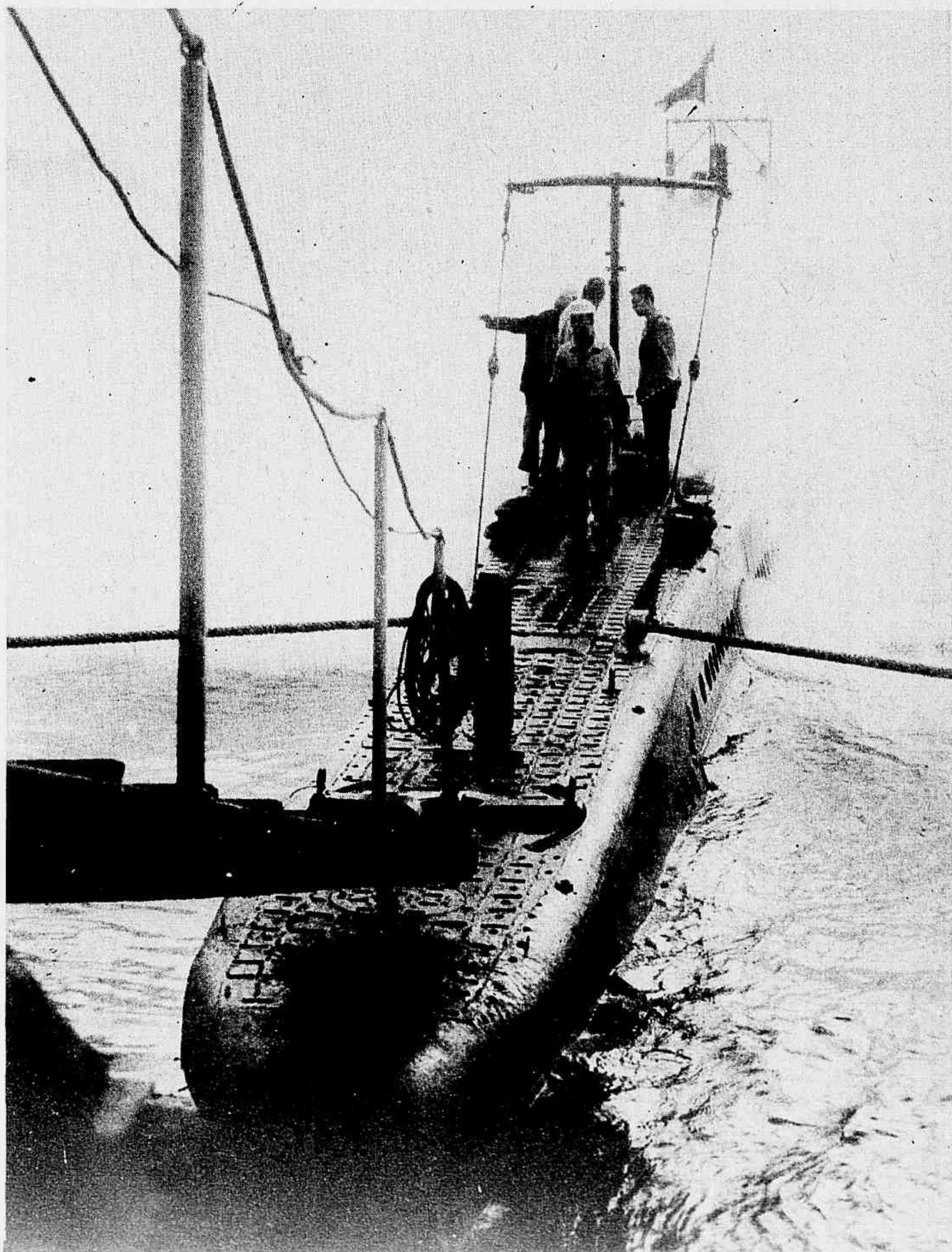
-S.S. TAMOIO, capitânea da Fôrça de Submarinos da Marinha Brasileira. Um novo dia de trabalhos vai começar. Dessa vez, a reportagem
REVISTA DA SEMANA — 22

O SUBMARINO É O MAIOR DOS PEIXES

**FERA DO MAR À ESPERA DE UM MELVILLE QUE O CELEBRE
— EPOPEIA QUOTIDIANA DE HOMENS COM NERVOS DE
AÇO — UM ALMOÇO A TRINTA METROS DE PROFUNDIDADE,
EM QUALQUER PARTE AO LARGO DO LITORAL FLUMINENSE.**

Texto de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

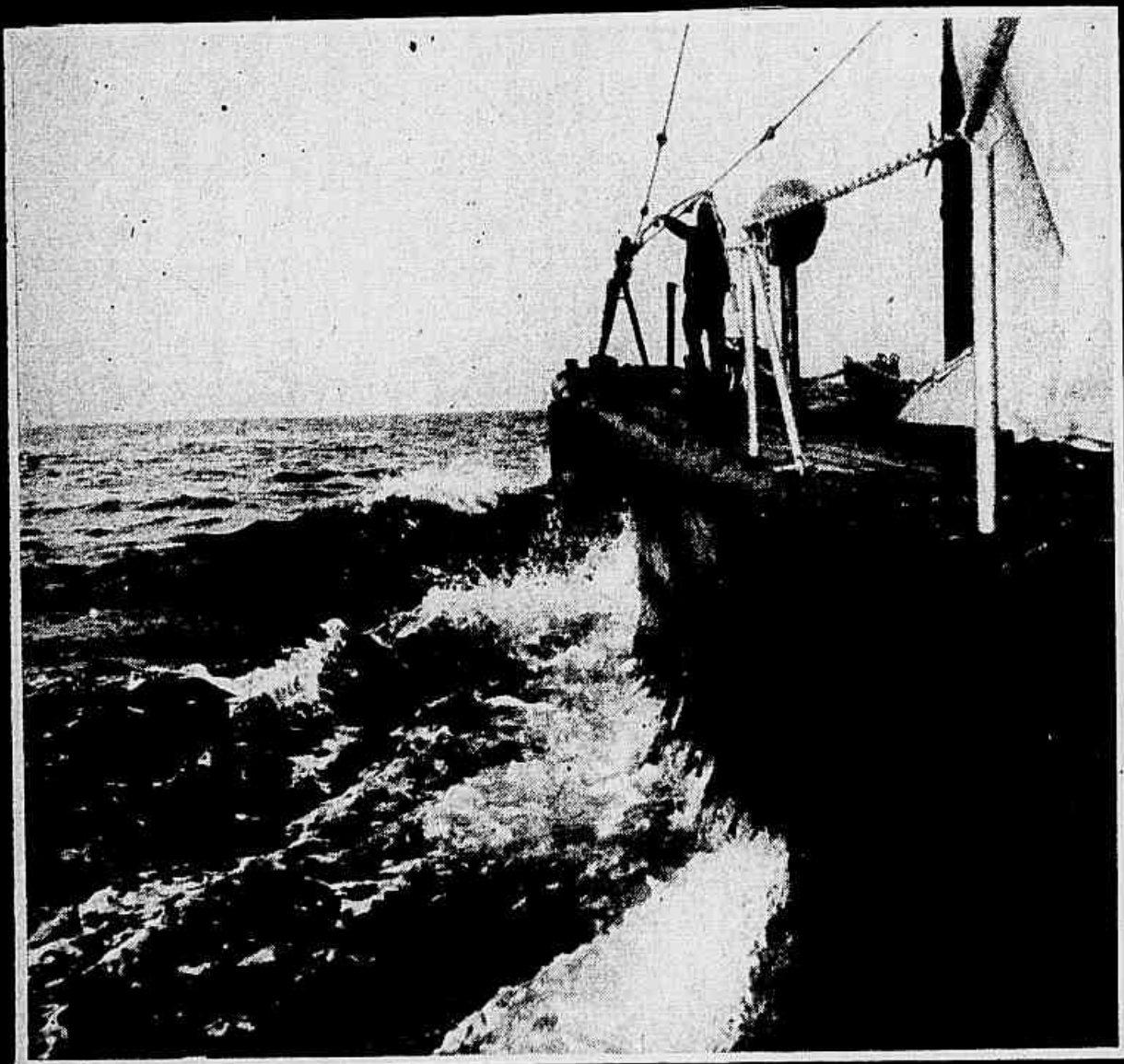
Fotos de ALBERTO FERREIRA



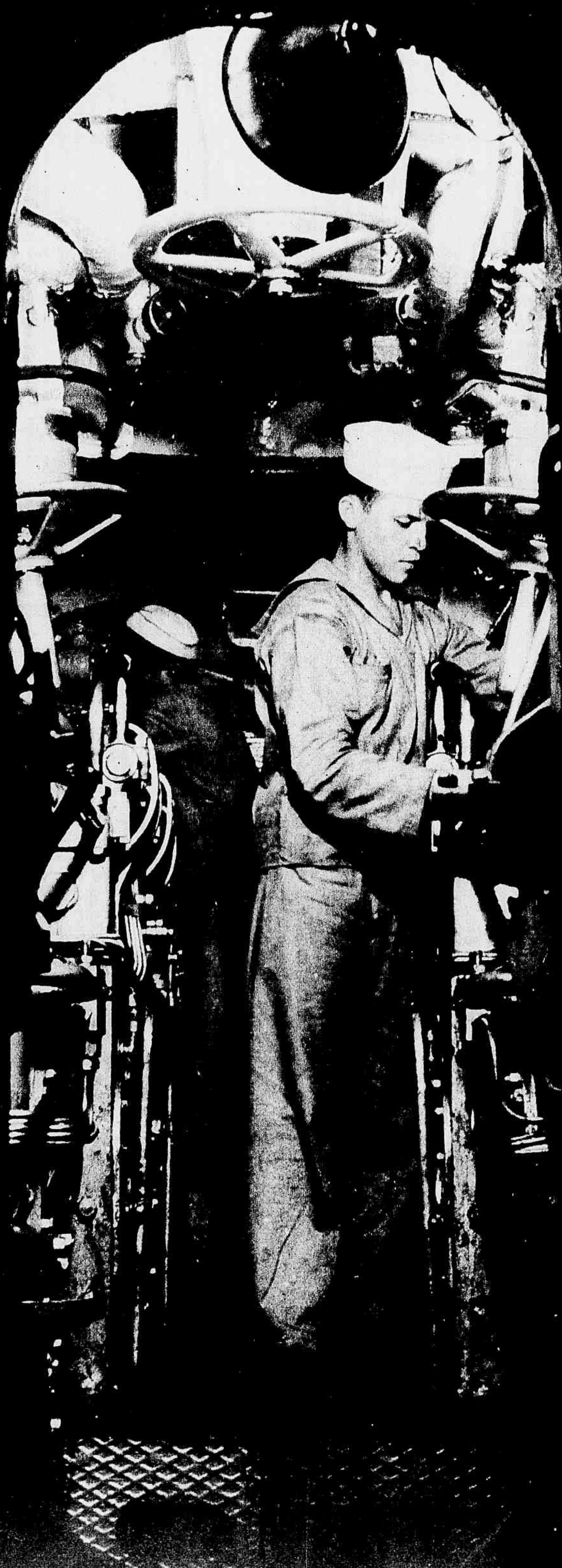
de «REVISTA» segue a bordo.



QUANDO ESSE CARGUEIRO passou pelo submarino (foto de cima) trocaram cumprimentos mútuos. À saída da barra da Gua-



nabara as ondas começavam a encrespar-se, lambendo o costado do «Tamoio» (centro). Abaixo, ainda na base, a desatracação.



O SUBMARINO "TAMOIO" É

● **VENCENDO A NATURAL aversão**, dos que mal sabem nadar, pelas coisas marítimas, o repórter da **REVISTA DA SEMANA**, há cerca de quinze dias atrás, tomava, em frente ao Ministério da Marinha, uma pequena e apinhada barçaça. Seriam sete e meia da manhã de um dia que se anunciava escuro e melancólico. A seu lado, o fotógrafo, mais acostumado ao quotidiano vaivém das ondas, tranquilamente lia seu jornal. Ambos buscavam, assim sentados lado a lado com os marujos, o sítio onde um para nós até então terrificante monstro repousava de suas diabruras marinhas. Não viamos, sobre aquelas faces experimentadas, nenhuma sensação de angústia, nada que pudesse expressar algo semelhante a um adeus à vida, sequer a mínima preocupação. A preocupação era nossa, a angústia era nossa, só nossa, toda nossa. Seguiam simplesmente para o trabalho, com a mesma naturalidade com que outros tomam um ônibus ou se dependuram ao estribo de um bonde.

● Quase uma hora após a saída, chegávamos a um local encantador, onde, protegido por um quebra-mar, tendo sobre o dorso pardacento algumas dezenas de homens, que o limpavam com carinhos de mãe, jazia **AQUILO** que, a nossos olhos talvez viesse a ser, dentro de mais alguns momentos, nosso pomposo túmulo em pleno oceano: um submarino, o **"TAMOIO"**, pertencente à Força de Submersíveis da Marinha de Guerra do Brasil, que tem por comandante o Capitão de Mar e Guerra Vitorino da Silva Maia, a quem devemos em grande parte (bem como ao Comandante Canongia, oficial de Gabinete do senhor Ministro da Marinha) a presente reportagem.

DIARIAMENTE ESCOVADO, ENCERADO E PULIDO PELA TRIPULAÇÃO.

● **UM POUCO DE HISTÓRIA** — Dos primeiros esboços, ainda tímidos e incertos, de Leonardo Da Vinci, às linhas ultra-modernas do fabuloso **"Nautilus"**, a distância percorrida pelos construtores de submarinos é quase tão grande quanto a que separa o **Pithecanthropos** do **Homo Sapiens**.

Da Vinci, o gênio que emprestou a inúmeros campos da atividade humana sua poderosa cerebração, sempre empenhada em trilhar novos caminhos, não chegaria a construir o primeiro submarino: coube essa glória a um holandês, Cornelius Van Drebbel, em 1624. Seu submersível, provido de remos, mergulhou cinco metros nas águas frias do Zuider Zee. Aliás, o fato de à Holanda pertencer tal láurea não pode causar estranheza a ninguém: ela mesma uma espécie de submarino, alteia-se sobre os mares, ou sob eles repousa, segundo o fluxo das marés e a força de vontade de seus filhos e tripulantes.

Um norte-americano, Robert Fulton, experimentaria em 1801, no Sena, aquele que seria o pai de todos os submarinos (já que do avô há pouco falamos): o **"Nautilus"**, cuja forma cilíndrica seria de então por diante adotada por todos os fabricantes dos posteriores membros da família. O casco duplo, muito mais resistente à tremenda pressão das águas, foi pela primeira vez utilizado em 1900, no **"Narval"**, projetado e construído pelo francês Max Laubeuf.

Há poucos anos, finalmente, após sigilosos estudos que se estendiam desde o fim da guerra, foi lançado ao mar o **"Nautilus"**, o primeiro submarino a utilizar a energia atômica com força propulsora, o que lhe permite um raio de ação quase ilimitado, e uma capacidade de imersão de mais de trezentos metros.

● **O TAMOIO** — A Marinha do Brasil emprega, para a defesa das costas nacionais, submarinos construídos em 1937, na base naval de La Spezia, na Itália. São apenas três, de vez que o **"Humaitá"**, capitânea da flotilha, da qual era o maior e mais poderoso membro, deu baixa há pouco tempo do serviço ativo. E' claro que esse número é pouco para um país possuidor de tão extenso litoral. Contudo, se levarmos em conta que a Argentina nem mesmo três possui, e que o Peru, sob tal ponto de vista, a mais poderosa nação sul-americana, não possui mais de oito, veremos que a flotilha de submarinos do Brasil não é tão obsoleta como alguns possam julgar. O **"Tamoio"**, por exemplo, a bordo do qual a reportagem imergiu, tem cerca de sessenta metros de comprimento, deslocando quase setecentas toneladas, quando à tona d'água. Para imergir, seus reservatórios — verdadeiros pulmões de aço, ávidos de líquido — podem comportar até cem toneladas mais. Suas armas ofensivas são seis tubos torpedeiros, quatro ô

proa e dois à popa. Metralhadoras anti-aéreas podem ser instaladas na ponte de comando, quando o navio se encontra à superfície. Um canhão, destinado por igual a agir ao nível do mar, foi atualmente proscrito da tombadilha, de vez que pequenino é o poder ofensivo do submarino à flor d'água, a surpresa sendo sua maior aliada e principal virtude como arma de ataque. A velocidade do **"Tamoio"** é de 20 nós, à superfície. O nó equivale à milha marítima — 1852 metros — tendo como relação a hora. Dizer pois que um navio corre à velocidade de 20 nós, é afirmar que, em uma hora, percorre ele 20 milhas marítimas.

O **"Tamoio"** tem uma capacidade de imersão de, no máximo, 80 metros. Para locomover-se à superfície, emprega um motor Diesel; imerso, porém, é utilizado um motor de corrente contínua, produzida por uma série de poderosos acumuladores. Até 9 metros de profundidade, por intermédio do periscópio — um longo tubo metálico, dentro do qual um engenhoso jogo de espelhos reflete a imagem à superfície — pode o comandante do submarino observar o que se passa acima de sua cabeça. Além de tal profundidade, contudo, os contactos visuais com o mundo lá em cima reduzem-se a nenhum, e o submarino é guiado unicamente através do som, que emitido por um aparelho situado na proa, gráficamente, indica, sobre um mostrador de grande precisão, o roteiro a ser palmilhado. E' o mesmo processo empregado pelos morcegos, que aqui se repete — a natureza, como sempre, ensinando ao homem as minúcias que só ela é capaz de criar.

O **"Tamoio"** teria a forma de um perfeito cilindro, se, de ambos os lados do tombadilho, seus tanques laterais não o fizessem assumir a forma de um charuto, adelgaçado nas extremidades, bojudo no centro. Mesmo acima d'água, quando a navegação se faz à custa do motor Diesel, pouca coisa resta: apenas o tombadilho, quando o mar é mais calmo, e a ponte de comando, uma casamata de cerca de dois metros de altura, ao cimo da qual se chega através de uma escadinha de ferro. A cozinha e o banheiro do submarino — rudimentares, como não podia deixar de ser — alinham-se sob a ponte de comando, alguns palcos sobre a linha d'água — o que faz com que seja impossível utilizá-los, quando o mar está agitado. E' comum, aliás (narra-nos o comandante Lélío Cavalcanti, do **"Tamoio"**) que o cozinheiro manuseie suas panelas e frigideiras com água pela cintura, e mais de uma vez uma onda mais atrevida tem levado de rojão tais utensílios quotidianos, quando não o próprio mestre cuca...

● **O INTERIOR DO "TAMOIO"** — Dentro do submersível, até onde se chega através de três apertadas escotilhas, que mal permitem a passagem de um homem de corpo um pouco mais



O COMANDANTE Vitorino Maia observa um dos delicadíssimos instrumentos de navegação existentes a bordo do submersível **"Tamoio"**.



O MOMENTO DE DEIXAR a base para efetuar manobras em alto mar é ansiosamente esperado. A tripulação desse submarino vale ouro.



A TRIPULAÇÃO DO **"TAMOIO"** trata do velho submarino com carinhos de namorada. Por isso mesmo, o bicho anda sempre brilhando.



É ATRAVÉS DE PEQUENINAS aberturas como essa que se tem acesso ao interior do submarino. Uma escadinha de ferro, acanhada e incômoda, conduz os tripulantes até o bojo do submersível, onde o mundo de aparelhos e utensílios os aguarda.

reforçado (uma na proa, outra na pôpa e terceira na ponte de comando); o ambiente é impressionante. O tormentoso problema do espaço, que já se começa a fazer sentir mesmo em terra, atinge aqui a proporção absurda. Pode-se com efeito dizer que cada palmo, cada centímetro, até, de um submarino, tem sua utilidade e sua importância. As paredes, o chão, o teto, estão cobertos de válvulas, indicadores de pressão, de profundidade, de tubos e aparelhos os mais variados, para os quais quarenta e dois pares de olhos (que tal é a tripulação do «Tamoio», quase nos esqueçamos de dizer) se voltam constantemente.

A longa estrutura é dividida em seis compartimentos, o primeiro dos quais localizado no

proa. O terceiro é o mais importante, nele se encontrando os principais instrumentos, entre os quais o periscópio e os sutis mecanismos que superintendem a imersão e a navegação. Ali pode-se dizer que funciona o cérebro do navio. O coração, porém, a válvula propulsora de todo esse complicado organismo, está localizado no compartimento de número 5: são os acumuladores que alimentam o motor elétrico, e que dão à atmosfera circundante um calor infernal. No aposento 2 alinham-se cinco beliches, um para cada oficial, além de uma pequena mesa para refeições e outra para estudos. Entre os de número dois e três, encolhida em seu canto, jaz a sala de rádio.

De um compartimento para outro, as portas

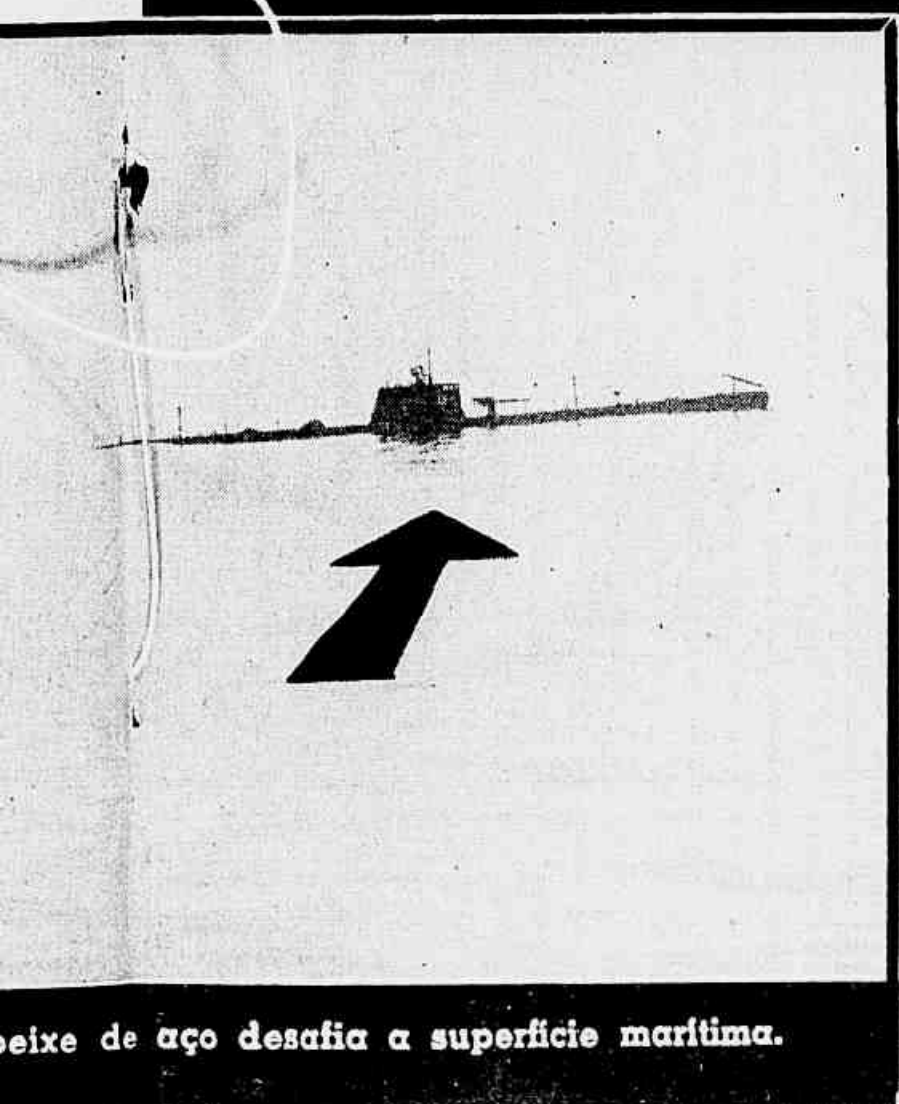
de acesso são tão estreitas que a muito custo um homem, sem a experiência necessária, adquirida em longos dias de treinamento, conseguirá passar, mesmo encurvado. Tais portas, absolutamente estanques, quando o submarino vai imergir ou emergir, são cuidadosamente cerradas: se acaso a pressão da água romper o casco em determinado ponto de um compartimento, os outros estarão completamente livres de inundação, graças a elas.

● **A SOLENIDADE DE IMERSÃO** — Tanto ouviu o repórter falar dos perigos de uma imersão, quando mais não fôsse, da tremenda dor de cabeça ocasionada pela pressão no fundo do mar, que quando percebeu o tampão da escotilha cerrar-se sobre si, chegou a arrepender-se da aventura. Depois, o silêncio absoluto que em tal ocasião toma conta do navio, de ponta a ponta — silêncio apenas interrompido pelas ordens incisivas e secas dos oficiais — a seriedade daqueles rostos habituados às expectativas, não são de molde a permitir grandes expansões de alegria.

Enquanto o comandante alça o periscópio e o imediato transmite a um sargento as diversas instruções concernentes à imersão («abrir o tanque número um», etc. etc.), cada marujo, em seu posto, colabora para o bom andamento das manobras. O submarino desce lentamente, nessa imersão experimental, que apenas se destina a distribuir igualmente o peso da água nos reservatórios, de modo que a embarcação não fique tombada nem para a direita nem para a esquerda, nem para frente ou para trás. Quando se faz a distribuição exata do peso, de tal forma que a estabilidade do submersível é perfeita, ele mais uma vez volta à tona. É a primeira etapa da imersão, que acaba de encerrar-se. Agora, depois de avisado pelo rádio (que, convém lembrar, não funciona senão à superfície) o caça-submarinos que sempre acompanha tais embarcações em seus exercícios, sobre a posição da nave e sobre a duração da imersão, começa a segunda etapa — a imersão propriamente dita. Abertas as válvulas que dão acesso aos tanques, esses se enchem em alguns instantes de água. Um tanque ultrarápido, o T.R.I. (Tanque de Rápida Imersão) é utilizado quando se quer apressar a descida. Esse tanque, em pouco mais de um minuto, absorve uma quantidade espantosa de líquido. Quando o submarino já está a uma boa profundidade, a água que enche esse T.R.I. é expelida, por meio de bombas de ar. Não se percebe a mais leve oscilação do barco, que qual um peixe colossais, singra majestosamente em demanda do mar alto. Olhamos o indicador de profundidade: vinte e cinco metros abaixo do nível do mar. É quase meio dia. Hora do almoço, para o qual nos chama um marujo sisudo.



A PONTA, SETECENTAS TONELADAS E QUARENTA E DOIS TRIPULANTES : EIS O SUBMARINO "TAMOIO".



seixe de aço desafia a superfície marítima.



NOS BRAÇOS DE MAMÃE Ann Blyth, por ocasião de seu primeiro aniversário natalício, eis Timothy. A atriz, que é casada com o dr. James Mc Nulty, está aguardando a cegonha novamente.

A IMPERATRIZ Soraya, do Irã, experimenta o novo vestido que lhe fez Schubert, o grande costureiro romano, rival dos mais célebres criadores franceses da elegância feminina.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



CHARLES CHAPLIN esteve há pouco em Paris, onde foi ver o Festival Internacional de Arte Dramática. Ei-lo ao lado da bailarina chinesa Tu Chin Fang, um dos grandes êxitos da festa.

ESSA LOURINHA INGLÊSA, que começou como simples anunciante num programa de televisão, é atualmente um dos maiores sucessos de bilheteria nos teatros e cinemas londrinos. Chama-se Sabrina — e seu nome começa a espalhar-se por todos os continentes. Devido ao sucesso, várias estrêlas inglesas começam muito justamente a sentir-se despeitadas.





LONGE VAI O TEMPO de «Éxtase», é verdade. Mas Heddy Lamar ainda é essa bela e provocante mulher que aí vemos, numa loja de Roma, completando seu suntuoso guarda-roupa.



MISS UNIVERSO — UMA BELEZA DOMÉSTICA

QUANDO CHEGOU a Upsala a notícia de que Hillevi Rombin tinha sido eleita, nos Estados Unidos, a moça mais maravilhosa do mundo, seu louríssimo noivo, Nils Benker, tenente das Forças Aéreas Suecas, exclamou: «Para mim, isso não é novidade. Hillevi sempre me pareceu a moça mais maravilhosa do mundo». Hillevi não é só bela e inteligente: é igualmente uma ótima dona de casa. Ei-la preparando alguns quitutes, na cozinha de sua residência. Boa digestão, tenente Nils Benker.



ESSA LOURINHA de dezessete anos é Lora Lee Ritenour, que, com outros «gangsters» mirins, participou de um assalto a um banco em Detroit. Ainda se interessam em querer saber qual o seu telefone?

ADRIANA LECOUVREUR

Por LUDOVIC DE LARTIGUES

CAPÍTULO IV

Ilustração de RAMÓN

ADRIANA aproximava-se dos trinta anos, idade em que se intensificam as paixões, e as experiências dolorosas. Por três anos quase, o amor havia feito o milagre de «ressuscitar» Adriana. Por quase três anos, o incontentável aventureiro Maurício de Saxônia permanecera fielmente aos pés da grande atriz. Um amor gentil, impregnado de humildade e de doçura. Mas tal paraíso bem cedo transformar-se-ia num inferno. Diferentes quanto ao espírito, quanto à educação, quanto aos ideais, logo surgiram as primeiras nuvens a empanar-lhes o amor.

Maurício não conseguia mudar de personalidade, e quando a paixão começava a arrefecer, passava longos meses distanciado, em caçadas ou em guerras. Sua vida era toda uma aventura, e ele a vivia sem escrúpulos ou posteriores remorsos. As vítimas se sucediam em seu caminho. E Adriana infelizmente não fugiria ao regulamento. Fiel ao amor, vivia agora horas de grande martírio. Sua saúde começava a preocupá-la, mas bastava uma palavra de carinho de Maurício para que tudo parecesse melhorar. Mesmo o teatro a cansava, quase mais nada lhe interessavam as representações, embora fizesse desesperados esforços para continuar com elas. Escrevia a Maurício longas cartas de amor: «Vem, não resisto mais», «Morro longe de ti», «Tem piedade de tua infeliz Adriana», eram frases comuns em tais missivas.

Quando a ambição do príncipe o levou à conquista do Ducado da Curlândia, Maurício ali foi encontrar a jovem viúva Anna Ivanova, filha do Czar Pedro o Grande. A princesa também se mostrou interessada pelo belo conquistador, que lhe prometera desposá-la, caso ela conseguisse sua eleição para duque — o que desde logo constataram ambos não ser tão fácil. Desprovido de dinheiro, escreveu a Adriana uma carta, na qual confessava sua precária condição. Acrescentava, muito engenhosamente, que aquele não era um pedido de auxílio, mas somente uma satisfação. De qualquer maneira, assim que a recebeu Adriana vendeu diversas jóias e quadros, móveis e abrigos, e amealhou uma pequena fortuna, que remeteu incontinenti para Maurício. A Argental, que foi encontrá-la a desnudar a casa de seus ornamentos, declarou simplesmente:

— Amigo, estou ajudando a minha felicidade. Maurício, quando voltou afinal para seus braços, não ficou senão pouco tempo — o suficiente para lhe dizer ainda uma vez que a amava. As cartas da duquesinha viúva cedo o atraíram de volta à Curlândia. Corria o ano de 1728.

— Caro Maurício, se tua felicidade depende dessa duquesa de Curlândia, que assim se faça. Sei que tu me amas acima de tudo, e que a mais ninguém hás de amar como amas-me a mim. Faze o que desejas. O meu amor estranho e terno por ti jamais te abandonará. Adeus, meu querido, por toda a vida.

Anna Ivanova acolheu com calor a chegada de Maurício. Não só a duquesa, como toda a nobreza de Curlândia, via com olhos benignos o príncipe Maurício de Saxônia. As mulheres principalmente o apoiavam. Entrementes, o fútil cavalheiro se distraía... Entre as damas de «honor» da duquesa, havia ele notado uma jovem de rara beleza, de quem em pouco se tornaria amante. Passavam as noites juntos, em deliciosos sonhos de amor.

Uma noite em que ambos passeavam pelas imediações do castelo, uma velha os surpreendeu. Era noite sem lua e a velha se assustou ao deparar com os dois vultos embuçados. Pôs-se assim a gritar com todas as forças de seus pulmões, atraindo gente de vários lugares. Estava descoberto o segredo do conde. E os comentários começaram a surgir. Terminaram afinal por chegar aos ouvidos de Anna Ivanova, que enfureceu-se ao extremo, e rompeu relações com o príncipe.

Assim desprezado, Maurício não teve outro jeito senão voltar para Adriana, que o acolheu com a paixão de sempre. Estava mais pálida e trágica do que nunca, e também mais dedicada ao príncipe. Tudo o que ele desejasse, os mínimos caprichos de seu coração volúvel e egoísta, ela buscava satisfazer. O sorriso que de quando em quando iluminava o rosto de Adriana era cheio de lágrimas. O príncipe, porém, mantinha-se frio e longínquo. Tinha agora uma nova aventura, chamada Henriette Françoise de Lorene, Duchesse de Bouillon, Princesse de Hancourt. Bela, atraente, altiva, violenta, caprichosa, filha de uma das mais importantes famílias da França, de tal modo cativou Maurício que esse nem mesmo tentou esconder

de Adriana esse novo e irresistível amor. Entre Henriette e Adriana, além do mais, havia uma antipatia enorme, que a paixão de ambas pelo príncipe vinha ainda exacerbar. Henriette exigiu do príncipe que esse a apresentasse publicamente a Adriana. E Maurício assim o fez. A humilhação de Adriana chegava ao máximo. Sua saúde era agora ruim, e a beleza começava a abandoná-la, em seu lugar ficando apenas a lembrança de uma grande formosura, que as ingratidões da vida tinham afinal consumido. Ela quase já não recitava, debilitada ao extremo como se encontrava. Sem embargo, uma alegria ficava para ela: Paris a estimava sobre tudo o mais, e recriminava o procedimento de Maurício, que de maneira tão pouco nobre martirizava a grande atriz. Pelas ruas, pelas estradas que levavam à grande cidade, o caso era comentado em tons apaixonados e violentos por vezes. Como não pudesse fazer coisa alguma diretamente, a população enchia o teatro de tal maneira, quando Adriana recitava, que era penosa e quase impossível a locomoção pela sala, em tais ocasiões. E seu camarim ficava cheio de flores.

No dia 10 de dezembro de 1729, durante uma recita de «Fedra», quando Adriana recitava sua parte mais dramaticamente do que nunca, os dois amantes penetram na sala e vêm sentar-se bem próximo ao palco. Adriana pálidamente continuou. Nunca representara tão bem. Mas quando o salão caiu sobre o último ato, e Adriana se adiantou alguns passos, no palco, todos os espectadores perceberam que um espetáculo a parte lhes estava reservado. Com efeito, a atriz, em altos e veementes brados, invectivava a rival e o infiel amante, cobrindo-os de vergonha. Como se não lhes bastasse, todo o teatro, de pé, punha-se agora a aplaudir as palavras de Adriana, assim lhe hipotecando irrestrita solidariedade em seu caso sentimental.

Maurício e Henriette abandonaram rubros e apressados a platéia. Dizem as crônicas do tempo que, depois daquele dia, Adriana nunca mais foi a mesma. Um mal estranho a consumia. Era o veneno, difundido num grande braço de flores, que um desconhecido admirador lhe oferecera. Um veneno mortal, que lenta e progressivamente se apoderava de seu organismo, que a conduziria em pouco tempo à morte. Havia quem dissesse estar a duquesa de Bouillon im-

plicada no caso. Essa porém negava o fato com veemência, exigindo a punição dos verdadeiros culpados. Tão escudada se pensava em sua posição e em suas amizades...

A 10 de março Adriana pela última vez representou. Era o «Édipo». Como sempre, esteve perfeita. Mas ao fim da peça estava exausta. No dia seguinte o fiel Argental a procurava:

— Está melhor, Adriana?

— Minhas vísceras queimam, D'Argental. Maurício onde está?

— Tu queres vê-lo ainda?

— Sim. Ao menos uma vez, ainda junto ao meu leito. Eu lhe perdôo tudo, mas desejaria morrer junto a ele. Você crê que isso seria possível?

Foi possível, porque apenas D'Argental lhe falou, Maurício acorreu à cabeceira de Adriana, da qual não se despegou senão após três dias, quando a atriz já não era viva. Uma hemorragia intestinal a liquidara. Aos poucos, seus olhos cheios de lágrimas foram deixando de entrever o vulto elegante do duque de Curlândia, enquanto a mão que conservava entre as do conde subitamente se petrificava.

O romance de Adriana Lecouvreur não terminou porém com sua morte, pois amigos e conhecidos o recordaram ainda muito depois dela. Em 20 de março de 1730, durante o velório, D'Argental e Voltaire, ajoelhados, estão inconsoláveis. Mas a duquesa de Bouillon é inexorável: pede a autópsia do cadáver, a fim de libertar-se da acusação que sobre ela pesa. O exame nada prova, com efeito.

Paris está consternada. A «Rainha da Cena» vai ser enterrada. A notícia de que o Cura de Saint-Sulpice impedira o sepultamento de Adriana em seu cemitério abala a cidade. A Igreja lhe negara o repouso em terra consagrada. Voltaire, em versos belos e violentos, irritado com a «Infame» (como ele a chamava) elogia publicamente a atriz, ao mesmo tempo em que condena a Igreja Católica por sua excessiva precaução. O corpo é afinal enterrado, clandestinamente, junto à margem do rio Sena. D'Argental, algum tempo depois, faz exumar os restos mortais de Adriana e dá-lhes afinal repouso num pequenino cemitério.

Maurício também não viveria muito tempo mais. Um assalto de febre o prostraria por terra. Quando compreendeu que estava perdido, chamou os amigos e exclamou:

— Gostaria tanto de ficar ao lado de Adriana! Foi a única mulher que verdadeiramente me amou. É o mínimo que posso fazer para provar-lhe que também eu não a esqueci.

Morreu em 30 de novembro de 1750, aos 54 anos. Seu último desejo não chegou a ser cumprido, porque Luiz XV lhe reservara honras grandiosas. Mas, nessa vontade de poucas horas antes da morte, ao fim de uma vida tão cheia de aventuras, o que se pode ver é o reconhecimento tardio mas total do príncipe Maurício de Saxônia por aquela que morrera por seu exclusivo amor.

F I M



CONVERSA DE MULHER

LIGIA JUNQUEIRA



UM IMPORTANTE PROBLEMA EDUCACIONAL

● O conceito de educação — principalmente das meninas — modificou-se muito, dos tempos passados até hoje. Antigamente (e não é necessário retroceder a mais de 50 anos) as jovens cresciam na ignorância completa a respeito de certos problemas que atualmente, depois dos estudos de Freud e das divulgações do famoso inquérito de Kinsey estão expostos em letra de fôrma na imprensa de todo o mundo. Quando muito, eram êsses assuntos abordados pelas mães, e com muitas reticências, aos ouvidos da filha às vésperas do casamento. Às vezes, nem isso... Evitava-se falar em público de "certas coisas"; as mocinhas usavam vestidos compridos que lhes ocultassem as formas; até além da puberdade, ainda que não acreditassem mais na cegonha, não tinham idéias muito claras sobre o nascimento.

● Por incrível que pareça, ainda existem muitas mães que teimam em dar às filhas uma educação antiquada. Naturalmente, é claro, antes da adolescência é inútil ensinar a um menino ou a uma menina coisas que não compreenderiam. O resultado seria desconcertante como o daquele menino de sete anos que, diante das explicações científicas e realistas da mãe ultramoderna, retrucou zangadíssimo: "Você está mentindo!... a história que vovó contou é muito mais bonita!..." A história da vovó incluía a cegonha... Quando chega, porém, a época apropriada, quando o menino ou a menina começam a sentir as primeiras modificações físicas e psíquicas da adolescência, deve-se instruí-los, com simplicidade e delicadeza, sobre os assuntos de natureza sexual. Assim não se fazendo, a curiosidade torna-se mórbida ocasionando as mais graves conseqüências.

● A jovem moderna, esclarecida sobre a realidade, saberá se proteger e se defender muito melhor que outra criada na ignorância de tudo. Compete às mães conquistar a confiança dos filhos para que êstes lhe perguntem tudo aquilo que têm dúvidas, e as respostas devem ser dadas sem falso pudor. É inútil obstinar-se em querer dar às jovens uma educação já ultrapassada, dos tempos em que apenas saídas da adolescência já encontravam "prontinho" o marido escolhido pelos pais, muitas vezes bem diferente do príncipe azul dos seus sonhos de menina.

NOTINHAS ÚTEIS

OS BOIÕES com tampa de vidro às vezes são difíceis de se abrir porque a tampa escorrega na mão. Se, porém, você a segurar com uma lixa, a dificuldade deixará de existir. Tinha sempre na cozinha uma fôlha de lixa especialmente para êsse fim.

★

APROVEITE as sobras de batão — Vá guardando numa latinha... Quando tiver uma quantidade suficiente, derreta tudo em banho-maria e derrame, ainda quente, num tubo de papelão, que servirá de fôrma. Terá, assim, um novo batão, inteiramente grátis.

★

UM PROCESSO simples para lavar pentes: penha água numa baciazinha; junte uma colherinha de amônia; deixe os pentes de molho, cerca de uma hora. Depois enxagüe-os em água limpa, porque todo o sujo terá saído.

★

NÃO BATA nunca um coquetel em frente a seus convidados. Já tem acontecido acidentes muito desagradáveis em relação à roupa dos mesmos. Mais vale prevenir, que...

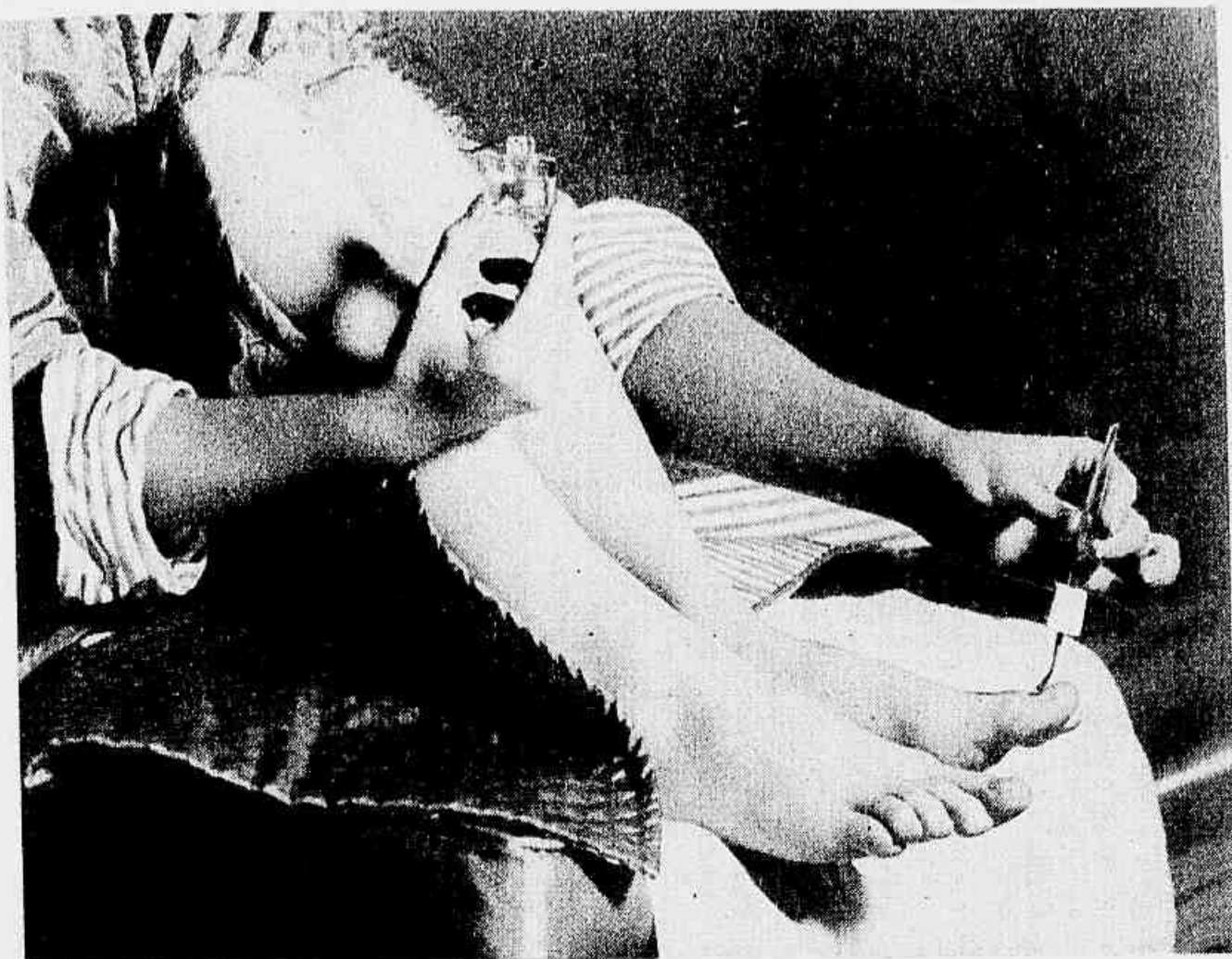
★

OS SAPATOS de duas cores são limpos da seguinte maneira: primeiro a parte de couro colorido, com graxa incolor para sapatos; depois a parte branca, com preparado especial para isso, e com muito cuidado para não manchar de branco a parte de cor.

★

TIRAM-SE MANCAS de tinta a óleo com água-ras ou essência de terebentina. Embebe-se um pano num desses dois líquidos e deixa-se sobre a mancha por uma ou duas horas. Depois basta esfregar que sairá.





UM POUCO DE BELEZA

ALGUNS CONSELHOS PARA OS PÉS

★ Quando estiver em casa, procure caminhar o mais possível sem sapatos e nas pontas dos pés. É ótimo para fortificá-los assim como aos músculos das pernas.

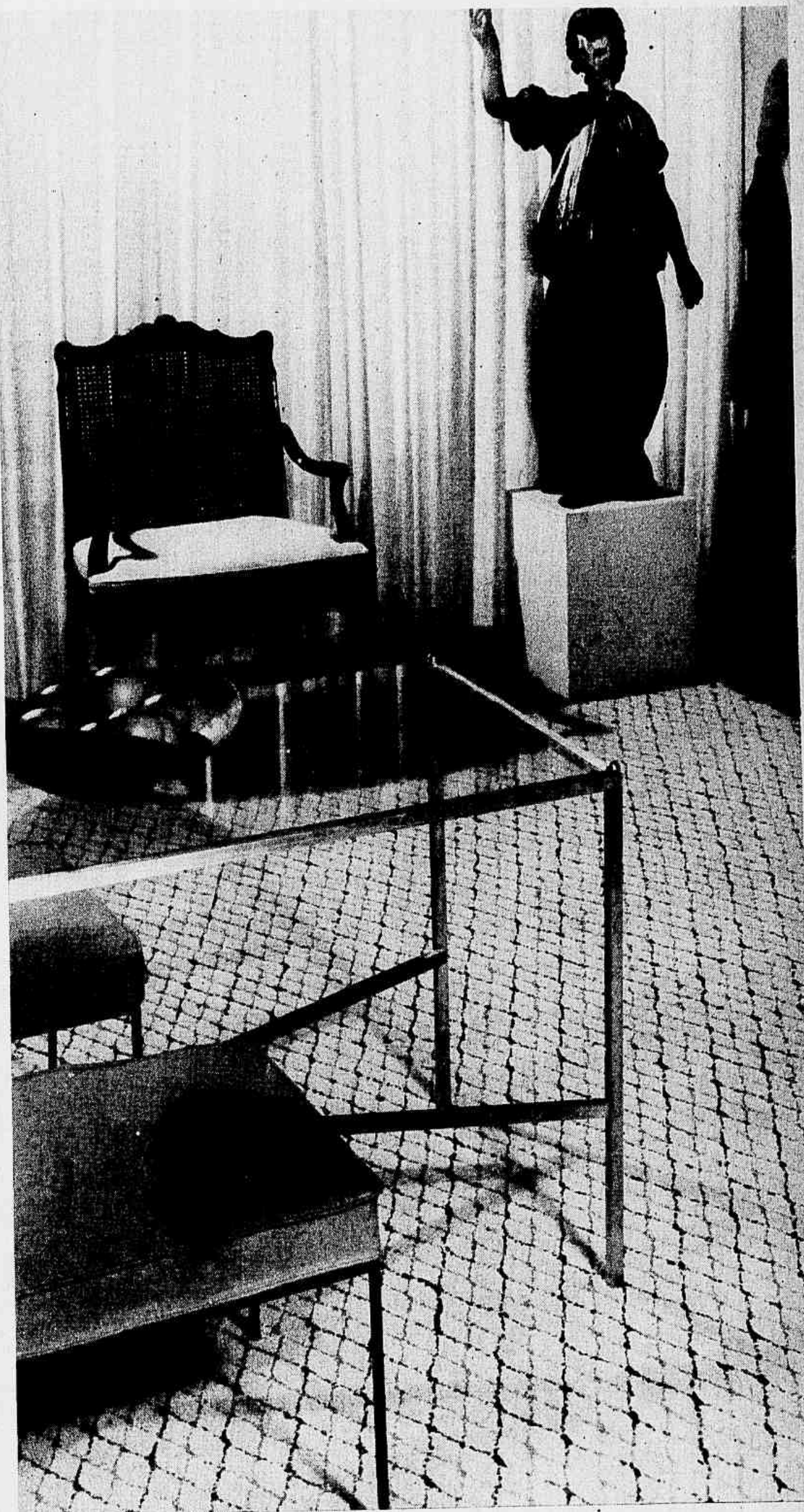
★ Depois de um dia movimentado a caminhar, se os seus pés estiverem doloridos, ou se mostram um pouco inchados, faça isso: Ponha água morna numa bacia, (30 cm de água no mínimo), acrescente um punhado de sal e mergulhe os pés, ficando em pé por cinco minutos.

★ Todas as manhãs escove os pés enérgicamente com uma escovinha dura e bastante espuma de sabão.

★ À noite, faça massage com um creme nutritivo, sempre em movimentos de baixo para cima, e partindo dos dedos para os tornozelos.

★ Coloque sempre um travesseiro debaixo dos pés quando dormir. Isso facilita a circulação do sangue no corpo e, além disso, proporciona excepcional repouso aos pés.

★ Procure ter sempre as unhas dos pés bem tratadas e pintadas com esmalte de tonalidade média.



Week-end na cozinha

● Eis uma idéia luminosa para o lanche da tarde ou o café da manhã. Estes deliciosos «quadrinhos de geléia» constituem também um «achado» para levar no farnel de pique-nique, etc. 1 — Bata 1/3 de xícara de manteiga com 1 xícara de açúcar, até obter um creme homogêneo. Junte 2 ovos, um de cada vez. 2 — Peneire juntos: 1 xícara e 3/4 de farinha de trigo, 2 colheres das de chá de fermento em pó e uma pitadinha de sal. Junte esses ingredientes secos à massa, alternadamente com 2/3 de xícara de leite. 3 — Misture 1 xícara e meia de geléia de fruta (morango, laranja, ou outra de sua preferência) com 2 colheres das de sopa de farinha de trigo e 1 colher das de sopa de açúcar. Junte à massa. 4 — Unte uma assadeira e ponha a massa para assar em forno moderado, de 35 a 45 minutos. Corte em quadrados quando ainda na assadeira. (A receita foi calculada para cerca de 24 quadrados).

Sugestão para o lar

● Muitas vezes o moderno e o tradicional se associam na decoração do lar. O resultado é imprevisto e encantador. Vejam, por exemplo, este canto de sala ou de «hall»: ao fundo a cadeira em jacarandá, em estilo colonial, com o inevitável encosto de palhinha e assento idem, porém «modernizado» pela adição de uma almofada revestida de damasco; a estátua em tamanho quase natural, é uma daquelas obras preciosas, entalhada em madeira, que o século XVII deixou nas capelas das fazendas de Minas e da Bahia.

Contrastando, temos, no primeiro plano, uma mesa moderna em duralumínio e vidro, ladeada por duas banquetas em ferro esmaltado, com almofada de espuma de borracha.



**COMPANHIA COLONIAL
DE NAVEGAÇÃO**

Linha marítima Europa-América do Sul
em viagens inesquecíveis.

**VERA CRUZ
SANTA MARIA**

Agentes Gerais:
COMPANHIA COMERCIAL E MARÍTIMA S. A.
Av. Rio Branco, 4, Loja Tel.: 23-2930.

Cupom «Escola de Corte e Costura São Paulo»

Nº 600 Curso por Correspondência para Senhoras e Alfaiates

—//—

A Escola de Corte e Costura «São Paulo» dos Métodos «VOGUE»

Rua José Vilagelim Júnior, 52 — Caixa Postal 838 — CAMPINAS
Estado de São Paulo

Peço enviar-me gratuitamente prospectos sobre o ensino de
«Artes e Modas», curso de Professôras e Contra-mestres.

NOME

RUA Nº

CIDADE ESTADO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Mischa Elman

● Eis que sempre nos deparamos com o complexo problema da bilateralidade na apreciação da expressão musical. Quando falamos em bilateralidade, queremos excluir, de início, a possibilidade da chamada arte objetiva (no sentido estritamente emocional, e não no sentido estético-filosófico). Comumente o intérprete, envolvido pela atenção geral do público, sofre um processo de inibição que, de um modo ou de outro, afeta-lhe a expansividade emotiva e refreia o personalismo artístico. Mas isso é um fato natural. E não podemos negar que, em sua essência, o poder de comunicabilidade do intérprete musical em nada difere da expressão sentimental do homem na vida cotidiana. Ambos esbarram contra as barreiras inelutáveis do temor e da prudência, e tendem fatalmente para uma sincronização com a linha comum, com um determinado padrão pré-estabelecido.

Por outro lado, o público, além de se caracterizar pela profunda diferenciação que existe em sua capacidade receptiva, necessita de uma peculiar situação subjetiva que lhe abra as portas do espírito. É, pois, quando ocorre tal fenômeno, com a participação ou não do intérprete, que sobrevém o delírio público. Mas, ao falarmos desse delírio, claro está que nos referimos apenas ao entusiasmo de uma reduzida parcela, pois, no momento em que este se generaliza vai encontrar uma explicação plausível dentro dos princípios fundamentais da psicologia das multidões. Um intérprete frio, comedido, tecnicamente superabundante, pode perfeitamente levar uma platéia à exaltação extrema, desde que as possibilidades receptivas da mesma estejam momentaneamente aptas à degradação psicológica do gozo estético.

Não queremos afirmar que foi isto o que sucedeu na noite de 21 de agosto, no Teatro Municipal, ocasião em que Mischa Elman foi alvo de mais uma consagração do nosso público. O famoso violinista russo conseguiu empolgar, e de tal maneira que, ao concluir o recital, foi forçado pela insistência de intermitentes aplausos, a interpretar cinco números extra-programa. Quem não admirou em Mischa Elman a autenticidade e a pureza clássica de sua memorável interpretação da sonata n. 4 de Haendel? Nesta obra, a diluição da forma rígida numa expressividade quase mística, superou o concretismo melódico.

E a apaixonada e lírica singeleza na sonata «Primavera»? A encantadora criação de Beethoven recebeu um tratamento puro, límpido, cheio daquela espiritualíssima penetração que tanto caracteriza o célebre violinista. Concluindo a primeira parte do programa, tivemos o brilhante e pomposo concerto de Mendelssohn. Originariamente composto para violino e orquestra, o festejado concerto sofreu sensivelmente com a ausência da massa orquestral, que é fator preponderante na evidência da dialogação. Entretanto, Mischa Elman, com a excelente colaboração do pianista Joseph Seiger, soube compensar, ao menos parcialmente, essa falha estrutural. E o fez com maestria absoluta, transmitindo em cada movimento a exuberância saltitante e eloquência do espírito mendelssohniano.

Porém, o elevado nível do recital foi levado a um rebaixamento na segunda parte, fato que recaiu exclusivamente sobre a escolha do programa. Mas, mesmo aqui tivemos o «Poema» op. 25 de Chausson, de infinita beleza evocadora e incomparável riqueza melódica. Seguiram-se a «Melodia Hebraica» de Joseph Achron, «Ao Pé da Fogueira» do compositor patricio F. Valle num arranjo de Heifetz, e finalmente a Polonaise Brilhante op. 4 de Wieniawski.

Noticiário

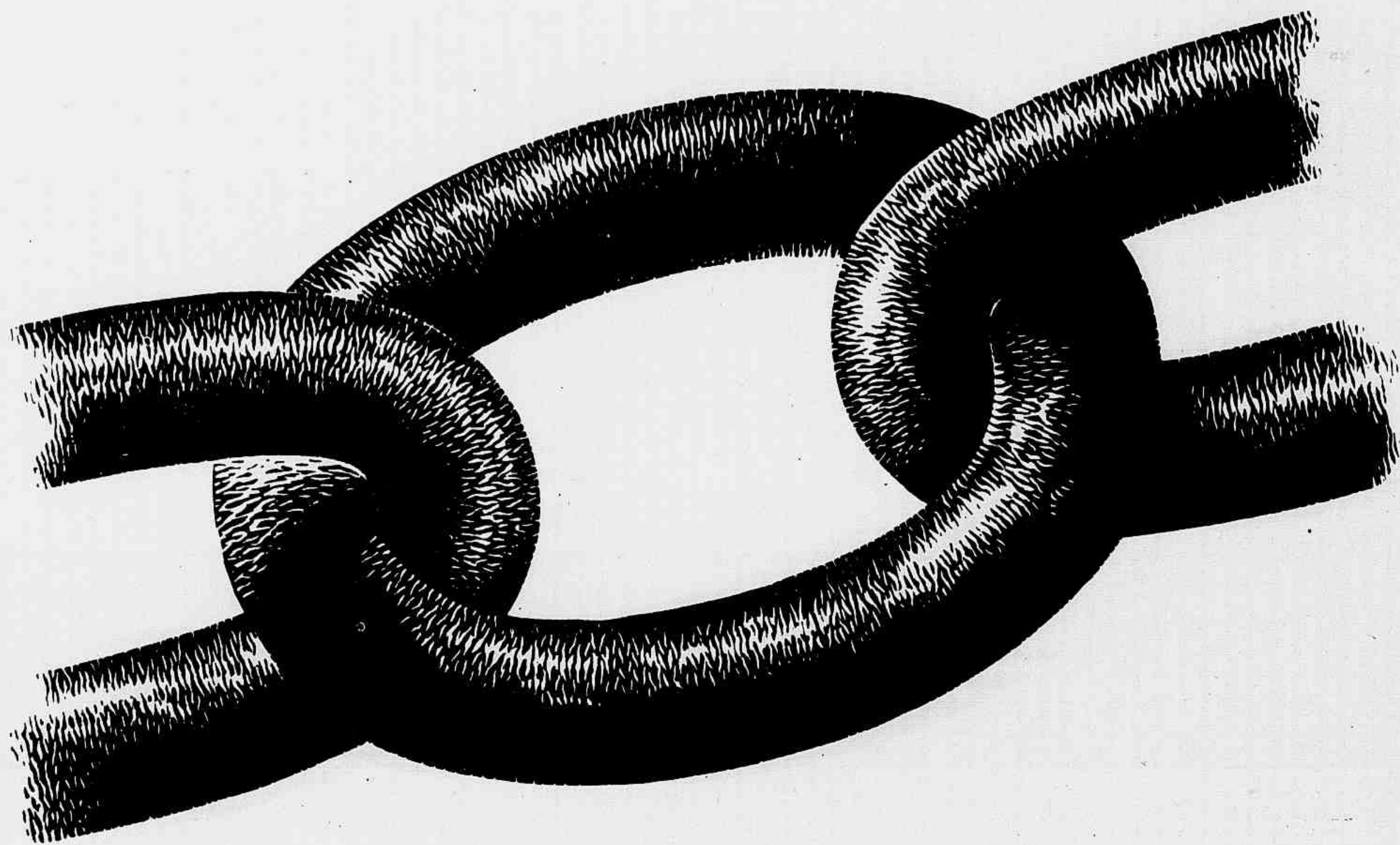
Estreou a Temporada Lírica Internacional de Porto Alegre com a «Traviata» de Verdi. Os principais papéis foram desempenhados pelo soprano Agnes Ayres e pelo tenor Bruno Lazzarini, sob a direção do maestro Edoardo, Guarnieri.

O pianista Henry Jolles iniciou, em São Paulo, uma série de recitais-concertos sob o tema «A obra pianística e a forma musical». Essas palestras ilustradas estão sendo promovidas pelo Grêmio Bela Bartok, que também patrocinou, recentemente, um recital dos 24 prelúdios de Claude Debussy, pelo pianista Roberto Delolio.

A nova temporada de ballet do Teatro Municipal, certamente irá despertar grande interesse pelo indiscutível valor dos elementos que terão oportunidade de se exhibir, tais como Leonid Massine, Paul Szillar, Nora Kovach, Istvan Rabowski, Jack Bearer, Maria Tallchief, André Eglevski e Tatiana Grantzeya, que é a primeira bailarina do Metropolitan de Nova Iorque.



● Dra. Irmengard Lobenstein, da emissora austríaca «Rot-weiss-Rot» que, pelo seu culto à música brasileira e o forte amparo que tem dado aos brasileiros, em Viena, foi chamada pelos seus compatriotas de «brasileira honoris causa». A convite da Juventude Musical Brasileira fará entre nós algumas conferências sobre a música e os músicos de sua pátria e do Brasil.



Em seu 60.^o aniversário de fundação,
a **SUL AMERICA** - COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
comemora no decorrer de 1955, o

Ano da Segurança

uma campanha nacional de profundo sentido humano,
para a difusão dos princípios básicos da SEGURANÇA.

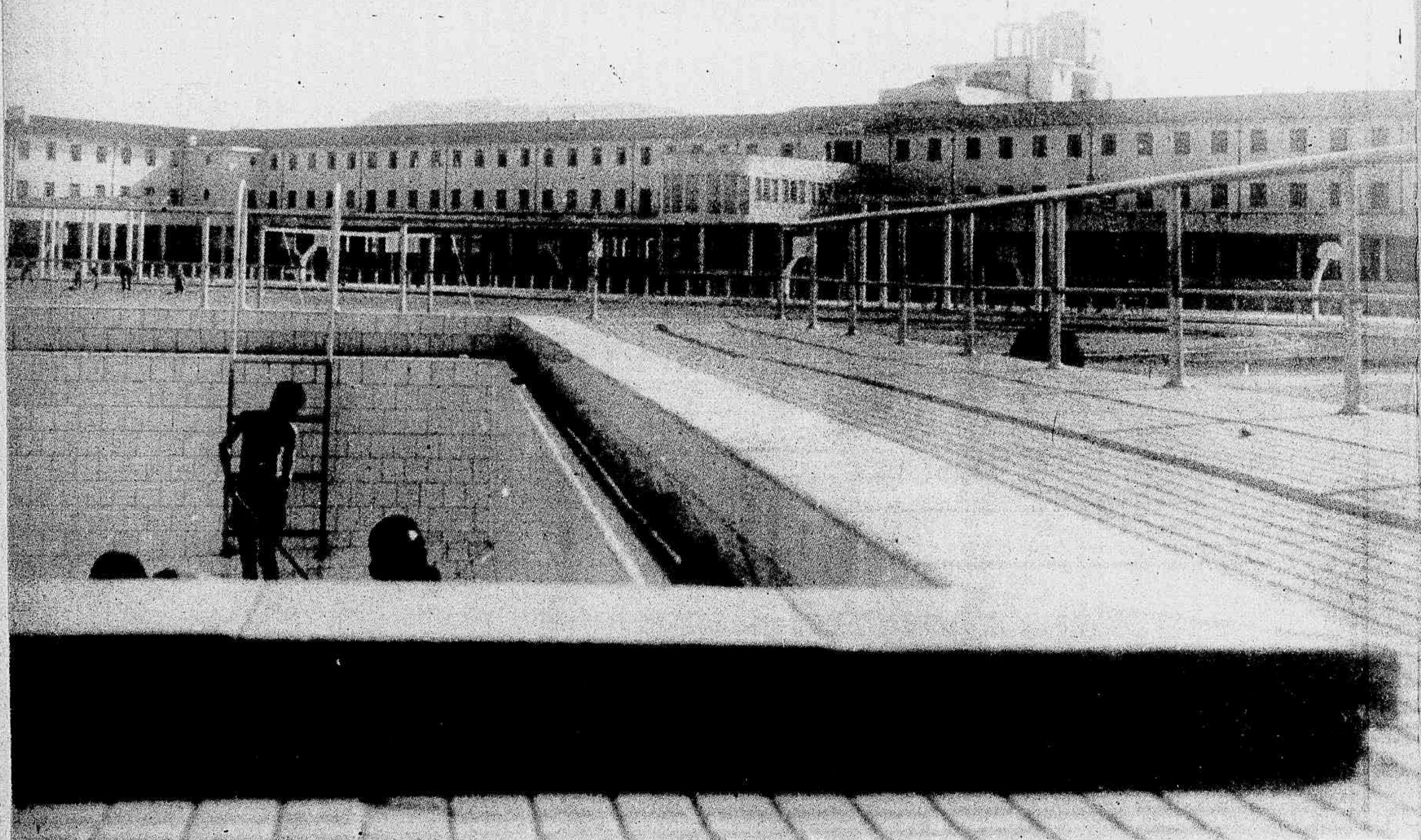


Está sendo distribuído, gratuitamente, aos principais estabelecimentos de ensino ginasial do país, um milhão de exemplares da CARTILHA DA SEGURANÇA, para uso da juventude brasileira.

Porque a SEGURANÇA é, em sua expressão mais ampla, o grande ideal de nossa civilização. Não se trata, apenas, da SEGURANÇA da vida - o maior bem do homem; da SEGURANÇA contra os perigos que a cada passo ameaçam sua integridade física, da SEGURANÇA contra os riscos e acidentes de tôdas as horas. Trata-se, também, da SEGURANÇA contra a instabilidade dos negócios, da SEGURANÇA contra as enfermidades, contra a ignorância, contra os desajustamentos sociais e econômicos, da SEGURANÇA da própria Democracia. Essa campanha tem o propósito de concorrer para a formação, em nosso meio, de um sentimento coletivo da SEGURANÇA, para uma compreensão melhor de todos os elementos que tornam a vida digna de ser vivida, sem os altos e baixos, sem as bruscas mutações, sem os imprevistos e percalços que a todo instante atentam contra a sua estabilidade e até mesmo contra a sua própria existência.

INSTITUTO 15 DE NOVEMBRO:

RETRATO DA DESORGANIZAÇÃO



Vista interna do I.P.Q.N., vendo-se em primeiro plano parte de uma das piscinas, quando era lavada. Ao fundo, um dos pavilhões centrais, justamente onde se acham a Diretoria e quinze salas de aula, além da enfermaria e escola de desenho. De instalações magníficas, a Escola Quinze, porém, até hoje deu apenas uns poucos homens úteis.

**DE 337 FUNCIONÁRIOS, 229 NÃO TRABALHAM
★ UM DIRETOR DE MÉRITOS EXCEPCIONAIS
EM LUTA CONTRA A CORRUPÇÃO ★ AUTÊNTICA
UNIVERSIDADE, COM CINEMA DE 1.500
LUGARES E A VERBA DE 20 MILHÕES DE CRU-
ZEIROS ANUAIS ★ DÉBEIS MENTAIS EM MIS-**

**TURA COM ALUNOS SADIOS ★ UM MURO
LEGENDÁRIO... QUE JÁ PROVOCOU SÉRIOS
CONFLITOS ★ MENINOS DESCALÇOS SOB FRIO
INTENSO ★ O I.P.Q.N. JÁ DEU 6 PROFESSORES
PARA A ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA
ALÉM DE MÉDICOS E ADVOGADOS ILUSTRES**

Texto e Fotos de VINÍCIUS LIMA

JORNAIS e estações de rádio cariocas estão desenvolvendo nova campanha contra o S.A.M. (Serviço de Assistência aos Menores), criado para proteger crianças abandonadas, mas que tem procedido inversamente, pois a maioria dos criminosos condenados pela Justiça, são oriundos daquela instituição, transformada em verdadeira escola de crime. Por isso mesmo, as campanhas jornalísticas desencadeadas contra o S.A.M., além de numerosas e violentas, já se tornaram rotineiras, como rotineiras são as prisões de evadidos de suas dependên-

cias que aqui fora organizam bandos já celebrizados pela sua alta periculosidade.

Assim sendo, quando se fala em crianças egressas do S.A.M., a população fica inquieta, porque já leu nos jornais e ouviu pelo rádio que «Lilico» ou «Mineirinho» matam até sem pretexto, e que são perigosos, muito perigosos, porque fugiram do Serviço de Assistência aos Menores, o espantinho, o covil de bandidos que assombram as famílias cariocas. Ora, é necessário que se coloquem os fatos em suas verda-

deiras proporções, mostrando à população que «Lilico», «Mineirinho» e tantos outros são realmente delinquentes perigosos, porém, o mesmo S.A.M. que já nos deu essa gente, formou e educou o caráter de homens ilustres integrados à nossa sociedade, e dos quais destacamos o médico Paulo Silva (também catedrático de contraponto e fuga da E.N.M.), Marcos Beuzaquen (1º trompista da nossa melhor orquestra), Emerino Cardoso, Assis Republicano, Benedito Silvestre, Modesto de Abreu e Edgar Barbosa. Benedito Silvestre, além de médico é excelente

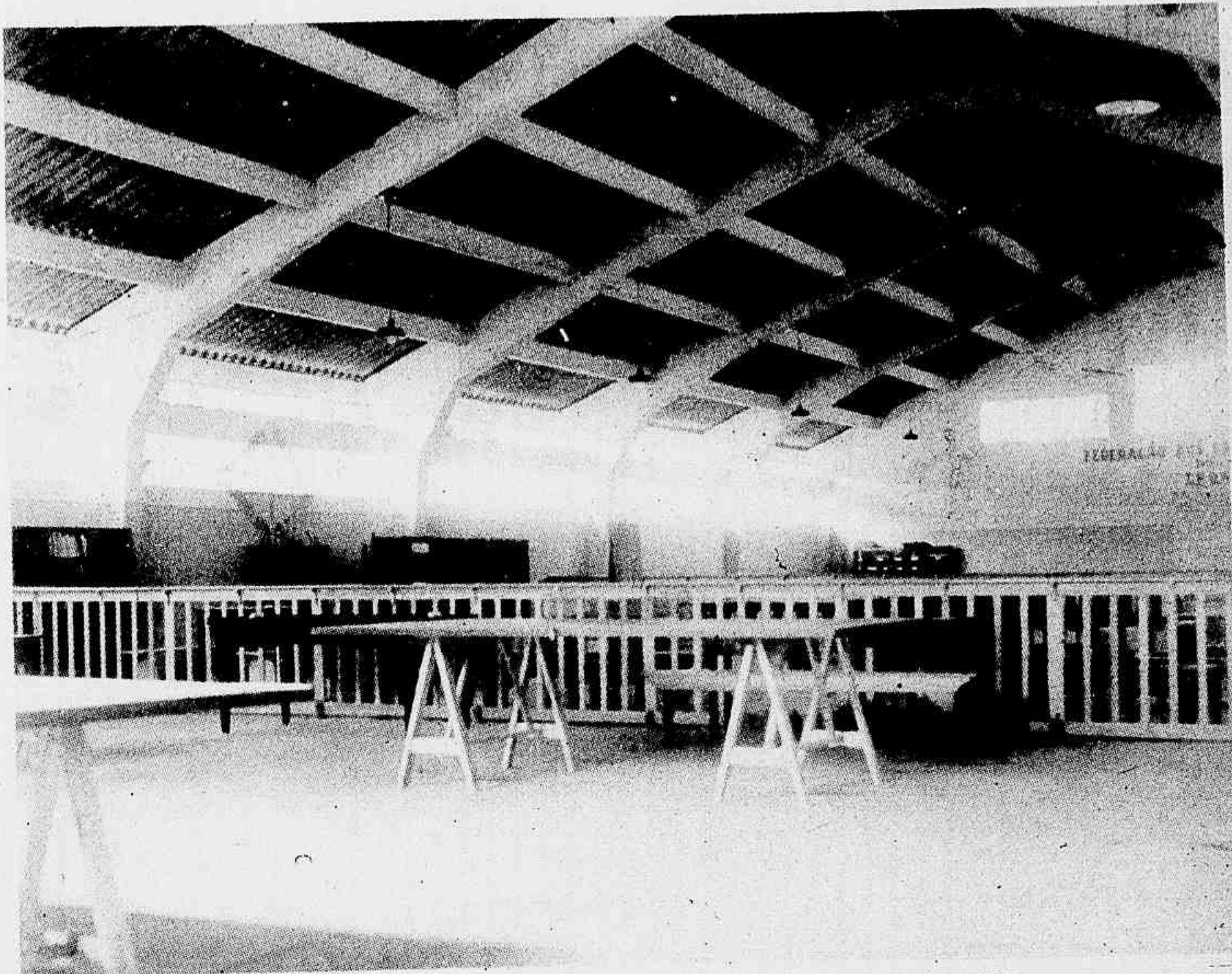
maestro, e os demais citados nesta reportagem, são, igualmente, ilustres professores da nossa orquestra sinfônica, e não se envergonham de terem sido crianças abandonadas nem tão pouco de terem sido companheiros de escola de «Lilico» e «Mineirinho».

POR QUE ?...

O leitor certamente ficará admirado com tamanho contraste, e desejará saber as razões do disparate. Eis a explicação: o S.A.M. não se limita apenas à famosa «Escola» da ilha do Governador, onde moças apanhadas nas ruas pela polícia se tornam mais desgraçadas ainda. O S.A.M. possui duas dependências mais, a saber: a ilha do Carvalho, cujas finalidades não são bem definidas, e, finalmente, o Instituto Profissional Quinze de Novembro, localizado no bairro de Quintino Bocaiuva, com instalações de verdadeira universidade, possuindo além de duas piscinas, um cinema com capacidade para 1.500 pessoas, ginásios, hospital e dezenas de oficinas, e até um jornalzinho editado pelos alunos. Mas... dirá o leitor: ainda não está devidamente explicado o absurdo. Vamos por isso prosseguir:

O que se passa no Serviço de Assistência aos Menores é simplesmente lamentável. Assis Republicano e os demais, são frutos da administração do eminente jurista Lemos Brito, idealizador da Escola Quinze, e seu primeiro diretor. Mas, o que houve de lá para cá, é que vamos procurar resumir em poucas palavras: o S.A.M., a exemplo do que ocorre com as demais repartições do governo, está sujeito às injunções políticas, e por isso mesmo, quando as coisas já estão relativamente bem, o diretor que esteja fazendo algo, ou por mudança de Governo ou por substituição de ministro (Justiça) é mudado, houve casos de nomeação até de investigador de polícia para dirigir o educandário, no governo do sr. Getúlio Vargas.

Acontece que o dito educandário foi criado com finalidades definidas, quais sejam: reajustar o menor para a vida prática, dando-lhe inclusive uma profissão; porém, se um diretor compra máquinas para as oficinas, vem outro e vende essas máquinas. Se surge outro que perfilha um sistema educacional, logo aparece terceiro que adota um sistema diferente, e assim sucessivamente. E não é só. Vejamos por exemplo o caso do material humano designado para o S.A.M., que em sua maioria não tem curso de assistência social, e que por isso mesmo desconhece o problema e sobretudo a psicologia do menor abandonado, causando-lhe a revolta e conseqüentemente as fugas em massa.



Interior de um dos ginásios. Tudo é assim, amplo e bem montado no I.P.Q.N., mas a política partidária vem influenciando desde a sua fundação. Esperemos que, agora que o Instituto tem um bom diretor, conveniências de A ou B não venham a causar novas e prejudiciais mudanças.

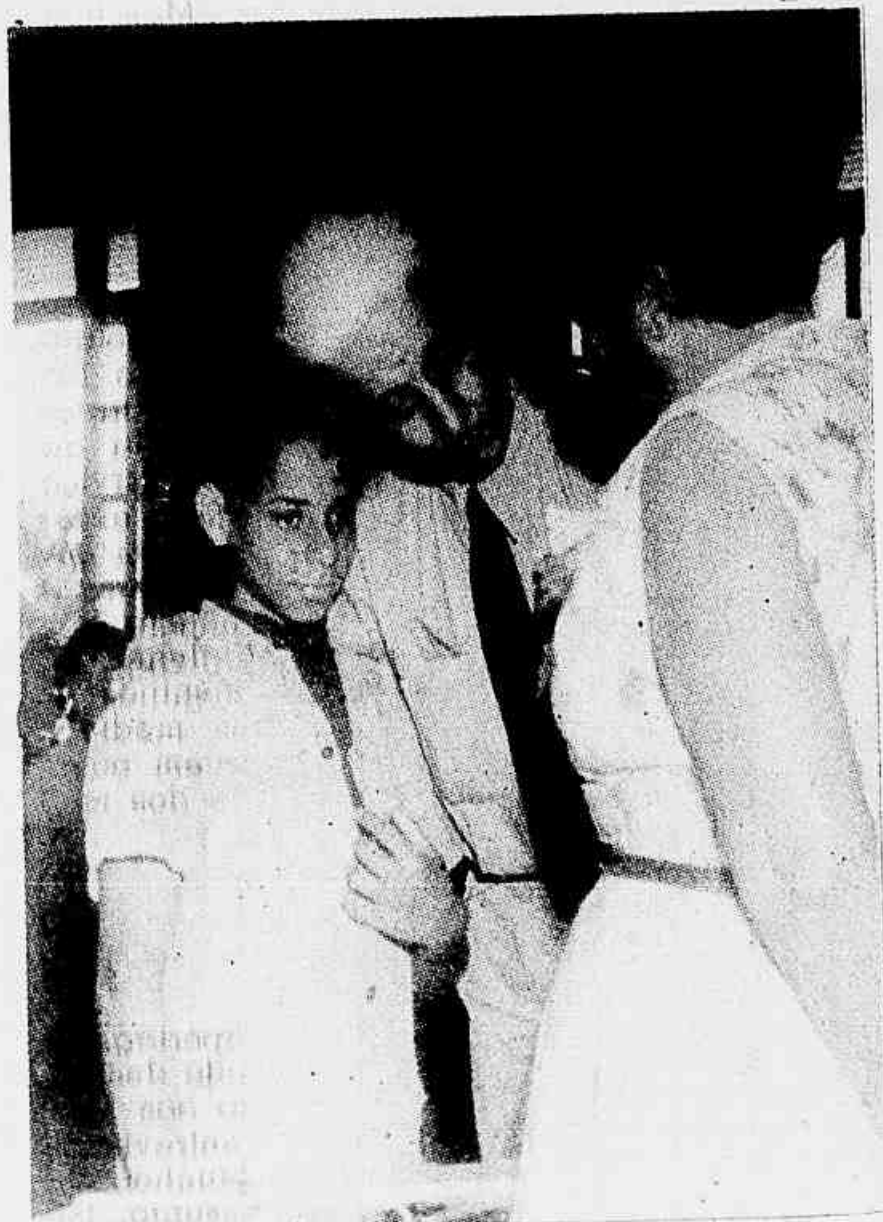
SINECURAS E FAVORITISMOS E...

Além dos erros acima descritos, o S.A.M. que possui a Escola Quinze com instalações de universidade, incorre numa falta grave e desumana, por não manter escolas similares para separar o joio do trigo. Há menores de 17 anos misturados a outros de 6 e 7 anos, e o que é pior, crianças delinquentes em promiscuidade com as não delinquentes e débeis mentais, servindo de motivo de risos ou medo, para os demais, como foi observado na Escola Quinze, onde vimos o menor João de Deus (epilético) provocando espetáculos tristes, sem que o diretor possa fazer algo porque não tem para onde mandar o doente. Assim sendo, está claro que falta ao S.A.M., além de pessoal especializado, instalações adequadas para preencher suas verdadeiras finalidades, dentro do limite mínimo, porque, se se fôr levar em consideração as de-

clarações do ministro Cândido Mota Filho, de que, somente na Capital da República existem 200.000 crianças abandonadas (julgamos haver equívoco — somos apenas 3 milhões de habitantes), então necessitaremos de mais de uma centena de casas idênticas aos I.P.Q.N.

Infelizmente uma das mais fortes razões de não se poder levar a cabo a reforma do S.A.M., é o favoritismo que durante 25 anos campeou, e ainda campeia neste país, cujo exemplo apresentamos baseados no relatório apresentado pelo atual diretor do S.A.M., dr. Rodolfo Fuchs, em junho do corrente ano:

Dos 337 funcionários do Serviço de Assistência aos Menores lotados no I.P.Q.N., pelo menos 229 não trabalham, conforme se pode constatar pelo dito relatório, cujos trechos das páginas 4 e 5 referentes ao fato, publicamos neste trabalho.



O dr. Fuchs, atual diretor. Muito querido pelos alunos. Homem de extrema bondade, bondade que chega a prejudicar a disciplina, afirma-se.



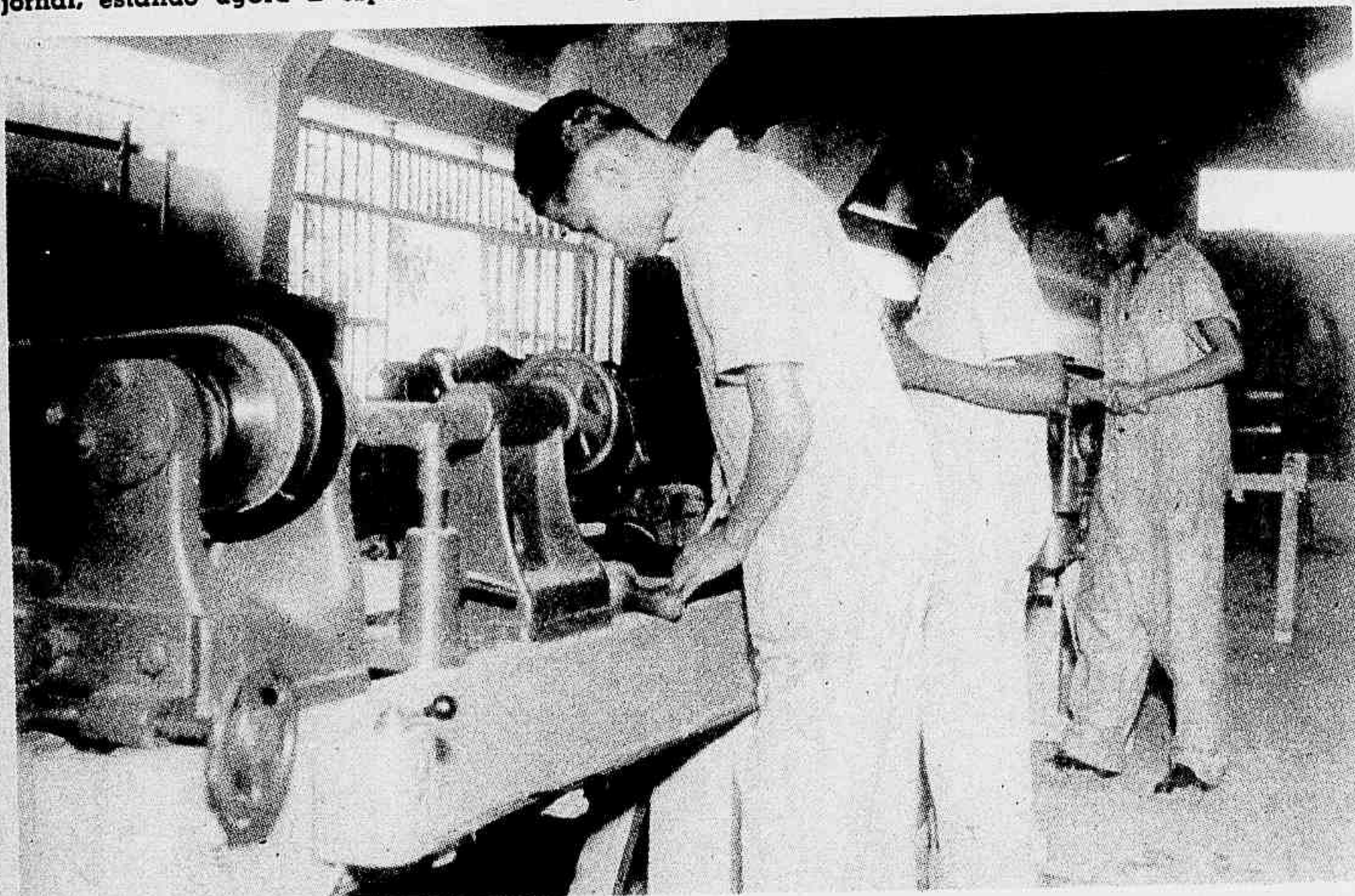
Grupo de meninos, podendo-se ver entre eles, dois descalços. Isto num dia de frio intenso, amanhã cedo, quando caminhavam para as aulas.



Aula de música. Justo é porém que se diga que do I.P.Q.N. já saíram 6 professores de nossa principal orquestra sinfônica, e um deputado.



Aspecto da oficina gráfica, a mais pobre do educandário. Mesmo assim os alunos editam seu jornal, estando agora a espera de uma linotipo. As instalações mecânicas são excelentes, razão



pela qual a indústria nacional dá com prazer emprêgo aos rapazes que trabalharam em torno na Escola XV. Apesar da pouca idade, são bem preparados graças aos bons tornos e professores.



«CASA DE FERREIRO... espêto de pau» — os sapateiros da Escola Profissional Quinze de Novembro, fazem sapatos descalços. O Diretor explica que o caso se repete por displicência dos meninos, cujo prazer é trabalhar dêsse jeito. Interrogados, os meninos se calaram.

Mas os favoritismos e absurdos outros não param aqui. Veja-se como novo exemplo a confissão do atual diretor, no que concerne ainda ao funcionalismo. Diz êle que em virtude da convivência de alguns funcionários, os alunos costumavam passar noites e mais noites fora do Instituto, saindo pelo muro (mais de 30 metros caídos há três anos), derrubado pelas chuvas. Diz ainda o dr. Fuchs que as crianças, sem uma distração dentro do estabelecimento, procuravam as ruas onde vendiam aos seus moradores objetos de uso pessoal. E mais adiante afirma ainda o competente diretor atual da Escola Quinze, que algumas dependências do Instituto estavam tomadas por funcionários que ali residiam, e que por isso mesmo prejudicavam o seu trabalho.

UMA VISITA DEMORADA

Numa visita de várias horas, constatamos que apesar do muro da Escola Quinze continuar caído, e dos menores permanecerem descalços até em salas de aula, o dr. Fuchs está agindo acertadamente, sobretudo pelo seu espírito altamente democrático, deixando inclusive que os alunos escolham em eleições livres seus monitores que por sua vez são julgados entre si num conselho que se reúne semanalmente para julgar suas próprias faltas.

É também digno de nota o fato do atual diretor ter acabado com os castigos físicos. Também ter fundado uma cooperativa que vende de tudo aos rapazes, e que lhes proporciona diversões. Em suma, pelo que constatamos, dentro dos recursos de que dispõe, o dr. Fuchs está agindo acertadamente.

A FALTA DE ASSISTENTES SOCIAIS

Quando foi criada a I.P.Q.N., a verba de 20 milhões era destinada a servir exclusivamente às crianças, dependendo a alimentação, do estado mental e físico de cada turma. A idade era também levada em consideração, e, por isso mesmo, a alimentação, teóricamente deveria ser proporcionada de forma científica. Mas tudo ficou no papel, porque na realidade a alimentação é absolutamente igual, alimentação sadia, não há dúvida (5 crianças resfriadas, apenas — nenhum caso grave), longe no entanto daquilo que fôra planejado pelo professor Lemos Brito.

Apesar de tudo, êsse não é o ponto mais grave, e sim a falta absoluta de pessoas, especializadas em lidar com crianças. Não há no I.P.Q.N. assistentes sociais, nem inspetores tratáveis e capazes de entender a psicologia da criança. Felizmente, constatamos que o serviço médico do Instituto é dirigido de maneira excelente, nada faltando aos internados a quem entrevistamos longe das vistas do diretor. Carece mesmo de referência especial a assistência médica do Quinze de Novembro, pela higiene, pela cortesia com que atendem aos meninos, e principalmente pela assiduidade dos médicos e do farmacêutico manipulador, de quem ouvimos as melhores referências por parte dos meninos.

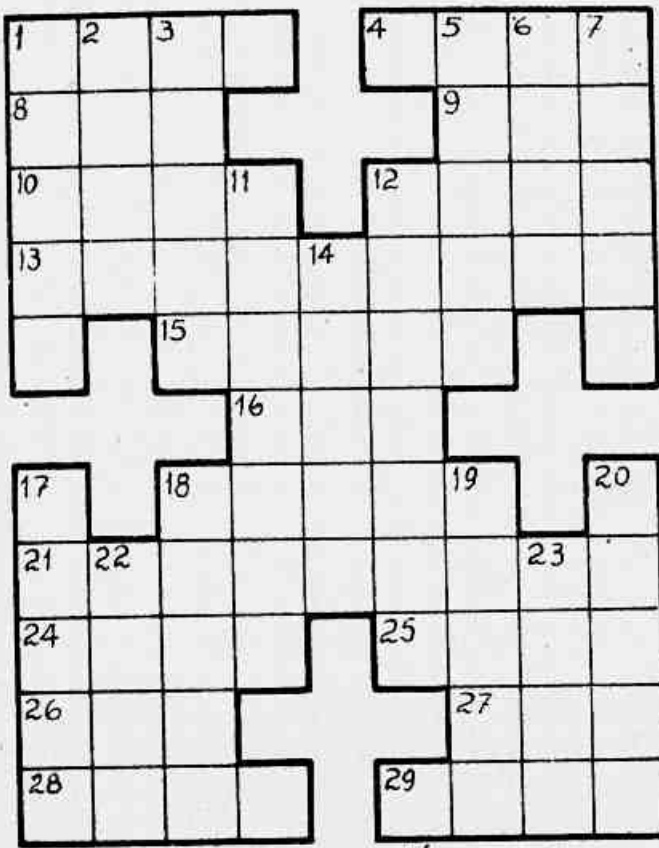
QUE FAZER AGORA?...

Como dissemos no início desta reportagem, outra das muitas campanhas está sendo desencadeada contra o Serviço de Proteção aos Menores, com programas de rádios, e entrevistas nos jornais e revistas do país. O sr. Munhoz da Rocha, apaixonado que ficou pelo assunto, foi o primeiro a tomar uma medida prática, cedendo instalações da ilha das Flores ao S.A.M. Vamos ver agora se as demais autoridades, em vez de falatórios, tomam alguma providência que venha proporcionar benefícios aos milhares de menores que andam soltos pelas ruas do Rio de Janeiro.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA Nº 84

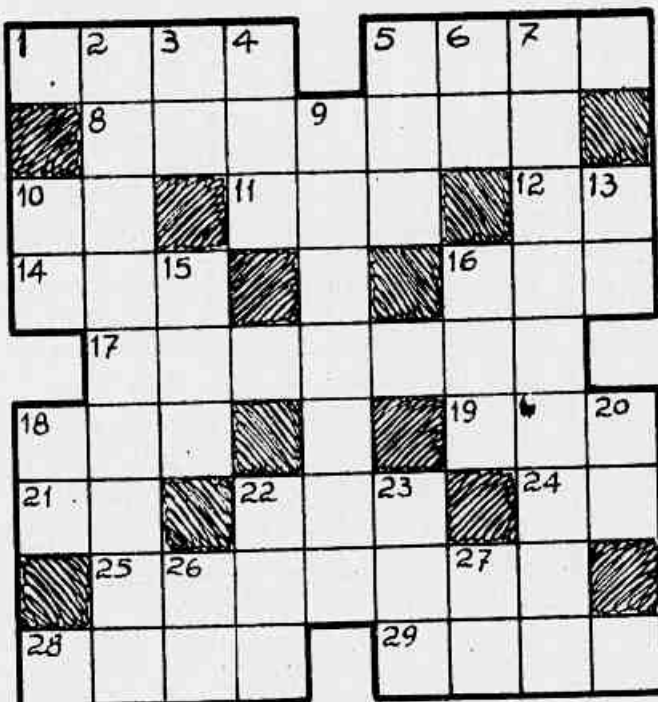
PARA VETERANOS



Ofanar - Rio

região campestre do Brasil — 12. Demora — 14. Espécie de licor alcoólico (pl.) — 17. Nome de uma pequena cutia — 18. Cordilheira de montanhas entre a Europa e a Ásia — 19. Olhar com ódio — 20. Cardume de sardinhas — 22. Presumes — 23. Com preferência.

PARA NOVATOS



Ofanar - Rio

— 13. Do verbo ser — 15. Unidade das medidas agrárias — 16. Maior — 18. Símbolo químico do érbio — 20. Isolado — 22. Rio que separa o Brasil do Paraguai — 23. Nome de homem — 26. Desinência verbal — 27. Basta!

* * *

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 83

PARA VETERANOS

HORIZONTALS: — Esaú — cala — Sir — Cap — oral — atá — pi-chorras — uariá — nas — curar — marrariam — Iria — ócio — gel — tal — olas — lóio.

VERTICAIS: Ésopo — siri — aracu — acará — lata — apase — lha-nura — arisaro — orara — imigo — crila — ricto — amolo — arel — aiai.

PARA NOVATOS

HORIZONTALS: cala — caro — aram — ator — mate — nada — alar-maram — cal — espelhara — roía — iras — amar — cêra — sama — emas.

VERTICAIS: cama — aral — lata — amerceara — canalhice — atar — roda — oram — mal — eras — soma — piam — arein — rara — asas.

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

NÃO SOFRA POR GÔSTO...



A Senhora pode aliviar os males próprios de seu sexo, usando

REGULADOR SIAN

Indicado nas dismenorréas

★ AUTOMOVEIS - Mil - ACESSORIOS ★

si V. tem automóvel e frequêz da M.L.L.



TELEG. 98-A RUA MEXICO 98-A FONES 22-6144
MEMIL 98-A RIO DE JANEIRO 98-A 42-5563
52-1066

O Lar Brasileiro tem
o apartamento
que o Sr.
procura !



Mais de 25.000 famílias (cêrca de 100.000 pessoas) possuem hoje um lar próprio adquirido graças às facilidades oferecidas pelo Banco Hipotecário Lar

Brasileiro S. A. Prosseguindo em seu programa de trabalho, o Lar Brasileiro estende agora a mesma oportunidade a mais algumas famílias que desejem realizar o sonho do **teto próprio**, ideal que o Lar Brasileiro torna possível pelo seu clássico sistema de financiamento a longo prazo.

COMPRE HOJE SEU TETO PRÓPRIO
e pague-o com mensalidades correspondentes aos alugueres

**Banco Hipotecário
Lar Brasileiro S. A.**

RUA DO OUVIDOR, 90



A-2092-A

SÃO BORJA

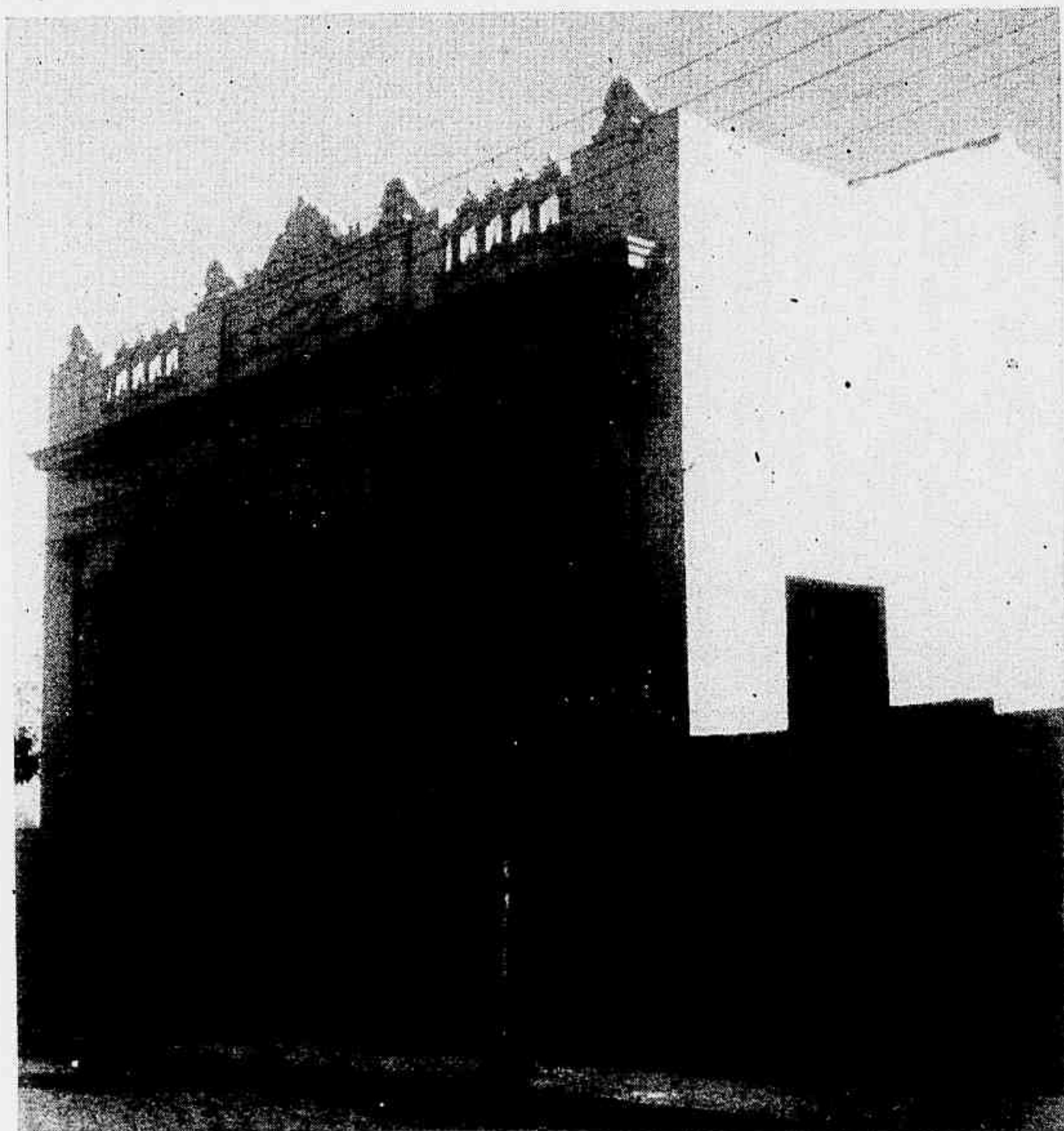
A TERRA NATAL DOS VARGAS

CIDADE TIPICAMENTE GAÚCHA ★ O CONCEITO DE HONRA DE SEUS FILHOS ★ ONDE APARECE PELA PRIMEIRA VEZ A FAMÍLIA VARGAS ★ AS RELAÇÕES ENTRE JANGO GOULART E A FAMÍLIA DE GETÚLIO VARGAS ★ GREGÓRIO E O CONTRABANDO ★ O CABARET DE JOÃO GOULART

Texto e fotos de VINÍCIUS LIMA

(3ª reportagem de uma série)

SÃO BORJA, localizada às margens do Rio Uruguai, em frente à cidade argentina de San Tomé, foi fundada em 1635 pelos jesuítas, sendo seus habitantes descendentes dos denominados «Sete Povos das Missões». Ruínas dos antigos aldeamentos construídos pelos religiosos ainda existem, na cidade de Santo Ângelo, por exemplo, antiga São Miguel. Pelo censo de 1940, São Borja contava com 12.000 almas. Contudo, em estatística mais recente ficou constatado que a cidade de Getúlio Vargas tem agora 13.900 habitantes, e o município inteiro, cêrca de 30.000. A população humana, aliás, é insignificante, se comparada aos imensos rebanhos que possui: nada menos de 400.000 cabeças de gado vacum e cavalos. Nem só de pecuária vive porém São Borja: o desenvolvimento agrícola é acentuado, sobretudo o cultivo do linho, cuja fibra está a bom preço — cêrca de nove cruzeiros o quilo. Bom negócio, para um vegetal que cresce até sôbre pedras. Além do linho, outros produtos agrícolas são produzidos, principalmente arroz, e logo em seguida, trigo. Falta a industrialização do município, é verdade. Mas essa, ao que parece, tão cedo não virá, de vez que há a crença generalizada de que qualquer indústria, sobretudo a de tecidos, seria sufocada pelos contrabandos da Argentina, onde os preços dos panos são notôriamente mais baixos.



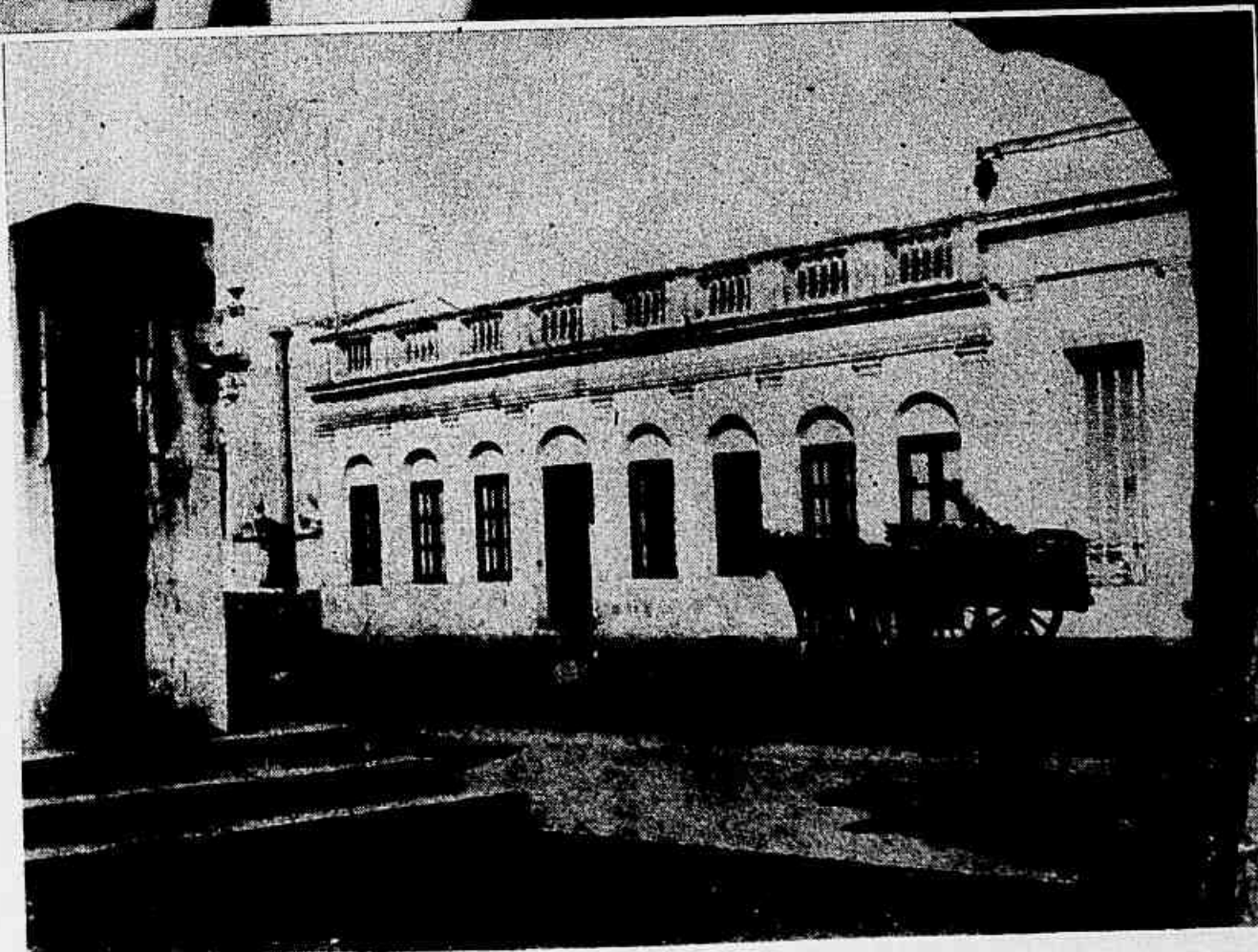
A casa onde durante muitos anos Getúlio Vargas teve seu escritório de advocacia. Daí êle saiu para assumir a promotoria de Alegrete.



A avenida Getúlio Vargas, de São Borja. Em primeiro plano, um gaúcho conduzindo uma carroça rumo ao cemitério. Era dia 24 de agosto.

● CIDADE TÍPICAMENTE GAÚCHA — A cidade tem escolas normais e ginásios, colégios de freiras e grupos escolares: duas unidades do Exército estão ali sediadas, dispondo de peças de artilharia. Há uma praça 15 de Novembro, uma rua 7 de Setembro, uma travessa Borges de Medeiros. Como diversão, **cabarets** e uma **boite** de propriedade de um refugiado argentino. Existem ainda clubes recreativos e campos de futebol, com as habituais «peladas» aos domingos — não fôra o Rio Grande do Sul um pedaço do Brasil. Mas o que de fato impressiona, em São Borja é a liberdade de que desfrutam as jovens da terra, que se deixam ficar pelas ruas até altas horas da noite, sem que ninguém as moleste. É aliás comum ver-se, nos bares da cidade, belas e sensatas moças, calmamente tomando gim puro, ou sorvendo a «tiquira» de 30°, para matar o frio intenso. Claro que há exceções, pois ali, como em toda parte, há

Uma revista carioca publicou após o 24 de agosto de 1954, uma casa onde Getúlio teria nascido. Não é verdade. Nesta casa, sim, nasceu Getúlio.





Contrabando ainda é negócio rotineiro na fronteira do Brasil com a Argentina. A foto, feita em Alegrete, dá bem uma idéia de como é natural.



Em plena praça XV de Novembro, em São Borja, os pequenos comerciantes vendem artigos procedentes da terra de Peron, no meio da praça.

famílias de rígidos costumes. Outra coisa que espanta, em São Borja, é o elevado número de cemitérios, marco, talvez, da era do banditismo, que, se agora diminuiu, ainda não foi extinto.

● **O CONCEITO DE HONRA** — Estando num café, na Praça 15 de Novembro, em companhia de um amigo, presenciámos um fato deveras alarmante: um cidadão, em dado instante, sacando de seu revólver, pôs-se a dar tiros para o ar, gritando:

— Eu hoje quero matar alguém!

Os ânimos estavam exacerbados, pois era o 24 de agosto. Dois policiais (existem apenas 6 para o município) aproximaram-se, exigindo-lhe os documentos. O desconhecido, calmamente metendo a mão no bolso, retirou-a cheia de balas de revólver, com arrogância:

— Eis aqui meus documentos.

E' claro que os policiais deram-se por satisfeitos...

Disse o conhecido que tal fato é trivial no lugar, e para provar como todos os homens, na cidade, andam armados, pediu a seus amigos que levantassem por um instante os paletós: debaixo deles, viu o repórter armas de fogo de todos os feitios e calibres, muitas vezes acompanhadas de afiados punhais. E' claro que o diminuto destacamento policial nada poderá fazer, caso haja uma discussão entre aqueles homens, cujo único conceito de honra é o respeito religioso que nutrem para com a mulher. Basta dizer que não existem, em São Borja, os crimes de natureza sexual. E se acaso são praticados, pode estar certo o criminoso de que tão cedo quanto possa a família da ofendida, ele será um homem morto. Outro traço marcante do natural de São Borja é a hospitalidade. Desde que o forasteiro não seja um covarde, pode sentir-se, na casa de um daqueles rústicos peões, a salvo de qualquer traição ou de qualquer embuste.

● **A FAMÍLIA VARGAS** — Todos os Vargas de São Borja vivem na avenida Getúlio Vargas, onde aliás se encontra a farmácia da qual foi

sócio o ex-presidente. Também João Goulart possui uma casa na avenida citada, onde atualmente funciona a sede local do P.T.B., cujo presidente é seu irmão Ivan Goulart. Contam os habitantes de São Borja que a família Vargas descende de um grupo de emigrantes aqui chegado em 1670, com os jesuítas, tendo lutado muito tempo contra os argentinos. Durante dezenas, talvez centenas de anos, os Vargas viveram do então péssimo negócio de gado. Enriquecendo e empobrecendo amidadas vezes, ao sabor da fortuna, atingiram o século XX, que deveria assistir o período mais glorioso da família, com a ascensão, em 1930, de um de seus membros à Presidência da República.

● **JANGO GOULART E OS VARGAS** — Ao contrário do que se fala, não existe laço algum de parentesco entre João Goulart e os Vargas. Jango é filho de tradicional família, muito conceituada na cidade. O jovem político, isso sim, sempre foi homem boêmio, a ponto de ter mandado construir **cabarets** na cidade. Contudo, é ele um ídolo de toda aquela gente, porque a trata de igual para igual, não recusando nem mesmo a «bagaceira» no primeiro boteco, que um vaqueiro lhe ofereça.

● **GREGÓRIO E O CONTRABANDO** — Procuramos saber a opinião dos sanborjenses sobre Gregório Fortunato. A resposta é unânime: um homem fiel ao ex-presidente, e que atingiu a uma condição para a qual não estava preparado. Encheram-no de vento. Viu-se bajulado e assediado por homens de posição, que lhe mendigavam favores. Diziam-lhe que era o Ministro da Defesa Nacional. Quando Gregório percebeu, já estava preso nas rédes da própria ignorância. E' um **pobre** homem rico, dono de três fazendas. Fêz negociatas à custa do grande poder de que desfrutava. Conclusão: Gregório Fortunato é mal visto em São Borja, onde uma parcela da população o aponta como o principal responsável pela morte de Getúlio Vargas. Aliás, era Gregório um dos principais exploradores do contrabando de gado da Argentina — vultoso



A paisagem comum nas margens do Uruguai. Mercadoria chegada legalmente para tapear, mas, a verdade é que a maioria tem destino ou procedência clandestina. Do outro lado é território argentino, onde a cachaça brasileira custa uma fortuna e um quilo de carne cu arroz, 75% menos que aqui.



negócio, por sinal, pois um animal que vale, na Argentina, mil cruzeiros, apenas transposta a fronteira passa a valer cinco vezes mais. Isso não deve causar espanto, pois o contrabando é tradicional em tôdas as fronteiras do Brasil. Na com a Argentina, vendem-se artigos do país vizinho com a maior naturalidade desse mundo. Basta dizer que, às margens do rio Uruguai, vêem-se centenas de fardos de arroz «importado», bem como volumes de fazendas. Tudo é feito na base de trocas: da Argentina chegam tecidos e cereais, do Brasil segue principalmente cachaca...

● O «CABARET» DE JANGO — Existe em São Borja um cabaret (do tipo do «Balalaika»), de propriedade do senhor João Goulart. Seu nome é «Copacabana», e nêle é inclusive explorado o lenocínio. Fica à rua Engenheiro Manuel Luís Fagundes, e o repórter o descobriu acidentalmente, em conversa com o fazendeiro Manuel Luís Piegas, correligionário político de Jango, que fôra a São Borja reverenciar a memória de Vargas. Disse êsse senhor, como se fôra a coisa mais natural do mundo, que João Goulart possuía um cabaret para seus amigos. Como lhe perguntássemos onde ficava, deu-nos o enderêço sem relutância. No local, obtivemos, da própria gerente do negócio — uma gorducha de nome Luísa — a confirmação de tudo.

Também o tabelião local (a quem, como pretexto, alegamos desejar comprar o «Copacabana») indicou-nos o nome de seu proprietário: o cabaret é de João Goulart. E para dar o assunto por encerrado: — O senhor deve entender-se diretamente com êle...

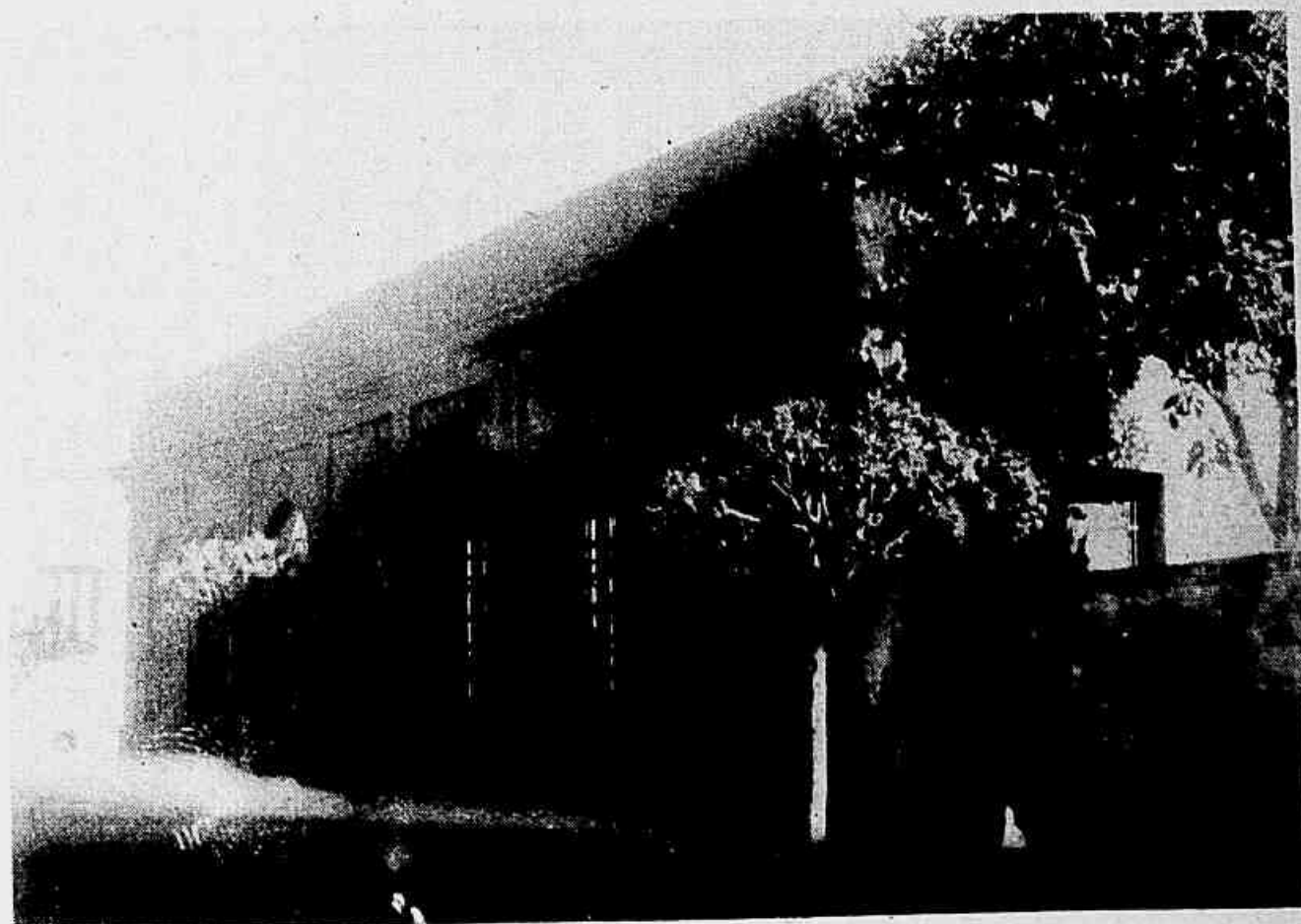
O «dancing» e prostíbulo «Copacabana», de São Borja, propriedade de João Goulart, para os amigos. Em 1º plano, Carmem, uma das «meninas».



Carmem numa foto de pouca fidelidade, porquanto a jovem pessoalmente é bem bonita. Foi a única que não fêz greve no dia 24 de agosto de 1955.



A residência da família Goulart, ocupada pelo chefe local do P.T.B., sr. Ivan, homem forte da terra e irmão mais velho do candidato Jango.



A velha casa em que viveu a família Vargas, após o nascimento de Getúlio. Foi também nesse casarão que faleceu o general Manuel Vargas.

LOTEAMENTO CIDADE BEIRA-MAR BARRA DE SÃO JOÃO

BARRA NA MAIS
LINDA PRAIA
NO MELHOR
PONTO TURISTICO
DO EST. DO RIO

CONTINUAÇÃO DA PRAIA DE
CABO FRIO



PRESTAÇÕES A PARTIR DE
CR\$
70,00
MENSAIS

MATAS • PRAIA
CAÇA • PESCA

VENDAS E INFORMAÇÕES

CONCESSIONÁRIA

C.-B.-M.

COMPANHIA BRASILEIRA DE MELHORAMENTOS

RUA ARAÚJO PORTO ALEGRE, 56 — Sobreloja 2

Esq. Av. Graça Aranha (Esplanada do Castelo)

TELEFONE : 32-9933

Horário : 9 às 18 horas (inclusive sábados)

Domingos : das 9 às 12 horas.

O MELHOR NEGÓCIO DO MOMENTO
COM ESTAS VANTAGENS EXCEPCIONAIS :

- ★ Pagamento em 100 meses
- ★ Sem entrada e sem juros
- ★ Condução farta : diversas linhas de ônibus partindo de Niterói
- ★ Valorização positiva — Decreto n.º 58
- ★ Construção livre — Posse imediata.
- ★ Caça e pesca abundante.
- ★ Uma paisagem maravilhosa à beira do Atlântico.

ACEITAM-SE CORRETORES PARA SENSACIONAL PLANO DE VENDAS.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 17 E 23 DE
SETEMBRO DE 1955 (HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — A posição do leitor em face do influxo planetário será bem melhor, agora. Os dias 17, 18, 19 e 21 serão particularmente favoráveis aos seus negócios e às suas pretensões, isto sob qualquer aspecto.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — O influxo planetário nos próximos sete dias será benfazejo, no seu caso. Haverá facilidade nos entendimentos, nas soluções harmoniosas e no bom acolhimento das idéias e das propostas. A natureza fecunda da semana lhe dará dias promissores.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — O leitor está sob a ameaça de surpresas desagradáveis no seio da família. Tenha cuidado redobrado com seus enfermos e não faça visita a parentes, notadamente nos três últimos dias da semana.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Sua posição astral não se modificará substancialmente, no curso da semana. O ambiente continuará propício às suas atividades e lhe proporcionará um resultado mais elevado. Uma coisa, porém, deve ser recomendada: Não viaje nos próximos sete dias.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — A semana passada sorriu para o leitor. A semana presente o premiará, dando-lhe uma ambiência extraordinária. Setembro não é traiçoeiro como agosto, especialmente para os leoninos.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — Os negócios a prazo, nesta semana, conterão o germe das soluções más. Evite como puder os negócios dessa natureza. A obtenção de crédito, igualmente, além de difícil, não levará as coisas a bom termo.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — A natureza benéfica do influxo planetário, na semana em pauta, será modificada somente em referência às questões sentimentais. Tudo o mais correrá a contento.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — É preciso agir com presteza e com atenção. A chance passará de raspão e a galope, no dorso de Uranus. Sem diligência e sem atividade, o leitor nada conseguirá.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — A nova semana terá uma feição toda superficial. Não se empregue a fundo, em qualquer sentido, pois não conseguirá a realização dos seus propósitos. Para os assuntos de maior importância, convém esperar outra oportunidade.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — A nova semana não lhe trará imprevistos nem aborrecimentos. Seus negócios correrão normalmente e com resultados satisfatórios. Não confie muito, porém, na sua «entourage», abrindo-se em demasia. Nas relações mais íntimas haverá uma pontinha de traição.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Os dias pares da semana favorecerão suas ati-

vidades profissionais e a vida doméstica. Os ímpares servirão para as relações sociais e para a vida sentimental, somente.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — O clima astral da semana predispõe às associações de interesse, à formação de grupos e ao trabalho de equipe. O período favorecerá, igualmente, os casamentos, os noivados e a propositura de ação, em juízo.

OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 17	—	Hélio	—	Helena.
" 18	—	Sálvio	—	Eitel.
" 19	—	Dagoberto	—	Flávia.
" 20	—	Evandro	—	Irma.
" 21	—	Suetônio	—	Isaura.
" 22	—	Teobaldo	—	Nélia.
" 23	—	Ivanildo	—	Sílvia.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Setembro, 17	23° 49' 16"	(Signo da Virgem)
" 18	24° 47' 51"	(" " ")
" 19	25° 46' 27"	(" " ")
" 20	26° 45' 05"	(" " ")
" 21	27° 43' 45"	(" " ")
" 22	28° 42' 27"	(" " ")
" 23	29° 41' 10"	(" " ")

A "FRONTEIRA" POÉTICA DE MENOTTI FOI VENCIDA



EVA

● Por alguns anos conservou Luís Iglésias em seu poder o original só agora estreado, de Menotti del Picchia, disposto a encená-lo na primeira oportunidade, quer dizer, quando tivesse no elenco uma atriz capaz de arcar com a responsabilidade do difícil papel de Don'Ana, uma velha fazendeira paulistana do último quartel do século dezenove. Tão depressa a intérprete apareceu, na pessoa da sra. Henriette Morineau, «Fronteira» foi apresentada, para dar ensejo à ilustre atriz, de uma nova e consagradora criação. Por força do texto é ela a heroína da peça com que o acadêmico e poeta bandeirante faz o seu retorno às lides do teatro e o faz com o mérito de suas demais obras. Sem dúvida, «Fronteira» é uma peça simplória, sem largas pretensões, até versando tema por demais trivial, mas valorizado pela maneira porque lhe dispensa o autor um tratamento literário limpo, escorreito, sem pompas nem requintes, mas sumamente humano. A história da velha fazendeira, mãe de dois casais e cada filho com um temperamento distinto, provocando o entreechoque inevitável precisamente quando a maior cordialidade deveria imperar, reunidos os filhos em véspera da morte da bondosa senhora, pode não encerrar a mais leve

parcela de novidade, mas permite na solução do conflito entre os cinco personagens centrais, o ensejo de outros tantos desempenhos esmerados. Já dissemos que o da sra. Morineau, por força das circunstâncias, leva a melhor; isso não impede que tenham os demais a sua parcela de oportunidade. Fosse a peça representada quando foi escrita, dir-se-ia que Eva Todor nos dava um papel diferente, com a sua «Madalena» — que por sinal não chega a ser arrependida. Mas acontece que Eva, nestes últimos tempos, tem variado consecutivamente de estilo, e esse de «Fronteira» passa a ser simplesmente uma variante dos demais. Registe-se o desembaraço e a naturalidade maiores de Jorge Dória, no irmão boêmio e irreverente. Enquanto Manuel Pêra soube imprimir ao outro irmão, homem prático e de hábitos rotineiros, o seu proverbial toque de correção, que também se estende a Rodolfo Arena (muito ingrato o prêto Inácio, velho e aleijado, com aquele doloroso dobrar de pernas ao caminhar), e Armando Rosas, no médico da família. Discreta a atuação de Ada Camargo na irmã Verônica e perfeitamente aceitável a de Pérola Negra na da velha Raimunda.

De qualquer modo, a presença de Menotti del Picchia em um cartaz da temporada, é motivo de satisfação. E o costumeiro esmero com que a peça foi posta em cena, contribui para predispor o público, que assiste a «Fronteira» com vivo e justo interesse.

Mas o predicado maior, dominante, da peça de Menotti, está condensado na sua força poética. Acima de tudo, como expressiva página da literatura dramática, é que se deve assistir ao novo espetáculo do Serrador.

Direção da sra. Henriette Morineau, com todos os característicos e personalismos da mesma.

CAEM DE INTERESSE OS FESTIVAIS

● Eram a princípio uma atração de turismo com repercussão internacional. Cannes e Veneza davam cartaz e filme que dali trouxesse um troféu, marcava sucesso infalivelmente. Toda a gente sonhava ir ver um Festival de perto. Depois... foi o que se viu: a quantidade prejudicou a qualidade. Punta del Este vulgarizou os festivais por este continente, e o de São Paulo, em 54, pela falta de organização, incumbiu-se de dar-lhe o tiro de misericórdia. Desde então, nem mesmo Cannes e Veneza quebram a frieza com que, à distância, o público vai acompanhando as peripécias dessas reuniões onde muita gente se diverte, outra se aborrece, onde se toma banho de mar, se dança — e até se trata de cinema.

Este ano, «Samba Fantástico» fez o que pôde no festival da Côte d'Azur, mas não foi muito. E agora, «Mãos Sangrentas» logrou ser incluída na programação oficial da mostra italiana, mas não se destacou e foi considerado «excessivamente horroroso» (?). Dos males o menor: se esse foi o seu mais grave defeito, então sempre é o caso de cumprir Roberto Acácio.

Como nota de sensação, em Veneza, há o episódio de «Blackboard Jungle», que os telegramas divulgaram. A sra. Clara Booth Luce, embaixadora dos EE.UU. na Itália, protestou contra a inclusão daquele filme no Festival, alegando ser uma história desabonadora para o seu país. Na verdade, o filme que para o Brasil vai denominar-se «Sementes de Violência», conta apenas um crime praticado por universitários norte-americanos. Poderá ocasionar ataques contra a civilização americana, foi dito. Como também se disse, com estranheza, que as revistas «Life» e «Time», de propriedade do marido da sra. Clara, não tiveram sua circulação proibida na Itália, quando divulgam coisas idênticas ou ainda mais depreciativas. E foi esse o episódio que até agora algum interesse despertou para a festinha do Lido. Só falta o clássico escândalo da «estrêla» novata que foi banhar-se demasiadamente nua ou que beijou o galã famoso p'ra fazer cartaz.

E SEGUE O ESPETÁCULO

● Anuncia-se a volta de Alma Flora e Salu de Carvalho, de Lisboa. — E o provável embarque de Virginia Lane, com o mesmo destino. — Sabe-se agora que a Empresa Pascoal Segreto há quinze anos está au-

torizada pela Prefeitura a dar espetáculos cinematográficos no Teatro Carlos Gomes. — E parece que vamos ter um campeonato de dança-hora, no Cineac, depois do jejuador Urbano completar os 104 dias de «penitên-

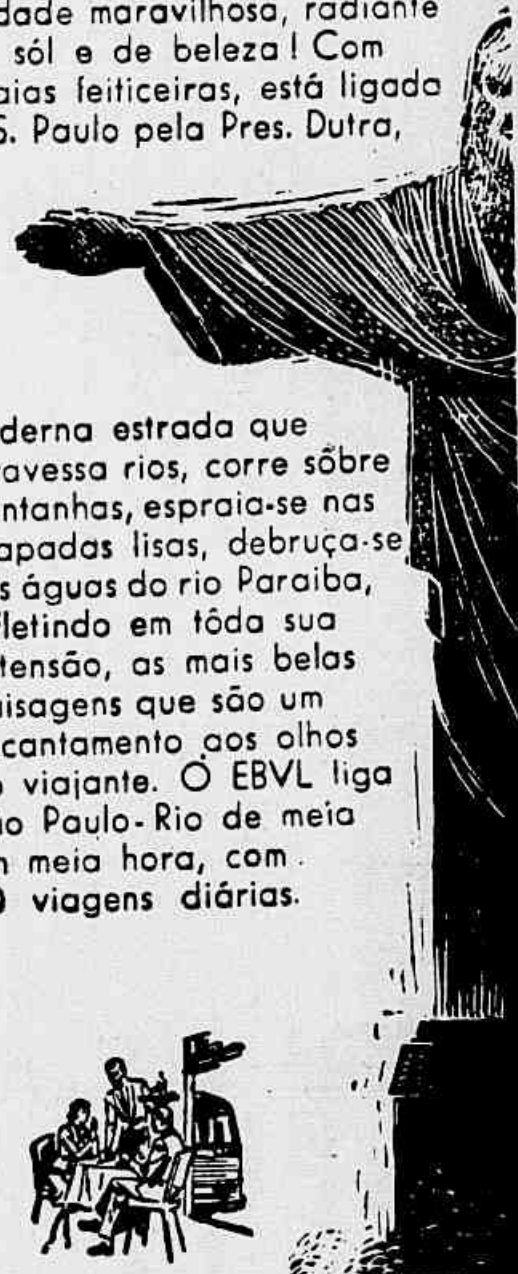
cia espontânea». — A volta de Roulien é uma das boas notícias para o fim do ano. No Serrador, com «Os Amores de Benevuto Cellini». — O estado de sítio em Buenos Aires, e as consecutivas perturbações de ordem, tem afetado a temporada de Valter Pinto, o que é pena. — Para 1956, anuncia-se a presença de uma companhia portuguesa de revistas, com Vasco Santana, nesta capital.



LANA (CABELOS DE OURO) TURNER EM FÉRIAS — Antes de iniciar a filmagem de «Dianne», uma história da Renascença — França do século XVI — Lana Turner foi tomar sol em Palm Springs. A propósito: ela continua a fazer em Hollywood intensa propaganda do banheiro do nosso Ministério da Fazenda e promete voltar a Copacabana. Pelas dúvidas, deve telegrafar, antes, perguntando se não está faltando água na banheira do Ministério.

RIO de Janeiro

Cidade maravilhosa, radiante de sol e de beleza! Com praias feiticeras, está ligada a S. Paulo pela Pres. Dutra,



moderna estrada que atravessa rios, corre sobre montanhas, espraia-se nas chapadas lisas, debruça-se nas águas do rio Paraíba, refletindo em toda sua extensão, as mais belas paisagens que são um encantamento aos olhos do viajante. O EBVL liga São Paulo-Rio de Janeiro em meia hora, com 50 viagens diárias.



Paradas para lanches e refeições

AGÊNCIAS DE EMBARQUE E INFORMAÇÕES

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456

RIO

Est. Rodoviária Pça. Mauá - Fone 23-3912



EXPRESSO BRASILEIRO

ESPORTE ILUSTRADO

TUDO SOBRE ESPORTES



CABELOS BRANCOS só tem quem quer

JUVENTUDE ALEXANDRE

USA E NÃO MUDA, quem os não quer



AS BANDEIRAS HISTÓRICAS

O DESFILE IMPONENTE DO DIA DA PÁTRIA

● ENTRE AS NOVIDADES apresentadas na grande Parada Militar de 7 de Setembro, duas, pelo seu ineditismo, alcançaram grandioso êxito: a primeira, a cornamusa, ou gaita escocesa, que empunhada pelos Fuzileiros Navais, fazia sua primeira aparição entre nós; a outra, o desfile, dois por dois, dos componentes da Polícia Militar — dos «Cosme e Damião», como os chama carinhosamente o carioca. Mas houve inúmeros outros atrativos, como por exemplo os tanques de guerra; os aviões a jato; as mascotes caninas; os Dragões da Independência; os canhões gigantescos; as bandeiras históricas.



O PRESIDENTE E OS MINISTROS MILITARES



O HELICÓPTERO



O CORPO DE BOMBEIROS



O TAMBOR E A MASCOTE



O TANQUE DE GUERRA



COSME E DAMIÃO

O DIA DA PÁTRIA



As Cornamusas fizeram sua auspiciosa estréia entre nós. E os cães pastôres foram um dos pontos altos do belo desfile das Forças Armadas.



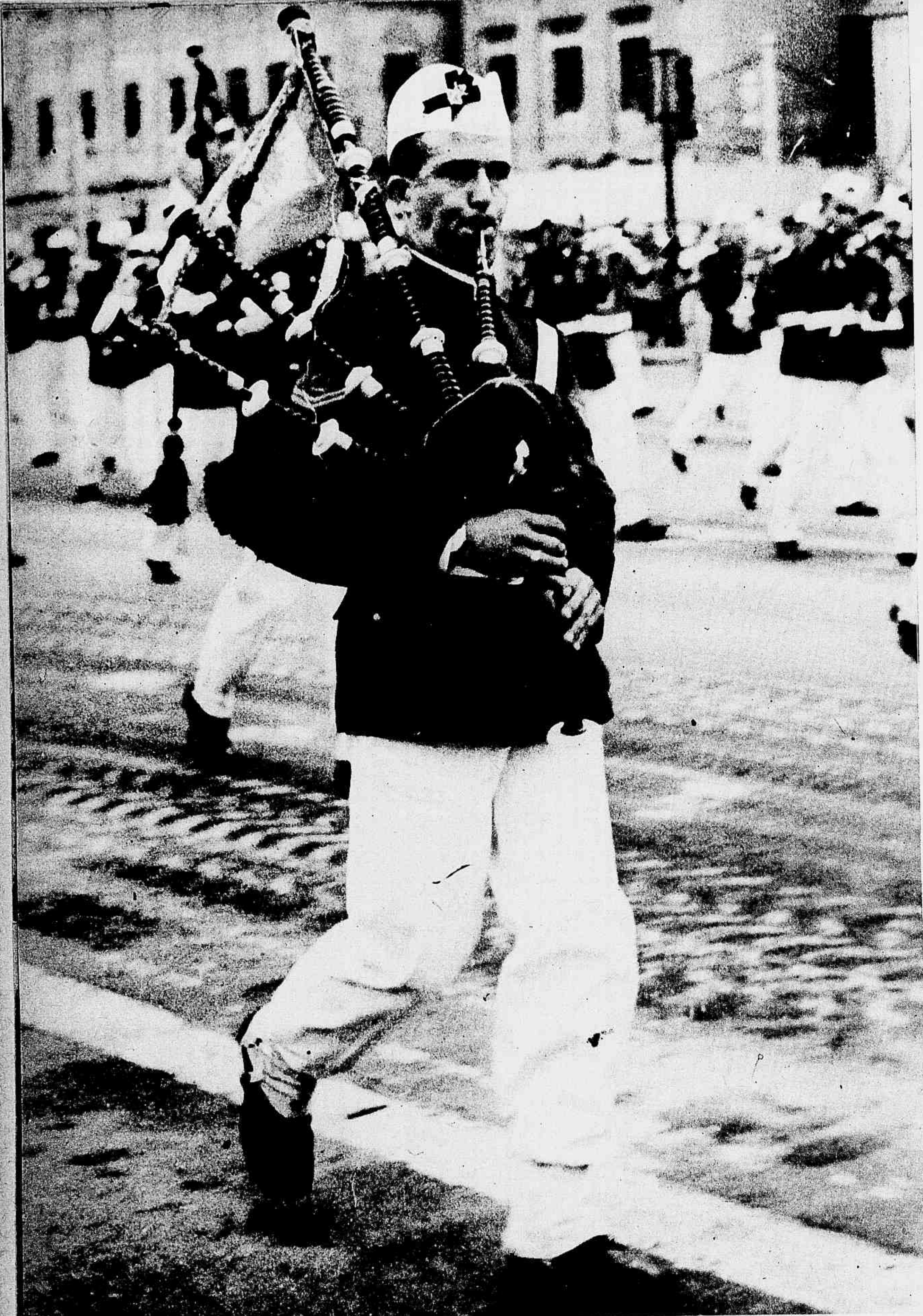
A ENFERMEIRA CARINHOSA E AS CRIANÇAS QUE ACOMPANHAM ATENTAMENTE A PARADA.



A LIMPEZA DAS RUAS E PARTE DA ASSISTÊNCIA ENCARAPITADA SÓBRE OS FÉRREOS PORTÕES.



A «LOURDINHA» SILENCIOSA E O ENCARTELADO E SUARENTO CORPO DIPLOMÁTICO.



ÚLTIMO FLASH

Agora também gaita escocesa!

● A exemplo do que acontece em outros países, os grandes desfiles militares são, no Brasil, motivo de alta vibração popular. Gosta o cidadão que paga os seus impostos (e se prepara para votar conscientemente a 3 de outubro), de apreciar a parada imponente de 7 de Setembro. Gosta de levar a mulher, os filhos e a merenda, de arranjar um posto de observação convidativo e de ali ficar, das 9 ao meio-dia, até a passagem do último soldado. Este ano, o desfile do Dia da Pátria teve, entre outras, uma nova atração: um conjunto de gaitas escocesas incorporado à bem-querida Banda do Batalhão Naval, que mesmo antes dos delírios de auditórios radiofônicos, era já considerada «a maior». E a passagem dos rapazes da Banda, soprando a gaita de toles e dela tirando delirantes efeitos sonoros, arrancou aplausos da grande massa popular. Soprar na gaita não é difícil — o segredo está em soprar e sair música «de verdade». Foi o que conseguiram realizar os garbosos componentes da Banda do Batalhão Naval.

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 38 — Rio de Janeiro — 17-9-55

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....Gratiliano Brito
Diretor-Comercial.....Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....Wenceslau Quintais
Diretor de Publicidade.....J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores.....S. L. Guimarães, A. Mendes,
S. Sant'Anna e A. Nóbrega

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria:
22-5602 — Gerência: 22-6647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cz. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO

Rua João Bricola, 46

PUBLICIDADE:

ORGANIZAÇÃO PAULISTA LTD. (ORPAL)

à rua Sete de Abril, 374

Telefone: 36-4725

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 250,00
Seis meses	Cr\$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 280,00
Seis meses	Cr\$ 140,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 400,00
Seis meses	Cr\$ 200,00

O número avulso custa Cr\$ 5,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 6,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

A MAIOR EQUIPE de CRONISTAS e FOTÓGRAFOS ESPORTIVOS!

LEVY KLEIMAN

CARLOS ARÉAS

THOMAZ MAZZONI (Olimpícus)

WILLIAM GUIMARÃES

LEUNAM LEITE

JOSÉ SANTOS

ALBERTO FERREIRA

CARLOS SAMPAIO

WALTER CANONGIA

HERBERT MESQUITA

R. A. A. COUTINHO

SÍLVIO CINTRA FILHO

KLEBER PIMENTA

CESAR TORRACA

LUÍZ LEO SAMPAIO

VITO MONIZ

SÍLVIO RANGEL

NEWTON VIANA

ALBERTO LIMA

FRED QUARTEROLLI





HANSEL E GRETTEL, ARTISTAS DE CINEMA

NÃO faz muitas semanas, a platéia do Teatro Municipal do Rio de Janeiro assistiu à primeira representação, no Brasil, da ópera «Hansel e Gretel», de Engelbert Humperdinck. A deliciosa música do compositor alemão, o vivo colorido dos cenários, o pitoresco da caracterização dos artistas, impressionou favoravelmente o exigente público carioca, acostumado sempre ao melhor. Agora, é a vez de o cinema apresentar a interessante história infantil. Contudo, como escapar ao lugar comum, não repisando as velhas fórmulas dos teatros, que desde a estréia da ópera, em 1893, vêm se reproduzindo? — Graças aos **Kinemins**. E que coisa é um **Kinemin**? Ora, um **Kinemin** é um boneco extraordinário, capaz de efetuar todos os movimentos do corpo humano, graças a um intrincado mecanismo eletrônico. Até nervos semelhantes aos nossos o **Kinemin** possui — é claro que artificiais.

Pois bem: cerca de 50 **Kinemins** tomam parte no filme, cada qual tendo custado a bagatela de 2.500 dólares! Seu inventor, o conhecido engenheiro Michael Myerberg desde 1937 que neles trabalhava, dia a dia acrescentando-lhes um aperfeiçoamento. O resultado é o que se vê: os **Kinemins** parecem de carne e osso. E são artistas! Com a vantagem de trabalharem de graça. O único inconveniente é não possuírem eles voz — o que, aliás, parece ser provisório. Até lá, contudo, até que Papai Myerberg lhes arranje cordas vocais idênticas às de um Gigli ou de um Galli Curci, teremos de contentar-nos com a dublagem de vozes de conhecidos artistas norte-americanos. «Hansel e Gretel», pois (que os brasileiros conhecem sob a denominação de «João e Maria»), dentro em breve fará sua aparição no Rio de Janeiro, nas novas roupagens que lhes arranhou o formidável criador de bonecos que é Myerberg. (Fotos RKO)



Graças aos
"Kinemins", uns
bonecos
extraordinários,
dotados de
cérebro, nervos
e músculos
eletrônicos, a
velha ópera de
Humperdinck
surgirá em
roupagens
inéditas nos
cinemas de
todo o mundo



- *Tem razão...*

estou gostando muito mais de Hollywood!...

Cada vez mais pessoas estão mudando para

hollywood
uma tradição de bom gosto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

